

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GUSTAVO SILVA DE MOURA

“Acham que somos alienados”:

O rock na imprensa do litoral do Piauí nos anos 1970-80

GUARULHOS
2019

GUSTAVO SILVA DE MOURA

“Acham que somos alienados”:

O rock na imprensa do litoral do Piauí nos anos 1970-80

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Historiografia

Linha de Pesquisa: Instituições, Vida, Material e Conflito

Orientador: Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus

GUARULHOS
2019

Moura, Gustavo Silva de.

“Acham que somos alienados”: O rock na imprensa do litoral do Piauí nos anos 1970-80 / Gustavo Silva de Moura – Guarulhos, 2019.

147 f.

Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Guarulhos, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus.

Título em inglês: “Acham que somos alienados”: rock in the press of the coast of Piauí in the 1970s and 1980s

1. História. 2. Litoral do Piauí. 3. Rock. 4. Imprensa. 5. Cultura. I. Título

GUSTAVO SILVA DE MOURA

“Açam que somos alienados”:

O rock na imprensa do litoral do Piauí nos anos 1970-80

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus

Aprovada em: 12 de fevereiro de 2019

COMPOSIÇÃO DA BANCA

Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Orientador

Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Examinador interno

Profa. Dra. Claudia Cristina da Silva Fontineles
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Examinadora externa

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida entre 2018 a 2019. Agradeço ao professor Denilson Botelho, pela orientação nesses últimos 3 anos em que estive como aluno no PPGH da Universidade Federal de São Paulo.

Pela segundo vez em minha vida escrevo agradecimentos de um trabalho acadêmico, isso não fez a tarefa ser fácil diante dos inúmeros momentos e pessoas que passaram pelo meu caminho desde 2015 e foram essenciais em minha formação acadêmica e pessoal. Por conta disto, peço adiantadas desculpas se esqueci alguém.

Decidi começar citando as pessoas por ordem de chegada no meu percurso. Isto me leva ao primeiro nome, minha mãe, Teresinha de Jesus, uma mulher guerreira, que não precisou de teorias e conceitos complexos do mundo acadêmico para me ensinar mais do que qualquer aula. Aprendi com ela a ser uma pessoa que respeita as diferenças e busca contribuir com a sociedade, sempre levando a humildade, amizade e reconhecimento da minha origem para qualquer parte do mundo. Se estou limpo nesse mundo acadêmico de vaidades, devo tudo a esses ensinamentos. Nesta caminhada em um lugar desconhecido e longe de casa tive sua motivação e ajuda de quem aguentou a saudade e fez eu não desistir.

Agradeço ao meu pai Miguel. Mesmo há muitos anos longe, foi essencial nesta caminhada, sem ele não seria possível sair do Piauí rumo a São Paulo. Na terra da garoa fui acolhido em sua casa na cidade de Ferraz de Vasconcelos, com amor, carinho e lugar para ficar. Mesmo não entendendo o que era um mestrado, acreditou em mim e no meu sonho, sempre ajudando no possível e impossível e presenciou atentamente a defesa desse trabalho em um lugar onde nunca teve oportunidade de chegar. Sem isso tudo eu não teria alcançado o objetivo final.

A minha família é a base para quem eu sou, agradeço a todos que ajudaram na realização desse sonho. Desde minha vó Socorro, minha tia Peta, meu primo Aldemir e todos os tios, tias e primos que em algum momento me auxiliaram de diversas formas.

Outra pessoa importante na realização da dissertação foi Julianna Araújo, seria muito mais difícil concluir essa etapa sem a sua presença e amizade. Em 2015 incentivou-me a ir em busca dos meus sonhos e manteve seu apoio, mesmo nas adversidades e distâncias. Quando passei no mestrado foi uma das primeiras pessoas que avisei. Tornou viável minha pesquisa, emprestou dinheiro na dificuldade, sempre me ouviu, deu broncas, comemorou as vitórias e me fez entender os motivos das derrotas. Além disso, disponibilizou a câmera que fotografou

90% das fontes deste trabalho, pedindo ao seu pai, sr. Luiz, outra pessoa que sempre ajudou quando precisei, assim como toda sua família.

Outra pessoa que não pode ser esquecida nestas linhas é Pedro Vagner, seu nome vai surgir no decorrer dos capítulos da dissertação, pois é um dos melhores historiadores que tiver a sorte de ler. Além disto, nossa amizade que começou na graduação e dura quase uma década foi essencial nos momentos mais difíceis que passei dentro do mestrado e em SP. Sempre pude contar com sua quando não tinha dinheiro pra coisas básicas, como almoçar e pagar as diversas conduções que pegava para ir a Guarulhos. Contribuiu muito nas leituras dos meus textos, nas constantes conversas, no trabalho de digitalização das fontes. Agradecer em um parágrafo é injusto diante de tudo que fez e tem feito até hoje.

Outra pessoa a quem devo muito é meu amigo Renato, desde nossa adolescência tem me ajudado, foi a pessoa que me deu o primeiro computador, me levou em Teresina em uma das diversas viagens que fiz entre SP-THE e várias outras coisas que alongariam esse texto ao desconhecido, pois são mais de 10 anos de amizade.

Nessas idas para SP também tive colaboração de Thiago "Black" Araújo, amigo que conheci na Cena Rock de Parnaíba e um guerreiro do Thrash piauiense. Em 2015 foi me buscar na rodoviária de Teresina e me levou ao aeroporto, local que começou a minha jornada rumo a conclusão do mestrado. Junto a ele estão o pessoal do grupo “coisa séria”, Flávio, Diêgo, Carlito, Léo, Pedro e Bruno, pessoas da cena rock piauiense que partilham e debatem sobre rock e política.

O mesmo Bruno foi importante em muitos momentos do mestrado, salvando minha vida quando ela se chocava com a tecnologia, ter amigo doutorando em engenharia elétrica e computacional faz uma diferença enorme quando seu texto de um congresso nacional corrompe ou seu notebook resolve não querer mais iniciar.

Neste percurso conheci no mundo acadêmico pessoas que me fizeram acreditar que poderia existir pessoas generosas nesse mundo de vaidades. Principalmente diante do panorama contrário ao qual tiver contato em muitos momentos. Uma dessas pessoas foi Daniel Ciarlini, intelectual de mão cheia, mesmo não me conhecendo, me recebeu em sua casa, procurou e disponibilizou as fontes que possibilitaram meu trabalho e tornou-se um amigo.

No mundo acadêmico tive a sorte de conhecer a professora Marta Rovai, uma mulher guerreira de Osasco que foi desbravar o litoral piauiense, agradeço pela sua escolha, sem isso não teria uma formação tão humana dentro da UESPI. Em SP me recebeu em sua casa para cafés e conversas, sempre dizendo que sou um dos filhos piauienses (como toda mãe deu

diversos conselhos que sempre vou levar comigo). Senti o respeito, carinho e atenção de seu lar em todas as vezes que o Sr. César Rovai abriu a porta sorrindo, no dia que visitamos seus pais e vários outros momentos. A eterna professora Marta me proporcionou um lugar de afeto em meio ao cinza do céu de SP.

Em São Paulo tive ajuda de muitas pessoas, agradeço ao meu primo Joseflan, primeiro por ter ido me buscar no Aeroporto de Guarulho, ensinando o caminho do que seria a minha casa nos 2 anos e meio em SP e pelos vários rolês que tivemos, onde aconteceu o reencontro com Evandro, pessoa que me proporcionou os rolês mais loucos e alternativos de SP e histórias que vou contar para as próximas gerações.

O céu de São Paulo seria menos colorido entre 2016 e 2017 sem a presença de Sarah. Nos quase dois anos em que estivemos juntos você foi essencial na minha trajetória, me livrou da morte (literalmente), sendo companheira no momento mais difícil da minha vida. Dentre os vários ensinamentos, mostrou que a primavera fria de SP também poderia ser um lugar onde as flores mais bonitas poderiam surgir. Isto não seria possível sem tudo que me ensinou.

Em março de 2016 conheci pessoas que agora fazem parte da minha vida. Com elas e eles lutei, sorri, chorei, não desisti e persisti na busca de um mundo melhor, além de tomar várias brejas. Por isso agradeço a turma de mestrado em História que fiz parte. Obrigado Fábio; Demetrio; Bruna; Bruno; Jonathan; Geise; Vanessa; Igor; Elson; Regis; Talita; Daniela; Oswaldo; Daniela Almeida; Daniela Nascimento; Camilo; Paola; Thaís; Rodrigo; Wagner; Vitor; Michele; Larissa; Eduardo; André; Andrea; Danielle; Flávio; Larissa; Lucas; e Paulo.

Destaco Lillian Falcão, uma pessoa impossível de descrever em poucas palavras, seria injusto fazer isso diante da importância de sua amizade. Abrigou-me na sua casa todas as vezes que precisei (sempre acompanhado da Petra a gata proprietária da casa), dividimos várias brejas na imensidão de SP e me presenteou com uma luminária linda que agora está na minha mesa de estudos no Piauí e me faz lembrar da pessoa iluminada que é. Em momentos decisivos pude contar com todo seu carinho, dentro e fora dos muros da UNIFESP. Em nossos rolês conheci muita gente legal, dentre elas cito Marilza e Alexandre, que junto a Lillian sempre abriram as portas de seu apartamento e me acolheram com carinho e um café pela manhã.

Outra pessoa que conheci no mestrado e resalto é Ricardo Arruda, desde as primeiras aulas nos aproximamos pela afinidade de área de nossas pesquisas sobre o rock. Você ampliou minhas referências e percepções sobre a música que pesquisamos, foi parceiro de elaboração de minicurso e projetos, mesmo nas divergências foi construída uma amizade, que se equipara a fortuna do Led Zeppelin.

Agradeço aos professores que tive a oportunidade de conviver durante o mestrado. Percebi novos horizontes nas diversas aulas. Era percurso árduo nas manhãs de Quarta, Quinta e Sexta que para mim começava sempre às 4h, mas valeu o esforço. Tive o prazer de assistir as aulas de: André Machado; Luís Filipe Silvério Lima; Marcia D'Alessio; Andréa Slemian; Carlos Garriga; Maria Rita Toledo; Luigi Biondi e Denilson Botelho. Sou grato também a professora Edilene Toledo, que abriu as portas da sua sala de aula e me acolheu no estágio feito na disciplina Brasil IV.

Os últimos e decisivos passos da dissertação foram possíveis pela importante contribuição do professor Fábio Franzini e da professora Mariana Villaça na banca de qualificação. Fui apresentado por eles a novas referências, falhas, acertos e possíveis rumos a serem tomados. Na defesa agradeço novamente ao professor Fábio Franzini e incluo o nome da professora Claudia Fontineles que se disponibilizou a participar da banca diretamente do Piauí via videoconferência, contribuindo com a sua experiência em pesquisas sobre a história do Piauí, fazendo elogio e críticas valiosas sobre o trabalho.

Por fim, minha eterna gratidão à Bárbara. Pela paciência, estímulo, companheirismo e dedicação no final desta jornada. Nos últimos momentos e mais decisivos estive ao meu lado, proporcionando um ambiente confortável e de paz, necessários em meio a prazos apertados, tensões e noites viradas em frente ao computador.

Muitas pessoas passaram por essa jornada, algumas permaneceram, outras a vida naturalmente distanciou, além daqueles que por diversos motivos não puderam ver eu concluir o mestrado. Por isto dedico todas as letras que estão escritas ao meu avô Benedito, que não conseguiu ver seu neto mais velho conquistar um diploma de graduação e mestrado. Também agradeço ao Ikki e Lyra, os dois gatos mais humanos que tive a oportunidade de conviver, para mim não foram simples animais. Ambos foram seres que me ensinaram o carinho, responsabilidade e a saudade.

Em riba daquele morro há uns sete beijos encantados
Em cima daquele morro há uns sete beijos de amor
No caidinho da tarde, beijando na boca da noite
O teu olhar no crepúsculo
Viajar por cima do rio
Preencher o vazio em ti
Eu vou dar mortais sobre o rio
Preencher o espaço vazio em mim
Ei Iemanjá José de Maria mandou te acordar
Pra eu não te pegar de bobs
Oferendas pra te dar
Flores e águas de cheiro de mar
(Em riba do morro – Teófilo Lima)

RESUMO

O presente trabalho investiga o fenômeno musical/comportamental rock no litoral do Piauí nas décadas de 1970 e 1980, através da imprensa local, mais precisamente: *Folha do Litoral*, *A libertação* e *Jornal Inovação*. Pretende-se examinar como cada veículo comunicacional definia e abordava o rock em suas páginas. Com isso, objetiva-se explorar quais as formas de difusão e apropriação do referido estilo musical na região, alcançando assim a juventude local, levando em consideração a efervescência da indústria fonográfica brasileira na década de 1970 e a sua consolidação na década de 1980. A abordagem que a imprensa da região destinou ao rock permite problematizar diversos aspectos do contexto político, social e cultural da época, numa localidade em que este fenômeno carece de investigações. Trata-se de uma temática pouco estudada em nível de pós-graduação quando se refere ao Nordeste brasileiro e inédita sobre o litoral do Piauí.

Palavras-chave: História. Litoral do Piauí. Rock. Imprensa. Cultura.

ABSTRACT

The present work investigates the musical/behavioral rock phenomenon on the coast of Piauí in the 1970s and 1980s, through the local press, more precisely: *Folha do Litoral, A libertação e Jornal Inovação*. It is intended to examine how newspapers defined and approached rock in its pages. The aim, has the objective explore the propagation ways of the musical style in the region, reaching the local youth, considering the effervescence of the Brazilian music industry in the 1970s and its consolidation in the 1980s. The approach that local press has assigned to rock allows to problematize aspects of the political, social and cultural context of the period, in a locality where this phenomenon needs investigations. This is a little studied at the postgraduate level when it refers to Brazilian Northeast and unpublished on the coast of Piauí.

Keywords: History. Coast of Piauí. Rock. Press. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Mapa da Macrorregião do Litoral Piauiense disponível em: Fundação CEPRO. *Piauí em números*. 10.ed. Teresina: [s.n.], 2013. p.16. 17
- Figura 2:** “5 MIL PELAS DIRETAS EM PARNAÍBA”. Foto de um showmício em Parnaíba-PI no ano de 1984. Foto retirado do *Jornal Inovação* (1984. p.01) 107
- Figura 3:** Banda Garotos da Estrada. Foto retirado do *Jornal Inovação* (1985. p.10) 114
- Figura 4:** Banda Inferno no Céu. Retirada de um recorte de jornal do Acervo Pessoal de Paulo Veras. 118
- Figura 5:** Banda Zardoz em 1987 em foto na ponte Simplício Dias. Retirada de um recorte de jornal do Acervo Pessoal de Paulo Veras 120
- Figura 6:** Charge da banda inglesa The Beatles em formato de banda de forró, retirada do *Jornal Inovação* (1985, p.10.) 126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

ACEP – Associação Colegial dos Estudantes Parnaibanos

BNB Club – Clube do Banco do Nordeste do Brasil

FIC – Festival Internacional da Canção

MPB – Música Popular Brasileira

NOPEM – Nelson Oliveira Pesquisas de Mercado

OMB – Ordem dos Músicos do Brasil

PIEMTUR – Empresa Piauiense de Turismo

SESC – Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: Independente e Noticioso: jornal <i>Folha do Litoral</i> e a música rock como notícia na década de 1970.....	27
1.1 “Diga que sou um jovem, isso é uma verdade”: J. França e o Rock como notícia no litoral e/ou <i>Folha do Litoral</i>	29
1.2 “Um jovem caipira que publica uma coluna ensandecida”: Bernardo Silva e o rock brasileiro na “Dicas & Discos”.....	47
CAPÍTULO 2: “Antes morrer lutando, que viver sem uma causa”: juventude e rock no jornal <i>A Libertação</i>	60
2.1 “Eles contam que estão curtindo pra valer”: Colunáveis e o rock no litoral piauiense..	64
2.2 “Vale a pena ouvir e dançar”: rock e indústria fonográfica na coluna “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”.	80
CAPÍTULO 3: Cultura, Informação e criatividade: a Cena Rock do litoral piauiense nas páginas do <i>Jornal Inovação</i>	95
3.1 “Um grito de contracultura”: política e sociedade no rock do litoral.....	99
3.2 "O mudar o mundo": a Cena Rock litorânea e sua posição na sociedade e cultura piauiense.	109
3.3 "Um programa diferente de rock": mídias e a relação do local com o global da música rock no litoral.	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
FONTES	141
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

*But what can a poor boy do except to sing for a Rock'N'Roll
Banda 'cause in sleepy London Town There's just no place
for Street Fighting Man!*

(Street Fighting Man - Rolling Stones)

Em 1968, no cerne dos movimentos que marcariam, historicamente, o ano e a juventude mundial, Keith Richards e Mick Jagger, em uma de suas composições para a banda inglesa *The Rolling Stones*, fazem a seguinte afirmação: "Mas o quê que um pobre rapaz pode fazer a não ser cantar em uma banda de Rock'N'Roll, porque, na cidade sonolenta de Londres, não há lugar para um lutador nas ruas!". Meia década após as palavras de Richards e Jagger, ainda é pertinente essa afirmação em uma análise sobre as relações que o rock estabelece em diferentes contextos.

O rock tornou-se um modo de questionar o conjunto social de qualquer localidade, seja no Brasil ou fora dele. Não é somente na sonolenta Londres que a única alternativa para um jovem encontrava-se em uma banda de rock. Assim como em diversas regiões do Brasil, o litoral do Piauí teve uma parcela da juventude que aderiu à revolução hospedada nos corações de diversos indivíduos embalados pela música que sai de guitarras distorcidas. Essa vontade de mudar o *establishment* estava nos questionamentos direcionados à cultura, sociedade e política.

No entanto, apesar dos questionamentos de bases similares, cada local tem uma relação do rock com seu público. Este estilo musical se estrutura em aproximações da sua sonoridade com as particularidades de cada sociedade e, por conta disso, o rock do litoral piauiense não é o mesmo rock de outras cidades e/ou países.

Além de estar em uma banda de rock no litoral do Piauí, muitas outras ações podem ser feitas usando as possibilidades trazidas pelo estilo. Constatar isso faz ser pertinente expor à minha trajetória pessoal, que desembocou nesta dissertação e as análises que vão seguir os capítulos apresentados.

Nesse sentido, desde a minha adolescência – vivida na primeira década dos anos 2000 na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí – tive na música rock uma das alternativas abraçadas na vida pessoal. Havia, nesse período, pequenos e médios movimentos com bandas da região e de outros estados, fazendo shows que atraíam um público fiel. De modo geral, espaços públicos e privados eram frequentados pela juventude “roqueira” da região, elevando a música à sua potência maior, ou seja, influenciando seus comportamentos cotidianos.

Já no curso de História da Universidade Estadual do Piauí, *campus* Parnaíba, iniciado no ano de 2010, tive, em 2012, a oportunidade e necessidade de aprofundamento nos comportamentos daquilo que já vivia há uma década de forma participativa. Neste momento, para dar conta das análises que deveriam ser feitas com rigor e seriedade de uma pesquisa histórica, foi imprescindível ampliar os olhares e se afastar o necessário dos juízos de valor do adolescente “*headbanger*”, para alcançar uma aproximação pessoal do que seria também o jovem “pesquisador” e que viria a se tornar historiador no fim da apresentação da monografia.

Ao iniciar as pesquisas que culminaram com monografia intitulada: “*E a cidade estremeceu: a cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em Parnaíba-PI*”¹, direcionei-me nas entrevistas com personagens que participaram da cultura rock no período delimitado. Todos os músicos escolhidos para colaborem com a pesquisa, anteriormente já estavam inseridos no meu círculo social e/ou cultural na cidade. Eram músicos que integravam bandas, cujas apresentações presenciei em mais de uma oportunidade, incluindo ensaios e dividindo palcos. Além disso, participava das rodas de conversas, nas quais eram debatidos lançamentos das bandas preferidas e esboçadas algumas ou várias críticas musicais.

Isso fez com que me aprofundasse nas histórias de vida desses personagens junto ao rock, traçando seus primeiros passos dentro do estilo, sabendo como adquiriam recursos para montar bandas e quais as redes de sociabilidade que construíram para manter e fazer avançar o Rock nas décadas de 1980 e 1990. Ouvir como pesquisador essas histórias deixaram alguns questionamentos que a monografia, em suas limitações, não poderia contemplar naquele momento.

Além da longa entrevista, tive acesso ao arquivo pessoal do guitarrista Paulo Veras.² Havia ali, guardados com muito carinho e cuidado, recortes de jornais, recorte de zines e cartas convites para eventos e coletâneas fonográficas que contavam sua participação na cena rock local, principalmente na década de 1990. No entanto, também havia reportagens que contavam a história de bandas da região da década de 1980.

Para a pesquisa monográfica, também foi feito contato e uma entrevista com o cantor e compositor Teófilo Lima³. Na sua fala, ficavam claras suas participações, principalmente nas

1 Monografia apresentada em 2014 à Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação em Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Dr. André Nogueira Aguiar.

2 Paulo Veras, mais conhecido pelo seu nome artístico “Paulo Death” é artista plástico e guitarrista. Ativo desde finais da década de 1980 está transitando de lá, entre dois cenários musicais do meio rock da cidade, sendo eles o Heavy Metal e o Pop Rock. Foi integrante das bandas: Delirium Tremens, Ouside, Banda Artéria, Attma, Cablesativa, atualmente integra a banda Carta de Nicolau e Os Silva que apoia o cantor Fabio Crazy nas apresentações.

3 Teófilo Lima é músico em atividade, trabalhou como diretor da emissora pública local TV Delta (2014-2015) e ocupou o cargo de Secretário de Cultura (2017-2018). Como músico foi um dos fundadores da banda

redes de sociabilidades e os frutos que seu trabalho com o rock trazia para sua vida pessoal. Teófilo é figura constante nos recortes de jornais e registros sonoros da década de 1990, frutos de festivais de música popular na região, patrocinados pela Prefeitura de Parnaíba e pelo SESC-Piauí. A história de Teófilo dentro do rock começa na sua infância, ouvindo sucessos da indústria fonográfica no rádio de seu pai em Magalhães de Almeida.⁴

Perceber a importância do rock para a música autoral produzida no litoral do Piauí na década de 1990, levou-me a indagações sobre o porquê da participação do rock nessas delimitações da cultura local. Nessa direção, a música rock, desde os anos de 1990 até os dias atuais, vem sendo legitimada pelas mesmas instâncias de controle da região, que colocam o estilo como parte da cultura do litoral piauiense.⁵

Essa questão que foi levantada no contato com o rock da década de 1990, direciona-me a pergunta base: como se insere e quais foram os principais passos do rock na cultura do litoral piauiense? Centrar um olhar sobre o momento de fortalecimento do rock na região leva aos entendimentos dos processos de mundialização da cultura e quais os terrenos em que a música e o comportamento rock lançaram seus alicerces, construindo um lugar sólido no ambiente cultural da região.

Para além do rock, torna-se pertinente apresentar mais uma página da região que, na última década, vem fascinando o mundo acadêmico e, com isso, gerando teses e dissertações que tratam de uma diversificação de objetos, temas e temporalidades em programas de pós-graduação na área das Ciências Humanas pelo Brasil.

Cenário contínuo em diversos programas televisivos com temas direcionados ao patrimônio material e imaterial, o litoral piauiense, na última década, foi analisado por pesquisadores e pesquisadoras que abordaram variados aspectos, dentre eles alguns na área de história. Esses olhares historiográficos foram direcionados aos seus trabalhadores, patrimônio, meios de comunicação, estrados sociais, arte, dentre outros. Muitos estudos já publicados e que tiveram origem em trabalhos acadêmicos *stricto sensu* giram em torno da cidade de

Rabisco Urbanos em 1990, ficando até 1994 quando iniciou carreira solo. Lançou os CDs: Com Fusão (2001), Matulão (2005) e Teófilo (2018). Informações sobre o artista podem ser encontradas em: www.teofilolima.com.br.

4 A cidade de Magalhães de Almeida no estado do Ceará fica a 150 km de Parnaíba. Teófilo relata parte da sua infância na música Amigo Monge, presente no seu disco autointitulado "Teófilo" de 2018.

5 Essa afirmação pode ser visualizada na composição do CD "Curta Minha Banda", oriundo de projeto homônimo da Secretaria de Cultura de Parnaíba que levou bandas com repertórios autorais para diferentes espaços públicos da cidade. Na coletânea, existem 11 bandas e uma faixa interativa, que representam o número de shows realizados. Dentre as 12 faixas, 9 são de bandas que têm sonoridade e declaram em suas biografias influências diretas da música rock e suas variações. Essa obra data do ano de 2014, ou seja, 20 anos depois da primeira aparição de uma música rock em coletâneas organizadas pelo poder público municipal.

Parnaíba, que, por muitas décadas, foi eixo central na economia e sociedade da região litorânea.⁶

Localizada no Estado do Piauí, Nordeste do Brasil, a macrorregião do litoral, atualmente, compreende a já citada Parnaíba e as cidades de Luís Correia, Cajueiro da Praia, Ilha Grande, Bom Princípio do Piauí, Buriti dos Lopes, Caraúbas do Piauí, Caxingó, Cocal, Cocal do Alves e Murici dos Portelas.⁷ Seu território apresenta-se dividido do seguinte modo:

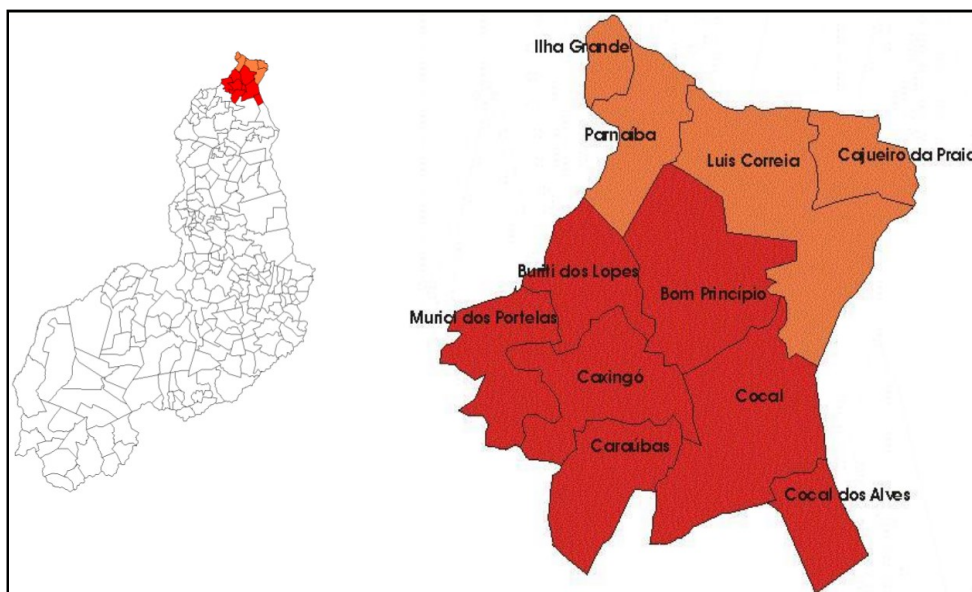


Figura 1: Mapa da Macrorregião do Litoral Piauiense disponível em: Fundação CEPRO. Piauí em números. 10.ed. Teresina: [s.n.], 2013. p.16.

Parnaíba, portanto, é um dos principais motores políticos, econômicos, culturais e sociais na região, pois muitas cidades que compõem o litoral piauiense estiveram anexadas aos seus territórios nos séculos passados. Além disso, percebe-se que a circulação midiática até o século XX tinha como bases a cidade de Parnaíba com suas emissoras de rádio e periódicos, que envolviam notícias de toda a região.

Delimitando as décadas de 1970 e 1980 como recorte temporal, percebe-se a imprensa periódica como uma rica fonte para entender o período proposto no litoral do Piauí. Para isso, optou-se pelos jornais *Folha do Litoral*, *A Libertação* e *Jornal Inovação*. Esses periódicos eram editados na cidade de Parnaíba, mas conseguiram significativa circulação que abrangia

6 Recomenda-se fazer uma busca no banco de dissertações e teses da Universidade Federal do Piauí, usando a palavra-chave “Parnaíba” e “litoral do Piauí”.

7 Para mais informações ver: Fundação CEPRO. *Piauí em números*. 10. ed. Teresina: [s.n.], 2013.

mais do que o território do município e até do Piauí.⁸ Por isso, utiliza-se o termo “Litoral do Piauí” e similares para contemplar as diferentes cidades da região.

Na década de 1970 se destacam notícias sobre o rock no jornal *Folha do Litoral*, um dos principais membros da grande imprensa da região. O espaço delimitado para notícias sobre os últimos acontecimentos do estilo musical, acompanhado pelos textos das colunas, mostram traços da mundialização do estilo e a mudança de voz autorizada em assuntos relacionados a juventude em veículos de comunicação.

Na década de 1980, apareciam com mais detalhes notícias sobre o rock local, mostrando que se articulava uma *Cena Rock no litoral*. Estas matérias mostravam um caráter crítico, social e cultural, definindo quais demandas seus participantes evocavam. No ano de 1985 surge nas páginas do Jornal Inovação⁹ uma resposta à sociedade que segundo eles afirmava: "Acham que somos alienados, que só falamos bobagens...".

Essa afirmação surge no momento em que alguns jovens ocupavam espaço na principal emissora de rádio da região, apresentando um programa com a temática rock. A frase creditada à sociedade litorânea traz alguns questionamentos, dentre eles: Quais os temas tratados por eles que poderiam fundamentar ou não essa afirmação? Como era a atuação de pessoas que abordavam o rock nos veículos de comunicação da região? Quais espaços ocupavam na imprensa? De que modo era feita essa comunicação com o público? Para além de um título esteticamente significativo, essas palavras são o ponto de partida do que será discutido no decorrer da dissertação.

O historiador Marcos Napolitano (2007, p.170-171) lembra que o desafio do historiador da música no Brasil está em ir para além dos temas consagrado. Dentre os temas e fontes colocados e que segundo o autor demandam pesquisas urgentes estão os estudos sobre o rock e o uso da imprensa como tipologia documental em pesquisas da área de história.

Os problemas relacionados a restrição de temas e fontes levantados por Napolitano foi objeto de crítica do historiador Arnaldo Contier (1988, p. 77, 81, 83), que observa na produção bibliográfica sobre a História da Música no Brasil durante o século XX abordagens que priorizam a vida e obra de artistas que repercutiram na indústria fonográfica nacional. Também coloca que as abordagens estão presas sobre temas musicais brasileiros visam a defesa das raízes brasileiras ou análises poéticas das canções.

8 Mostras disso estão nas mensagens e cartas de leitores publicadas nos periódicos, muitas delas enviadas por pessoas de outras regiões do Piauí e de estados. Esses textos aparecem nos três jornais analisados.

9 Danilo de M. Souza. Radio Rock'n'roll. *Jornal Inovação*, Parnaíba, jan-fev de 1985, p. 07.

Apesar das considerações de Contier atravessarem três décadas, quando lançados olhares sobre produção na área de História no Brasil, se percebe que as críticas colocadas em 1988 podem ser aplicadas na produção atual. Partindo especificamente para o rock, ficam mais latentes os pareceres do historiador.

Quando foi contemplada a possibilidade de se analisar qual rock surgia em meio às páginas dos jornais do litoral piauiense, considerei a relação entre periódicos da região e música rock. As reflexões da historiadora Tânia Garcia referentes às análises da História sobre a música trazem a seguinte afirmação: "As revistas ou os jornais podem ser utilizados pela pesquisa somente como fonte, ou, simultaneamente, como objeto e fonte" (2013, p.215). Portanto, vislumbrei a possibilidade de entender, através dos impressos, quais perspectivas fundamentariam a formação e o que seria a "Cena Rock do Litoral".

Ainda levando em apreço as análises de Tânia Garcia (2013, p.218-221) ao direcionar suas palavras "aos jovens pesquisadores da música", encontra-se, nesta pesquisa sobre o rock no litoral piauiense, uma possibilidade de preenchimento de lacunas historiográficas ainda latentes sobre essa temática. Segundo ela, estamos manejando um tema ainda pouco explorado. Esta "brecha" historiográfica está além do Piauí, envolvendo toda historiografia nacional.

Pondera-se aqui sobre o exposto pelo historiador e musicólogo chileno Juan Pablo González (2013, p.79), quando diz que, nos estudos sobre música popular, é de suma importância considerar propostas teóricas incorporadas no arcabouço da história social, buscando, com isso, distanciar-se o máximo do que ele chama de *scholar-fan*, ou seja, pesquisador que incorpora suas vivências como determinantes nas análises de seus objetos de estudos relacionados à música.

Com isso, levar em consideração as palavras do historiador Marcos Napolitano (2005, p.35-36) é prudente, pois ele observa que não devemos desconsiderar as liberdades individuais, entretanto, deve-se ter em vista as estruturas mais amplas que interferem nos hábitos culturais, não negligenciado as conjunturas históricas e o papel da música em temporalidades e espaços sociais específicos.

Sabemos das tensões e armadilhas referentes à paixão pessoal por qualquer objeto de estudo, especialmente os relacionados à música. No entanto, busquei aqui tirar dessa tensão, análises profundas e complexas ancoradas nos princípios teóricos e analíticos da História Social da Cultura.

Isso leva a outro ponto de destaque neste trabalho. No manejar das fontes, objeto, bibliografia e metodologias, temos em mente os pilares dispostos pelo historiador inglês

marxista Edward Palmer Thompson, que assim assevera¹⁰.

O passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder e subordinação, etc.). Na medida em que essas ações e relações deram origem a modificações, que se tornam objeto de investigação racional, podemos definir essa soma como um *processo* histórico, isto é, *práticas* estruturadas de maneiras racionais. (1981, p.50-51)

Esse processo histórico é materializado no momento em que o rock produzido e vivido no nordeste brasileiro, mais especificamente no litoral piauiense, traz mudanças nas estruturas culturais e sociais da região, dando novos parâmetros para questões das políticas culturais e relações domésticas de atores sociais em ambiente regional longe dos grandes centros do rock nacional.

Por conta disso, entender o rock, sua recepção e as formas como ele se relaciona com a cultura no litoral piauiense é o propósito desta dissertação, pois busca-se aqui não tornar a história do rock uma história dos grandes nomes da indústria fonográfica, mas perceber e analisar esse processo e a lógica das mudanças na textura das relações sociais que esse estilo musical produziu em um período rodeado por grandes nomes.

Nesse contexto, em dois textos publicados, no ano de 2016 e outro de 2017, percebi como se estruturaram os estudos sobre rock no litoral piauiense e no Brasil e suas possibilidades de pesquisa, assim como suas ausências temáticas.

Em artigo de 2016, intitulado: "Historiografia do Rock: outra juventude nos escritos sobre Rock parnaibano"¹¹, foram abordadas quais seriam as transformações da historiografia que possibilitariam os estudos relacionados ao Rock, mostrando como exemplo a produção feita na cidade de Parnaíba-PI, no que se refere à catalogação/explanação dos trabalhos produzidos sobre a temática até 2014, definindo a "Historiografia do Rock de Parnaíba-PI".

Outro tipo de pesquisa sobre a temática em tela foi publicizado no ano de 2017, cujo capítulo assim era intitulado: "O Rock na pós-graduação *strictu sensu* da área de História no Brasil: um breve panorama".¹² Nesse texto, busquei entender como e onde o tema rock estava

10 Cf: THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, antropologia e história social. In: _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 227-268.; _____. Introdução: costumes e cultura. In: _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.; _____. Intervalo: A lógica histórica. In: _____. *A miséria da teoria*. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 47-61.

11 MOURA, Gustavo Silva de. Historiografia do Rock: outra juventude nos escritos sobre Rock parnaibano. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, Irati, v. 7, n. 1, p. 93-106, jan-jun. 2016.

12 MOURA, Gustavo Silva de. O Rock na pós-graduação *strictu sensu* da área de História no Brasil: um breve panorama. In: Machado, Estevam H. dos S. (org) et al. *Histórias Online: Discussões Historiográficas na Era do Hipertexto*. Ribeirão: Editora Capibaribe, 2017. p. 115-118.

sendo produzido, uma vez que, na última década, o Brasil viveu sua expansão universitária por meio de políticas públicas voltadas para a cultura que foi constante até o ano de 2011, possibilitando surgimento de uma variedade de programas de pós-graduação e ampliando, conseqüentemente, o número de temáticas de estudo nas universidades, haja vista que o rock e suas variações recrudeseram como temáticas de dissertações e teses.

Tendo em mente o exposto até aqui, ao examinar os jornais, estavam em suas páginas, algumas colunas que tinham como tema principal o rock, a música e as movimentações da indústria fonográfica como um todo. As percepções da imprensa do litoral sobre o rock¹³, a partir das colunas que o tematizavam em vários níveis, torna possível compreender, em parte, como esta expressão cultural foi recebida pelos meios de comunicações e quais os impactos causados na juventude em regiões afastadas dos grandes centros, indicando traços dos seus processos de difusão e apropriação local.

Pelas palavras da imprensa à época, percebi como esse estilo musical/comportamental participou das mídias locais e regionais nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Raymond Willams:

O progresso nas comunicações, em especial o desenvolvimento de novas formas de transmissão múltipla de notícias e de diversão, criou divisões incomensuráveis entre o transmissor e a audiência, o que por sua vez levou à interpretação da audiência como as massas desconhecidas. (1958, p.07)

Estando o rock dentro desse desenvolvimento exposto por William, percebe-se que a imprensa do litoral começa a modificar-se buscando os públicos jovens que começavam a se destacar no mercado consumidor de massa. Isto é fruto das novas relações entre transmissor e transmissão trazidas pela mundialização da cultura, integrando dentro de uma cultura global os âmbitos regionais.

O Jornal *Folha do Litoral* e o *Jornal Inovação*, anteriormente citados, integraram a imprensa do litoral piauiense nas décadas de 1970-80, incluindo após o ano de 1983 o *A Liberdade*. Esses periódicos possuíam duração significativa em comparação a outros jornais na região, com períodos maiores que uma década.

Apesar de terem como sede a cidade de Parnaíba, é preciso ter em mente que estes veículos da imprensa circularam por toda a região litorânea piauiense, alcançando outras regiões do Piauí, chegando, inclusive, a ultrapassar fronteiras estaduais. Destarte, esses

13 Entende-se como rock, nesse trabalho, estilos surgidos subsequentes à década de 1960, englobando assim: rock, punk e heavy metal. Para essa escolha, fundamentou-se nas fontes consultadas e bibliografia consultada, pois, na maioria dos casos, o termo rock engloba essa diversidade de variações.

periódicos, podem ser usados como caleidoscópio das ideias que eram veiculadas em parte da cultura e sociedade a que se dirigiram.

Com efeito, para o historiador Paulo Gustavo da Encarnação (2015, p.149), “é importante enfatizar que, na década de 1970, a crítica brasileira voltada para o rock estava a se formar, especializar e profissionalizar”. Ainda segundo o historiador, encontra-se na primeira metade da década de 1970 a chegada de revistas especializadas que fortaleceram o estilo nacionalmente, além de dar a nomes como o de Luiz Carlos Maciel, o *status* de modelo de crítico musical de rock, por formar uma geração que teve Tárík de Souza, Ezequiel Neves e Ana Maria Bahiana como integrantes.

Esse processo de fortalecimento de uma imprensa especializada no/do rock viria ganhar força em finais da década de 1970 e ter seu auge nos anos seguintes. Percebe-se no decorrer das análises que essa crítica musical influenciou algumas estruturas da que se formava no litoral do Piauí. Proporcionando que a sociedade e cultura piauiense recebessem os reflexos do surgimento da crítica especializada sobre rock e, no mesmo período, surgirem jovens buscando ser a vanguarda da crítica musical “roqueira” no Nordeste.

Nesse sentido, o historiador Fernando Costa (2012, p.74), ao tratar do consumo musical na cidade de Teresina na década de 1970, apresenta indícios de como eram as inserções dos ritmos musicais no contexto piauiense. O pesquisador assevera que, na década de 1970, havia difusão fonográfica em Teresina, fruto de uma lógica de propagação cultural internacional, refletindo nas músicas produzidas pelos artistas locais e na imprensa da região

Nessa perspectiva, torna-se essencial reconhecer a existência de similaridades e diferenças entre os públicos e os modos de consumo de música na capital Teresina e os da região litorânea piauiense. As diferenças em muitos casos foram percebidas nas maiores aproximações dos incentivos culturais estaduais e uma maior circulação cultural na capital estadual. No entanto, na década de 1970, a difusão da música internacional se dá nas duas regiões, assim como exposto por Costa (2012, p.74-75), no caso de Teresina, e isso fica mais evidente quando analisadas fontes do trabalho aqui desenvolvido.

Para o sociólogo Renato Ortiz (2001, p.113), as décadas de 1960 e 1970 são o período em que o Brasil vive a consolidação do mercado de bens simbólicos, tendo desenvolvimento em vários setores da indústria cultural brasileira. Dentre esses setores, o mercado fonográfico foi amplamente favorecido, pois houve o crescimento de faturamento nos seis primeiros anos da década de 1970 em torno de 1375% (2001, p.127).

Considerando as decisões econômicas que os governos militares tomaram no Brasil entre 1968 e 1973, consolidando cada vez mais a abertura ao capitalismo internacional,

principalmente influenciado pelos EUA, viveu-se sob o que é chamado de “milagre econômico”. Para o historiador Mario Danieli Neto (2017, p. 59), é “neste momento em que as capacidades ociosas da indústria, juntamente com o sistema de crédito, fez com que houvesse esse crescimento acelerado”. Esse acontecimento propiciou à indústria internacional da música um terreno fértil para se fortalecer e obter lucros no Brasil.

No ano de 1973, o Brasil ocupava a décima colocação mundial no número de discos e fitas¹⁴, estando à frente de todos os países latino-americanos, além da Espanha (13º), Austrália (14º), dentre outros. Isso mostra a força do mercado brasileiro em relação ao mundial, que era já dominado pelos EUA.

A economia brasileira mostrou-se, a curto prazo, que o momento de “milagre” seria só uma ilusão, considerando os verdadeiros problemas que seriam evidenciados nas décadas posteriores. Os reflexos das políticas econômicas afetaram negativamente as camadas sociais das regiões mais pobres. Apesar do cenário de desigualdade regional, no Piauí foram construídas obras de infraestrutura que proporcionaram a ideia de desenvolvimento regional e autoestima da população, ressaltando que isso alcançava com mais ênfase o plano simbólico em detrimento do material. Isso foi possível pelas alianças políticas arenistas existentes entre figuras do cenário piauiense e federal na década de 1970.

Partindo para o cenário fonográfico nacional, vale ressaltar que se observa, na década de 1970, o crescimento do mercado nacional, alcançando números ainda mais expressivos na década de 1980 (VICENTE; DE MARCHI, 2014, p.17-27). Apesar da relevância musical que ampliava em território nacional, esse alargar do consumo foi possível pelas bases internacionais da indústria fonográfica, colocando o Brasil dos anos de 1970 entre os principais públicos receptores do que era produzido nos EUA e Europa.

Produto da cultura de massa da juventude que, anteriormente, já vinha experimentando doses pontuais desde a década de 1950, o rock continuou a ganhar força, alcançando novos públicos e, conseqüentemente, novos contextos culturais e sociais. Na década de 1970, por exemplo, fez parte de um complexo processo de expansão cultural para regiões afastadas dos considerados grandes centros do país.

Segundo Raymond Williams (2011, p.65-66), existe relação entre a maneira como a obra de arte é feita e seu público, constituindo-se numa relação de produção e consumo. Com isso, o rock que chegava à região levado pelas colunas e notícias na imprensa, resultava de

14 A tabela com o número de vendas de fitas e discos dos 24 países mais bem rankiados em 1973 pode ser encontrada em: CHAPPLE, Steve; GAROFALO. Reebe. *Rock & indústria: história e política da indústria musical*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p.253.

relações mercadológicas construídas socialmente em contextos distintos.

Por conta do segmento geracional ao qual se direcionava a música rock, estas informações publicadas nos jornais e divulgadas em programas de rádio contribuíram no aumento das referências musicais e surgimento de bandas de rock que tiveram produção de músicas autorais no litoral piauiense.

Uma das principais características do rock é a íntima relação entre o local e o global cujo atributo, era percebido nas páginas da imprensa do litoral piauiense, seja no modo de noticiar um artista, banda ou evento internacional, seja na forma de tratar dos acontecimentos que envolviam o rock e até das bandas locais.

Assim, disputando os espaços do litoral, o rock teve na imprensa uma grande aliada. Encontram-se abordagens dos conteúdos relacionados ao rock em lugares privilegiados nos periódicos, ocupando, principalmente, colunas que chegaram a alguns momentos a acompanhar a maioria das edições de alguns anos. Observam-se também comentários que evidenciam os lançamentos das principais gravadoras internacionais, informações sobre bandas nacionais e o aparecimento da “Cena Rock” do litoral, mostrando as apropriações comportamentais e musicais com suas críticas e comentários sobre a sociedade.

Portanto, com o objetivo de ver a relevância depositada ao assunto rock nos periódicos analisados, serão exploradas aqui as materialidades dos jornais, ou seja, quais os locais usados na diagramação e tamanhos ocupados pelas colunas e notícias nas páginas dos impressos. Entender a importância do lugar ocupado pelo Rock na mídia local, nesta pesquisa, tem como base o que atesta a historiadora Tânia de Luca (2008, p.132): “Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”.

Além de noticiar artistas distantes do público do litoral, encontram-se relações que a cidade estabelecia com os indivíduos dos meios musicais. Neste intuito, analisar informações veiculadas no espaço local e regional possibilitará entender, como construção social e cultural, este estilo musical que contribui até os dias atuais na formação do comportamento da juventude piauiense. A partir disso, colocam-se, no ponto de visualização, as percepções sobre a sociedade e cultura do Piauí nas décadas de 1970 e 1980.

Além do Sudeste do Brasil (essa região muitas vezes privilegiada por pesquisas acadêmicas quando se estuda a perspectiva musical¹⁵), existe em outras regiões, por exemplo,

15 Para uma melhor visão sobre esse assunto, ver: BAIA, Silvano Fernandes. *A historiografia da música popular no Brasil: análise crítica dos estudos acadêmicos até o final do século XX*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

o Nordeste, a emergência de bandas e grupos que contestavam as adversidades daquele momento e as condições sociais da época, tendo como vetor a sonoridade do rock, movimento que mostrava a sua difusão e apropriação.

O historiador Allyson Garcia (2013, p.67) chama atenção para os processos de estandardização e padronização da música popular pela indústria cultural como foco para entender as táticas e relações circulares de consumo da música. Com isso, torna-se plausível considerar o litoral do Piauí como exemplo de local onde houve aparecimento do rock¹⁶, proporcionado pela expansão desse estilo no Brasil. Este argumento se evidencia pela ocupação de espaços, que levaram o estilo para locais de legitimação cultural regional, possibilitando desenvolvimento de novos personagens urbanos na região.

Diante do exposto, objetiva-se entender quais percursos nas décadas de 1970 e 1980 levaram a música rock ao litoral piauiense, permitindo a formação de uma Cena Rock na região. Nesta pesquisa, essas análises serão feitas por meio da imprensa local, considerando suas colunas e matérias que abordam temas relacionados ao rock, os quais conquistaram nos periódicos espaços significativos, contribuindo para divulgação e emergência da música rock.

Ressalta-se que o rock do litoral do Piauí existe para além da imprensa e suas movimentações independem da presença nos jornais. No entanto, tem-se nos períodos a possibilidade de entender como os veículos de comunicação trataram de temas relacionados ao estilo na década de 1970 e 1980, momento de ampliação da indústria fonográfica brasileira que favoreceu a inserção e intensificação nas mídias de bandas e artistas vinculados ao rock.

No contexto desta investigação, visa-se a entender qual o conceito de rock presente nos jornais, tendo como norte para essa percepção as notícias e tipos de abordagens apresentadas para os leitores. Para isso, será tomando como base os três jornais que serão analisados, seguindo a seguinte ordem: *Folha do Litoral*, *A Libertação* e *Jornal Inovação*.

Os capítulos iniciarão com breve introdução dos periódicos, abordando envolvidos em sua produção e lugar social e cultural em que estão inseridos. A partir disso, centram-se as análises nos conteúdos relacionados ao rock em colunas, matérias ou notícias. Isso proporcionará visões de qual rock se inseria no litoral piauiense na baliza temporal proposta.

Optou-se por essa abordagem com um capítulo para cada jornal no momento que se percebeu uma lógica distinta de apropriação e difusão de notícias relacionadas ao rock direcionadas ao público leitor do litoral piauiense. Portanto, cada periódico leva ao seu leitor

16 Sobre o processo de formações das bandas de Rock em Parnaíba-PI ver: MOURA, Gustavo Silva de. *E a cidade estremeceu: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em Parnaíba-PI*. 2014. 89 f. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, Curso de Licenciatura Plena em História, 2014. p.44-55.

um conceito de rock, abordando vias e temas que são consequências das referências do redator, corpo editorial, público e contexto da época em que as edições eram disponibilizadas ao público.

O primeiro capítulo terá como foco o jornal *Folha do Litoral*. Encontram-se nas suas páginas as colunas “As Transas (Pop Tops)” escrita por J. França na primeira metade da década de 1970. Por conta disso, serão vistos a partir dela os traços de expansão do rock no Brasil e quais informações chegam ao contexto piauiense, considerando as relações do local e do global e a linguagem empregada nestes escritos.

Além disso, será analisada a coluna “Dicas & Discos” de Bernardo Silva, que aparece no ano de 1978. Para essa coluna, dedicou-se análises sobre o show de Raul Seixas, mostrando como realizavam-se apresentações com artistas de repercussão nacional. Esse evento ilumina amostras das relações do rock com o rádio e o trânsito dos comunicadores nos dois veículos midiáticos.

Para o segundo capítulo, tomarei o jornal *A Libertação* como espaço das análises propondo questionamentos sobre os personagens que surgiam nas páginas do periódico, a partir de uma visão sobre o local que o rock, na década de 1980, alcançou na sociedade do litoral piauiense. Para isso, toma-se como ponto balizar as notas de divulgação de jovens da região no Rock in Rio 1985 e shows locais divulgados no periódico que envolvem o rock local.

Prosseguindo no texto, existe a coluna “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”. Publicada entre os anos de 1986 e 1988, trazia visões sobre a indústria fonográfica nacional e o rock brasileiro. Estando na segunda metade da década – período esse em que o rock nacional começou a ganhar *status* midiático de grande porte – esses textos mostram como surgiam os músicos e suas canções nos principais meios de difusão nacional, proporcionando turnês nacionais e internacionais, além de difusão nas rádios e vendas que chegaram a milhões de cópias.

No terceiro e último capítulo da dissertação, os olhos são voltados para o *Jornal Inovação*. Veículo de menor tiragem em comparação aos anteriores, teve maior importância no entendimento das relações que o rock da região estabeleceu com as mídias e sociedade no litoral do Piauí, mostrados em seus conteúdos relacionados à “cena rock local”. Esse capítulo inicia com uma explanação das ideias e objetivos do periódico respaldada em trabalhos já disponíveis sobre o jornal. Após apresentação do periódico, serão analisadas matérias que mostravam a Cena Rock do litoral para seu público leitor, dialogando com letras de músicas e fotos das bandas que eram citadas nos textos.

CAPÍTULO 1: Independente e Noticioso: jornal *Folha do Litoral* e a música rock como notícia na década de 1970.

*Eu já ultrapassei a barreira do som/ Fiz o que pude as
vezes fora do tom/ Mas a semente que eu ajudei a plantar
já nasceu!!*

(Geração Luz – Raul Seixas)

O Jornal *Folha do Litoral* circulou nas décadas de 1960 e 1980. Carregou em suas edições os dizeres "Independente e Noticioso", tomando essa frase como um lema que, na prática, destoava das escolhas e pessoas envolvidas no periódico. Assim como outros periódicos da região, tinha vínculos com a política local e, por conta disso, eram constantes as críticas que alegavam propaganda política dos detentores de cargos políticos.

Um de seus fundadores e diretor, J. Batista da Silva, foi eleito Prefeito da cidade de Parnaíba pelo MDB, exercendo mandato entre 1977 a 1983. Neste período, o jornal *Folha do Litoral* era acusado pelos outros periódicos constantemente, sob a alegação de que era um órgão midiático propagandístico da Prefeitura municipal e não informava à população a verdadeira realidade regional.

Para o comunicólogo Gustavo Said (2001, p.84), tem-se na imprensa do Piauí – principalmente na segunda metade do século XX – uma prática política legitimada, em que as políticas de comunicação de massa manipulavam as pessoas com fins eleitoreiros de determinados grupos vinculados tradicionalmente ao poder.

Sua periodicidade variava em poucos momentos, sendo publicado duas vezes por semana e essas variações ocorriam só em datas comemorativas¹⁷. Durante a década analisada neste capítulo, ou seja, a de 1970, em média, saíram por ano, noventa e cinco números compostos de seis páginas cada. Por conta dos problemas enfrentados há décadas no Piauí quanto à falta de preservação dos acervos públicos e de políticas de memória, os acessos a edições dos periódicos foram feitos em cadernos com séries completas ou com poucas lacunas presentes em acervos pessoais. Assim, foi possível consultar edições da década de 1960 a 1980¹⁸.

17 Essas datas são: Aniversário de Fundação do Jornal; 14 de agosto – Aniversário da cidade de Parnaíba; 07 de setembro – Comemorações da independência do Brasil e 25 de dezembro – comemorações relativas ao Natal. Alguns tinham variações em seus números de páginas, podendo chegar por volta de vinte.

18 Os acervos particulares consultados foram: Acervo particular de Marcelo Machado: 1973; 1975; 1978. Acervo particular de Arlindo Leão: 1976; 1980; 1981. Acervo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba: 1982. Acervo particular de Lauro Correia: 1967; 1968; 1969; 1970; 1971; 1985 e 1987. Os acervos foram disponibilizados de forma seletiva, pelos respectivos donos foram escolhidos quais cadernos seriam entregues para digitalização.

Apesar do caráter lacunar quando se trata do Jornal *Folha do Litoral* no *corpus* documental da pesquisa, estas edições disponíveis são capazes de mostrar o panorama das ideias e informações que circularam na região, envolvendo a música e as mídias no litoral na década de 1970. Combinada a temáticas comumente veiculadas em suas páginas, que envolviam política, meio social e lazer das classes abastadas do Piauí, encontrava-se também sobre a música rock.

No decorrer das análises sobre o jornal abordado neste capítulo, há duas colunas que tiveram o rock como tema central: “*Pop Top*”, posteriormente chamada de “*As Transas (Pop Tops)*”, que teve J. França à frente em todo seu percurso de cinco anos no periódico, e “*Dicas & Discos*”, com o jovem Bernardo Silva assinando o que foi denominado pelo periódico de local ideal de notícias relacionadas à música dentro de suas páginas.

Esses jovens comunicadores ocupavam lugares de destaque no *Folha do Litoral*, levando aos leitores conteúdos relacionados às outras mídias (rádio e TV), mantendo na música rock seu foco principal e favorito. Além de periodicidade e tempo de permanência diferenciada, sendo a de J. França maior que Bernardo Silva, cada coluna publicava os assuntos com suas peculiaridades, definindo com isso o tipo de linguagem e abordagens sobre os temas.

Ambos trouxeram, nos respectivos espaços, uma ideia de rock diferente, fato que é compreensível quando considerado que J. França escreveu no começo da década de 1970 e Bernardo Silva em finais da mesma década e início dos anos de 1980, dois períodos em que a música rock se portou de diferentes modos nas mídias nacionais e mercado.

Essas colunas apresentavam críticas musicais, notícias relacionadas à música no litoral piauiense, festivais, dentre outros assuntos relacionadas à arte e música. Suas informações podiam girar em torno da esfera internacional (lançamento de discos ou últimas notícias de artistas e bandas internacionais) e nacional (turnês de artistas brasileiros, lançamentos dos artistas nacionais e movimentações nas gravadoras no Brasil), além de sempre estarem presentes em seus conteúdos o regional e local (chegada de um artista para shows na região, festivais locais e chegada de discos novos).

1.1 “Diga que sou um jovem, isso é uma verdade”: J. França e o Rock como notícia no litoral e/ou *Folha do Litoral*.

No segundo semestre do ano de 1970, surge, nas páginas do jornal *Folha do Litoral*, uma coluna tímida no canto superior da última página. Com logomarca simples e notícias curtas que não passavam de quatro linhas, difundia assuntos diversos sobre MPB, artistas e bandas internacionais e o cotidiano musical, sempre publicando uma opinião que, em muitos momentos, era endossada pela paixão pelo rock.

As notícias eram assinadas por J. França, abreviação adotada no meio jornalístico por José de Ribamar de França Rego¹⁹, que, naquele momento, tinha por volta de 17 anos. Àquela época, era incomum a publicação de colunas nos periódicos da região assinadas por pessoas menores de idade, mas o jornal *Folha do Litoral*, no ano de 1970, era dirigido por Luiz da França Rego, importante nome da imprensa na região e pai de J. França.

A coluna que trazia o título "*Pop Tops*", sem maiores complexidades gráficas e ocupando um pequeno espaço no *Folha do Litoral* que poderia passar despercebida aos olhos do costumeiro leitor, sendo confundida com um simples informativo de uma edição, mas seus pequenos textos levavam informações ao litoral piauiense de nomes como Beatles, Rolling Stones e o festival Woodstock. Até esse momento, ainda não havia características estruturais na linguagem e diagramação da coluna, marcas na sua trajetória no periódico.

No ano de 1971, novos traços são implantados na coluna, mostrando objetivo de permanência na diagramação. Existe a mudança na logomarca da coluna, e seus moldes já estão estabelecidos com as chamadas ao leitor jovem e sua linguagem características. Além de abordar em tópicos as notícias, deixava claro suas preferências, principalmente quando o assunto era o rock.

A coluna, desde sua primeira aparição, no ano de 1970, até o fim das atividades no ano de 1975, seguia uma periodicidade quase que inteiramente em paralelo à do jornal. Outro ponto a se destacar é a sua regularidade,²⁰ ao longo de cinco anos, sempre com tamanho e

19 Em todas as edições do *Folha do Litoral* acessadas assina como "J. França". Após sua mudança, trabalhou em diversos meios de comunicação maranhenses, principalmente em emissoras de rádios, exercendo também a função de assessor de imprensa da Secretaria de Estado de Educação do Maranhão (Seduc-MA) por 15 anos. Trilhou carreira nas mídias principalmente na capital São Luís, até sua morte em: 17/08/2014, aos 61 anos. Ver: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/08/jornalista-jota-franca-morre-aos-61-anos-em-sao-luis.html>. (Último acesso em: 17/09/2017).

20 As fontes usadas na pesquisa são marcadas pelas lacunas temporais, a partir delas não pode ser definido em qual edição a coluna iniciou suas atividades, em todas consultadas não existem pistas concretas desse acontecimento. No entanto, foram analisadas edições de 1967 até o ano de 1970 (ano de que surge a primeira aparição), buscando identificar o primeiro texto de J. França nas páginas do *Folha do Litoral*. Até a data de 21/

local significativo dentro da diagramação.²¹ Nota-se a importância da coluna para ela está regularmente no jornal, pois o periódico abordava conteúdos diversificados, levando aos leitores escritos que tinham como temas a vida social, cultural (geralmente de setores abastados da sociedade) e política piauiense.

Encarnação (2015. p.152) afirma que o rock, na década de 1970, ainda enfrentava, na imprensa, críticas que o relacionavam à cultura estrangeira de um modo negativo, mesmo estando há duas décadas em território nacional. No entanto, havia um contraponto alimentado por alguns críticos musicais adeptos do rock que se entusiasmavam com os cenários que surgiam principalmente na segunda metade da década.

Nesse sentido, J. França pôde ser inserido em uma vanguarda da crítica musical nacional, pois estava no Nordeste brasileiro em jornal de grande circulação na região do litoral piauiense – e que perpassava estas fronteiras – com leitores em outras localidades do estado e fora dele. Com isso, levava o rock para o público que há pouco conhecera seus sons mais longínquos, fora da jovem guarda ou das mídias nacionais.

No ano de 1973, J. França relatou que tinha 20 anos quando participou como organizador do I Festival de Música Popular Parnaibana²². Isso mostra que jovens conseguiam promover eventos culturais e movimentar a cultura do litoral. Há de ressaltar, então, que expor sua juventude e dos outros organizadores na mesma faixa etária, no texto da coluna naquele momento, era uma forma de legitimar sua fala no sentido de mostrar que jovens também poderiam estar à frente de atividades e organizações de eventos.

Em outro momento, sua idade chegou a ser alvo de críticas feitas por outro profissional da mídia, mais especificamente, o jurado do programa “Show do Mercantil”²³ da TV Ceará que havia visitado a cidade de Parnaíba e participado de um programa de rádio veiculado na região. Em sua resposta, evidenciou como um jovem com preferências musicais ligadas ao rock e capitaneadas pelos Beatles, era visto pelos seus pares do meio jornalístico. Mesmo que extensa, se torna pertinente reproduzir sua resposta ao crítico, sendo a seguinte:

05/1970 não existe vinculado à outra coluna ou matéria algo assinado pelo jovem comunicador. Quando as fontes retomam o ano de 1970, em 20/09/1970 existe sua primeira aparição com a coluna "Pop Tops", no texto não existe indícios de que seja primeira aparição. No entanto, isto coloca um parâmetro temporal, sendo no segundo semestre do ano de 1970 entre os meses de maio e setembro de 1970. Após sua primeira aparição encontram-se poucos hiatos, ganhando a cada ano maior relevância na diagramação. Como exemplo está o ano de 1973 em que a coluna está em 60 números em um total de 97. No ano de 1975, existe o maior hiato de periodicidade, culminando em seu encerramento de atividades.

²¹ Ver Anexo 01.

²² J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 21 de fev. 1973, p.05.

²³ O programa Show do Mercantil era um programa de auditório e musical veiculado na década de 1970, transmitido aos Sábados na TV Ceará e era comandado por Augusto Borges. Nele ocorreram eventos como a escolha da Miss Ceará 1977 e aparições de bandas ligadas ao “iê iê iê”.

Tomei conhecimento, semana passada de que um dos jurados do programa "Show do Mercantil", apresentado aos sábados pela TV Ceará, visitou Parnaíba. Acontece que tal elemento, ao chegar na capital alencarina, declarou, durante a apresentação do programa, apresentado pelo senhor Augusto Borges, ter travado conhecimento com este modesto escriba, chegando mesmo a me fazer sérias críticas.

Ora vejam os senhores. Não travei o menor conhecimento com tal personalidade, nem mesmo sequer o vi, e fica ele em uma emissora de televisão a dizer asneiras, quando o melhor seria utilizar este tempo para divulgar coisas úteis e não mentiras.

Dizer que sou garoto em fase de puberdade é um erro imperdoável, pois qualquer cidadão, segundo as leis da imprensa do país, só pode escrever para um jornal após atingir a maioridade. Se sou um garoto em fase de puberdade, jamais poderia estar escrevendo e assinando uma coluna em jornal, pois a puberdade termina aos dezesseis anos. Diga que sou jovem, é uma verdade e, quem dera que milhares de jovens estudantes fizessem o que faço, estariam contribuindo para o desenvolvimento cultural da nação. São estes jovens em que devemos confiar, em que devemos acreditar, porque o futuro da nação repousa nos braços dos meninos de hoje, os homens de amanhã.

Este jurado do programa "Show do Mercantil" deve estar sofrendo de algum mal estranho, ou ser muito "inocente" para dizer tanta asneira. Ao que me parece seu nome deve ser Paulo Lima Verde, no entanto, para mim, você é um Paulo como outro qualquer....²⁴

J. França não negava sua juventude em nenhum momento – usando-a em muitas oportunidades como justificativa para “inovar” na cultura litorânea – tomava esse fato como vantagem, não apenas assinando uma coluna num dos principais veículos midiáticos da região e apresentando programa na rádio Educadora, mas também produzindo shows e festivais que inseriam na sociedade novos estilos musicais e artistas, mostrando as várias alternativas regionais da cultura disponíveis ao público do litoral piauiense.

Segundo Costa (2012, p.74-75), havia um forte gosto pela música internacional em Teresina, causando reações ambíguas nos meios de comunicação. No quesito notícias sobre o rock, existem similaridades entre o caso de Teresina na década de 1970 e o do litoral piauiense no mesmo período. O historiador demonstra que a exaltação de nomes como os de Santana e Beatles apareciam para os leitores da capital, assim como críticas feitas ao rock e as consequências negativas para os jovens que eram imaginadas pelos mais conservadores.

Esta ambiguidade foi sentida no Jornal *Folha do Litoral*. Na edição número 1248, de 08 de janeiro de 1975, existe um exemplo, quando, no meio da página em destaque, está uma pequena matéria que dizia:

Gritos, e braços que se agitam, contorções frenéticas ao som de um ritmo alucinante, eis uma cena comum em qualquer espetáculo de música denominada “de vanguarda” (...) que efeitos produzirá toda essa excitação? Será isso verdadeiro divertimento? David Nobel, vice-presidente do "Hirlls America Chistian College" dedicou mais de cinco anos de pesquisa para responder a essas perguntas. Em seu livro "Os

24 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 02 de jun. 1973, p. 5.

menestréis do marxismo", Nobel revela fatos bem documentados e as transformações do "rock". A tese central da obra é que o comunismo tem explorado a "música jovem, para subverter as mentes dos povos que ele escravizou ou pretende escravizar. [...] Nobel conclui que a música "rock" e congêneres cria um ambiente propício à circulação da ideologia comunista, favorecendo a demolição dos princípios da ordem, da moral, do senso do dever. Além disso, a "música jovem" e suas "mensagens" leva a juventude rapidamente ao sexo, às drogas, produzindo ainda neuroses, estado prolongado de susceptibilidade e hipnose de massa. (ABIM-Agência Boa Imprensa)²⁵

Duas páginas após esta matéria, ainda na mesma edição, são publicadas as costumeiras palavras de J. França anunciando aos leitores informações panglossianas sobre o rock desde 1970. Apesar de informações que fossem de encontro ao rock serem exceções, elas existiram, mas não influenciaram na normalidade dos conteúdos da coluna.

Notícias que tratavam o rock como algo negativo na música brasileira surgiram com mais afinco no jornal *Folha do Litoral* em anos anteriores à chegada de J. França. Dois momentos evidenciam como o estilo musical foi tratado no ano de 1968, auge da jovem guarda. Elvis Presley foi classificado como "abominável"²⁶ e Roberto Carlos como "cantor brasileiro do famigerado yê-yê-yê"²⁷

Antes de J. França, o rock não ocupava espaços elogiosos, mas isso mudou com o fã e entusiasta assumido de bandas de rock britânicas e estadunidenses, trazendo euforicamente as notícias. Em "*As Transas (Pop Tops)*"²⁸, estão, na década de 1970, a maior incidência de notícias relacionadas aos bastidores do universo rock, fruto do trabalho do jovem jornalista.

É simbólica a primeira coluna catalogada nessa pesquisa e datada de 20 de setembro de 1970, isso porque se encontra a notícia seguida de um comentário: "A APPLE, gravadora dos Beatles, distribuiu, no dia 17 último, a manjada notícia aos jornais de Londres, que a estamparam em manchetes: Os Beatles acabaram definitivamente. E eu daqui – digo: Vamos esperar mais um LP do divino conjunto."²⁹

A sua preferência pelo quarteto de Liverpool não era escondida, isso se dá em grande parte ao que diz o historiador José Adriano Fenerick e o comunicólogo Carlos Eduardo Marquioni (2008), quando, ao falarem do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, atestam os motivos da difusão e influência da banda, que:

25 Silva Meira. Efeitos da música Jovem. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 08 de jan. de 1975, p. 03.

26 Fábio Almeida. Teverama. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 14 de mar. de 1968, p. 2.

27 Fábio Almeida. Teverama. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 02 de mar. de 1968, p. 2.

28 Apesar de a coluna inicialmente ser intitulada "Pop Tops", quando falado em modo geral da década de 1970 usamos o título "As Transas (Pop Tops)", pois está com esse título em maior parte dos anos de veiculação da coluna.

29 J. França. Pop Tops. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 20 de set. 1970, p. 6.

Para o bem ou para o mal, indicaram vários caminhos artísticos (que poucas vezes foram seguidos, embora muitos pastiches – sonoros e imagéticos – tenham sido reproduzidos a partir de Sgt. Pepper) e registraram muitas das tendências que, latentes na década de 60, vieram a se consolidar a partir dos anos subsequentes, amalgamando – sob a égide do mercado global – culturas que cada vez mais perdiam seus contornos próprios (FENERICK; MARQUIONI, 2008, p.20).

Por conta da importância depositada por J. França na banda inglesa apareciam em sua coluna, notícias dos ex-integrantes relacionadas aos shows, lançamentos internacionais e em território brasileiro, chegando até veicular notícias falsas sobre a banda, informações que animariam qualquer fã de rock, como, por exemplo, anunciar uma possível volta do Beatles³⁰, desmentida poucas edições após.

Comunicados equivocados ou falsos de outros artistas também apareciam, por exemplo, quando parte da coluna foi usada para lamentar a morte de Bob Dylan³¹. Para Elizabeth Rondelli e Micael Herschmann (2000, p. 205), ao tratar a morte de famosos na mídia, observam que esta surge na imprensa como um pretexto para recuperação de vida, segundo ele um "ato biográfico", construído no intuito de formular opiniões negativas ou positivas sobre o indivíduo.

Segundo a historiadora Maria Helena Capelato:

Com base no pressuposto de que a informação não é neutra, cabe ao analista averiguar se ela é verdadeira, como foi interpretada pelo jornalista-repórter e exposta no jornal, além de considerar os artifícios que fazem parte da diagramação, como a escolha do local destinado à notícia de forma a dar destaque ao assunto ou diminuir sua importância. (CAPELATO, 2015, p.131-132)

Essas quimeras sobre a morte de Bob Dylan e as várias voltas e novas gravações da banda The Beatles assinadas por J. França devem ser levadas em consideração ao analisar o periódico. A imprensa nem sempre é confiável em suas informações, mas, ao mesmo tempo, pode influenciar o pensamento dos indivíduos de uma época com suas notícias.

O autor da coluna “*As Transas*” e um dos principais divulgadores do rock na imprensa do litoral do Piauí na década de 1970, também era um jovem inserido nas tradições culturais da maioria na região. Encontramos em J. França, um jovem nordestino que recebeu o prêmio

30 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 08 de jan. 1975, p. 5.; J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 15 de jan. 1975, p. 2.

31 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 25 de dez. 1973, p. 12. Até o momento dessa pesquisa o cantor e compositor Bob Dylan permanece vivo, tendo recebido no ano de 2016 o prêmio nobel de literatura, em referência ao conjunto de sua obra.

da juventude católica da cidade de Parnaíba entregue aos jovens que se destacavam, em diversos segmentos. Nesse caso, seu destaque se deu no rádio da região³².

Ao mesmo tempo, podem ser encontrados, em sua coluna, lançamentos de discos e notícias das turnês do Alice Cooper e Black Sabbath, artista e banda considerados pelos segmentos conservadores – principalmente na década de 1970 e 1980 – como propagadores do satanismo e do “oculto” por usarem de performances, músicas e capas em seus discos que empregavam metáforas relacionadas ao mal.

Ambiguidades possíveis como as expostas anteriormente podem ser considerados comuns aos moldes da juventude que sentia a modernidade pulsar no Brasil, mais especificamente no litoral do Piauí (local da análise) nas décadas de 1970 e posteriores, mas que também levavam em sua formação identitária os parâmetros tradicionais da região.

Para Renato Ortiz (2007, p.119-120), tem-se no advento da sociedade urbano-industrial a descentralização dos indivíduos em relação à tradição, rompendo os laços de solidariedade, deixando-os soltos na malha social. A partir disso, no mercado consumidor, - órgão integrador social e cultural dos indivíduos – faz com que sejam plausíveis e comuns nos jovens, estas integrações entre o tradicional e moderno, pois, este mercado se torna a força reguladora do comportamento, usando dos norteamentos sociais das tradições.

Considerando as análises de Stuart Hall (2006, p.13), ao tratar da modernidade tardia, percebemos que identidade unificada é uma “fantasia”, pois ela está em atividade cambiante constante. Isso é possível por estar em um sistema de “comunicação globalmente interligado” que proporciona experiências em níveis midiáticos às pessoas de vários lugares do globo, fazendo com que haja confrontos com diferentes identidades (idem, p.75).

A partir disso, nestas múltiplas possibilidades de escolha que levam referenciais identitários – ainda considerados externos ao contexto da região – estão subsídios que tornam compreensível J. França receber um prêmio da comunidade católica concedido na cerimônia chamada de “A noite das personalidades piauienses”, sendo contemplado pelo troféu “Carnaúba de Prata”. Essa premiação foi concedida aos piauienses, que, segundo a organização, destacavam-se nos níveis estadual e nacional. A festa era organizada pela Associação Cristã dos Moços e foi realizada na Associação Atlética Banco do Brasil – AABB.³³

32 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 16 de mai. 1973, p. 03.

33 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 09 de mai. 1973, p. 05.; J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 16 de mai. 1973, p. 03.

O jovem J. França foi premiado pelo programa esportivo “Esporte Total”, apresentado na Rádio Educadora em Parnaíba e não pela sua atuação no jornal *Folha do Litoral*, que não é sequer citada quando se aborda o prêmio. Esse reconhecimento é consequência das atividades em outra mídia, indicando existir uma pluralidade de temas abordados pelo jovem jornalista – seguindo prática costumeira da classe jornalística do litoral. Era comum a circulação dos indivíduos que compunham o campo midiático do litoral, em que alguém poderia, em um veículo (Rádio Educadora), falar de esportes, principalmente futebol, ao mesmo tempo (no jornal *Folha do Litoral*) que escrevia sobre as últimas novidades do rock nacional e internacional.

A coluna de J. França passa por algumas modificações no decorrer de sua atividade. Mudanças essas significativas em seu *layout*, que se aproximava de uma linguagem jovem. Houve três mudanças nos primeiros anos³⁴, mas somente no ano de 1971 foi implantada a logomarca. Nesse ano é adotada no *layout* a imagem de uma mão com dois dedos levantados (indicador e médio no lado direito) trazendo característica ligada ao rock da década de 1960³⁵. Além do seu nome, está na sua formatação o título da coluna em destaque (Em 1973 é acrescentado "As Transas" no lado esquerdo, formato adotado até 1975).

Como simbologia, uma mão direita estando nesta posição, significa a paz, sendo muito utilizado pela juventude da década de 1960, mais especificamente pelo movimento *hippie*, principalmente o estadunidense.

Essa escolha reforça a sua preferência pelo rock produzido nesse período, mostrando o impacto que grandes marcos da indústria fonográfica tiveram na juventude de todo o mundo. No caso da década de 1960 está a ida de bandas inglesas para os EUA com objetivo de ampliar seu alcance em níveis globais, sendo os de maior destaque The Beatles e The Rolling Stones, nomes frequentes nas informações dispostas aos leitores do litoral por meio de sua coluna.

Após sua implantação, essa logomarca, invariavelmente, estava no início da coluna. Na edição de 28 de fevereiro de 1973, J. França explicou qual seria seu significado³⁶,

34 Apesar de quebras temporais no *corpus* documental relacionado ao jornal *Folha do Litoral*, ainda é possível identificar mudanças na apresentação da coluna e que podem ser vistas no Anexo 02

35 Ver Anexo 01

36 Logomarcas inspiradas no rock apareceram em outros momentos do jornal *Folha do Litoral*. No ano de 1978, essa referência está na coluna “Cosmos”, assinada por Paulo de Athayde Couto, mesmo usando imagem inspirada no rock, não havia nos textos publicados algo relacionado ao estilo musical. Ter o rock fora de espaços específicos mostra a sua inserção e influência, motivadas por escolhas definidas pela admiração pessoal ao estilo musical. A explicação sobre a arte do logo da coluna Cosmos é: “O clichê com o título COSMO e mais os desenhos foi uma criação artística do desenhista Flamarion Mesquita da Cunha que, a meu pedido, desenhou

afirmando que a sua referência era o icônico roqueiro brasileiro Serguei³⁷. O motivo da escolha é influenciada, segundo J. França, por Serguei ser “o melhor cantor pop do Brasil”³⁸. Chamar de “pop” o trabalho do mencionado artista mostra como estava sendo a inserção do rock nas mídias parnaïbanas, o que antes era uma música de segmentos específicos, agora estava se tornando “popular”.

Sobre o conteúdo da coluna assinada por J. França, destacam-se outras marcas registradas e que delimitavam sua posição, referencial, e público alçados pelas notícias, críticas e informações. São frases que davam início e finalizavam as colunas, vindas geralmente com um misto linguístico de português e inglês.

No ano de 1970 era publicada a primeira edição da revista Rolling Stones Brasil e junto com ela a formação de uma crítica especializada em rock. O nome de Ezequiel Neves ganha destaque quando analisada os modos de escrita de J. França, pois os dois mantêm similaridades na abordagem do leitor. Segundo o historiador Cleber Sberni Junior:

Ezequiel Neves também incorpora elementos da contracultura quando expõe que abandona o perfeccionismo e a severidade em seus textos, preferindo a emoção e a espontaneidade como parâmetros para a sua escrita e audição. Essas características condizem com certo anti-intelectualismo e antiacademicismo que estão presentes no repertório da contracultura. Para ele, o mais importante da obra musical é a empatia como critério. (2015, p.72)

Esse modo usado por Ezequiel Neves e J. França em seus escritos, mostra uma linguagem que busca chamar a atenção do seu leitor, abordando-o como se o mesmo estivesse andando distraído e o colunista com algo novo a oferecer. Essas chamadas e finalizações mostram o público-alvo de seus escritos: o jovem, que progredia em representatividade artística e midiática nacionalmente. Este crescimento não é no sentido de aparecimento de pessoas da faixa etária, mas no de ideias que eram vinculadas às formas jovens do mundo contemporâneo.

Os direcionamentos descritos são evidências da quebra de elos geracionais proporcionados pelas transformações capitalistas no século XX. Tais mudanças podem ser

baseado na capa do disco de John Lennon, gravado em 1972 intitulado “Mind Games”. Ver: Paulo de Athayde Couto. Cosmos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 04 de fev. 1978, p. 02. Exemplo da imagem no Anexo 03.

37 Considerado o roqueiro mais velho do Brasil, atualmente com 85 anos (nasceu em 1933), mora na cidade de Saquarema, no Estado do Rio de Janeiro e em atividade no meio artístico desde 1966, quando lançou “As Alucinações de Sergei/Eu não volto mais”. Passou por grandes gravadoras, sendo elas: RCA, BMG, Ariola, Continental, Polydor e a gravadora independente Baratos Afins. Apresentou-se no *Rock In Rio II* (1991) e *Rock In Rio III* (2001). Recentemente estreou o documentário “Serguei: o Último Psicodélico”, que mostra depoimentos de artistas do meio rock nacional e cenas sobre a vida e carreira.

38 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 28 de fev. 1973, p. 03.

sentidas em diversos fatores, como a escolha da profissão, vestimenta ou do tipo de arte preferido, o qual, desde a década de 1950, a juventude teve no rock um dos seus principais pilares.

J. França adota estas chamadas no ano de 1970, quando a coluna começava a ganhar ares de maior elaboração na composição, estando a frase "*Hi Hot Peoples, here we gon again*"³⁹. Essa frase está na edição comemorativa natalina que circulava com vinte páginas, número superior às seis costumeiras.

Além das chamadas existiam seus encerramentos que também ganharam este caráter híbrido e de aproximações características joviais, que, em muitos momentos, assemelhavam-se com a linguagem usada no rádio. Para exemplificar tais modos, destaco: "*Alô amigos, iniciamos aqui a nossa primeira coluna de um novo ano.*"⁴⁰ e dois anos depois no fechamento do último texto publicado no jornal *Folha do Litoral* em 1975, que dizia: "*Até a próxima fellows, com mais notícias sonoras para ustedes desgustarem.*"⁴¹

Nessa direção, o historiador Eric Hobsbawm (1995, p.23-24), ao falar das transformações na sociedade do século XX, enfatizou três pontos principais, que são: primeiro, o mundo deixa de ser eurocêntrico; segundo, o globo se torna unidade operacional única, principalmente a partir da década de 1950; a terceira transformação tem maior ligação com questões individuais nos apreciadores do rock, onde, sendo a "*transformação em certos aspectos a mais perturbadora, é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente*" (idem. p. 24). Isso significa que, na época aqui abordada, temos o jovem falando para o jovem, algo que não deve ser considerado incomum anteriormente. No entanto, esse jovem que está "falando" agora leva referencial e abordagens específicas do universo juvenil, gerado por suas experiências.

Por conta disso, encontra-se: "*Por hoje é só, Fellows, até domingo, Bye, crazy bye,...*" (Fim do texto)⁴², "*Alô amigos. Estamos aqui com a curtição musical de hoje.*" (Início do texto)⁴³, "*Hello, big brothes and baby, very crazy. Yeah...*" (Início do texto)⁴⁴, "*Oi turma, é o*

39 Em tradução livre para o português é: "Olá pessoas quentes, estamos aqui novamente". Ver: J. França. Pop Tops. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 25 de dez de 1970, p. 16.

40 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 04 de jan. 1973, p. 03.

41 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 30 de set. 1975, p. 04.

42 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 04 de jan. 1973, p. 03.

43 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 07 de jan. 1973, p. 05.

44 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 11 de jan. 1973, p. 05.

som colorido nas bocas.” (Início do texto)⁴⁵; *“E só, Tchau, crazy people.”* (Fim do texto)⁴⁶; *“Bem, gente por hoje é só”* (Fim do texto)⁴⁷. Estas frases são exemplos do que ocorreram dezenas de vezes nos anos de atividade da coluna. Estando presentes, notícias que se endereçavam principalmente aos jovens do litoral piauiense. As chamadas e encerramentos usados tinham sintonia com o apareceria.

Mesmo tendo em grande parte textos relacionados ao rock, outros temas da indústria fonográfica e cultural eram publicados na coluna. Porém, existe uma menor “animação” nas chamadas desses casos, diferente dos momentos em que o rock era o ponto central. Este e outros indícios expostos anteriormente mostram as preferências artísticas de quem escrevia.

Como mostra a coluna, J. França era envolvido não somente na divulgação cultural, mas também na organização de eventos musicais na região, amplamente divulgados e noticiados nos espaços que ocupava na mídia e alguns eram chamados de “festivals de música popular”. Esses festivais tinham como foco a música autoral da cidade. Dividido em etapas seletivas, atraíam grande público nos diferentes dias de realização, incentivando a sociedade litorânea na participação cultural e dando espaços nas intervenções para letristas e músicos que participavam dos eventos.

No ano de 1975, mais especificamente em 30 de julho, está sua última aparição. A saída da coluna fez com que notícias sobre as práticas artísticas sofressem queda de frequência no restante da década. O rock foi o maior afetado.

Antes do encerramento das atividades no *Folha do Litoral*, José de Ribamar de França Rego ou como público lhe conhecia, J. França regressou com sua família à cidade de São Luís, no estado do Maranhão. O pai foi o motivo de sua mudança, pois se aposentara, influenciando seu regresso com família ao seu estado natal⁴⁸.

Portanto, com essa mudança, temos, no jornal *Folha do Litoral*, um hiato de alguns meses nas edições de *As Transas (Pop Tops)*, entre fevereiro e maio. Durante essa pausa, surgiram algumas colunas de poucas edições, servindo como alternativa aos leitores para temas abordados por J. França durante quase meia década. São elas: “Disco...tindo” e a “Arte & Notícias”. A primeira não teve continuidade, no entanto, a segunda, após a saída definitiva de J. França, ocupou, no ano de 1976, a função de divulgadora das artes, indústria fonográfica e em alguns momentos do rock.

45 J. França. *As Transas (Pop Tops)*. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 14 de jan. 1973, p. 03.

46 J. França. *As Transas (Pop Tops)*. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 18 de jan. 1973, p. 03.

47 J. França. *As Transas (Pop Tops)*. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 25 de jan. 1973, p. 05.

48 Sobre trajetória de Luiz França nos meios de comunicação de Parnaíba e seu regresso a São Luís, ver: Editorial. Luiz França. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 09/10 de mar. 1975, p. 07.

Na edição de 14 de maio de 1975, J. França justificou sua ausência ao público:

(SÃO LUIS) - Alô minha querida gente da "Princesa do Igarau. É um prazer imenso cumprimentar-lhes através deste órgão de imprensa, depois de uma prolongada ausência, motivada pela nossa transferência. Aproveitamos a oportunidade para nos colocarmos à disposição de todos os parnaibanos e amigos, aqui na capital Timbira, no seguinte endereço: Rua Viana Vaz 111/Fone 20209.⁴⁹

Depois desta edição, o jovem comunicador assinou mais sete colunas no mês de julho, após mais um hiato entre maio e julho. Todas, depois de sua explicação na edição de 14 de maio de 1975, foram assinadas da cidade de São Luís e grande parte das notícias da cena musical, eram de sua nova morada. J. França esteve, como muitos outros jovens da região, em uma situação de migração para outras localidades. No entanto, continuou a serviço do rock em muitas atividades nos veículos midiáticos de São Luís, onde constituiu carreira e ficou até o momento de sua morte em 2014.

Nas páginas ocupadas por J. França, nos primeiros anos da década de 1970, encontram-se informações e críticas que mostravam referencial de diversidade em relação ao estilo musical rock. Um exemplo disso está no ano de 1973, o jovem colunista fez comentários diante das análises de um radialista da rádio Educadora, que levou em seu programa, um especial da cantora Pat Bonne:

Pat Bonne, cantante da década de 50, teve lançado recentemente um álbum que traz grandes sucessos daquela época que era toda do rock and roll. Com uma montagem especial feita pelo Emilson em seu programa diário na Educadora com as músicas "Truti Fruti" (Pat Bonne) e "Let me Sing Let me sing" (Raul Seixas) ele mostrou uma mera coincidência música. Cá pra nós, o negócio tá mais plágio.⁵⁰

Percebe-se aqui que havia, na rádio Educadora, então principal veículo midiático da região, sucessos de décadas anteriores e do momento, ocupando espaços na programação que chegava às casas, bares, estabelecimentos comerciais e nos espaços de sociabilidade cotidiana do litoral do Piauí.

Portanto, críticas musicais desse período, mostram que os colunistas e/ou radialistas que dedicavam seus trabalhos às atualidades da música nacional ou internacional estavam em paralelo com veículos dos grandes centros nacionais ao falar sobre o rock.

Analisar se há semelhanças ou plágio entre as duas composições não estão em foco aqui, mas perceber e entender que havia nos seus críticos alguma maturidade de referencial

49 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 14 de mai. 1975, p. 04.

50 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 03 de fev. 1973, p. 03.

musical, que mostra acessos a uma variedade de informações e noções artísticas no momento em que a indústria fonográfica iniciava seus primeiros passos rumo à consolidação no Brasil.

Como abordado anteriormente, J. França tinha essa dualidade quando residia na cidade de Parnaíba, abordando temas distintos. No rádio, seu programa era de esportes; no jornal, era de música, mostrando sua inserção no mundo do lazer no litoral. O jovem jornalista, mesmo saindo das terras piauienses, mostra a diversidade de lugares em que um trabalhador do meio midiático poderia estar, pois, no ano de 1975, inicia em São Luís, no Maranhão, um programa semanal, que, segundo ele, poderia ser ouvido em Parnaíba-PI:

Nós sabemos da potência e a cristalinidade do som da Rádio Difusora do Maranhão, aí em Parnaíba, convidamos aqueles que foram nossos ouvintes na Rádio Educadora e particularmente, aos admiradores do extinto Beatles, para um encontro, todos os domingos, na marca das treze horas, através da emissora maranhense, onde estamos apresentando o programa "BEATLES CLUB BAND".

Trata-se de um histórico musical sobre a vida do sensacional grupo, onde nós contamos a história da formação do grupo e divulgamos as músicas compostas pela dupla Lennon & McCartney.

Então, a partir de domingo, gire o seletor de sintonia do seu receptor para a Radio Difusa, na marca das treze horas, estabilizando-o em 62 metros, para curtir comigo, o som do BEATLES.⁵¹

Além das possibilidades criadas na chegada das ondas de rádio em outros Estados – podendo isso ter colaborado em alguns momentos na difusão e apropriação do rock no litoral piauiense – mais uma vez para os leitores do *Folha do Litoral*, é enfatizada a importância da banda The Beatles nos primeiros momentos do rock na região. Segundo Steve Chapple e Reebee Garofalo (1989, p.110): “a força e a popularidade que os Beatles tinham ganhado no seu período mais directo habilitou-os a conduzir milhões de jovens a toda uma série de mudanças.”.

J. França também levou às páginas do jornal *Folha do Litoral* notícias de festivais internacionais, sendo também uma de suas abordagens preferidas, pois, ele chegou a organizar eventos desse tipo na região:

O Pocono Festival acontecido recentemente em Nova York, e realizado no *New York's Gran Prix Recetrack* de *Watkins Glen*, transformou-se em um dos maiores recordes de público em festivais de *pop music* e foi presenciado por mais de seiscentos mil espectadores que se comprimiam no grande circuito de corridas de formula-1, durante quase uma semana para curtirem o som dos conjuntos ALLMAN BROTHES, GRATEFUL DEAD e mais a importante presença de Leon Russell.

O recorde, em público, pertencia ao Festival de *Woodstack*, um dos mais importantes festivais realizados no mundo, mas o de *Watkins Glen* convocou cento e cinquenta

51 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 14 de mai. 1975, p. 03.

mil espectadores, a mais.⁵²

É pouco provável que algum habitante do litoral piauiense tenha participado desses festivais comentados nas páginas do jornal ou que ao menos tivesse a pretensão e/ou conhecimento prévio do evento. Os custos para uma viagem entre o litoral piauiense e Nova York não eram acessíveis para grande parte dos jovens apreciadores na região.

No entanto, notícias assim poderiam ir além da experiência material, relacionada a viver presencialmente os festivais internacionais, servindo, naquele momento, apenas como alimento para o imaginário dos jovens apreciadores do rock na região. Essas informações poderiam abrir caminhos para que artistas e bandas de rock, por exemplo, as destacadas na matéria, pudessem ter suas músicas tocadas em programas voltados ao público jovem nas rádios locais.

As notícias dos jornais podem ir além do plano físico. Uma vez lidas e assimiladas, as matérias dos periódicos mexiam também com o imaginário dos leitores, esse que é o conjunto de imagens tanto visuais quanto verbais que formam um sistema complexo de símbolos que interagem com determinado grupo social que o produz e lê (BARROS, 2005, p.09).

Tendo em vista que a imprensa poderia alimentar o imaginário dos consumidores do rock, a partir do jornal *Folha do Litoral* e sua coluna assinada por J. França essas imagens e símbolos começam a fazer parte dos leitores que se aventuravam na música rock. Estava, naquelas páginas, um local fecundo de informações relacionadas aos seus ídolos, criador de imagens que aproximavam o jovem do litoral ao artista que, dificilmente, conheceriam “ao vivo”. Aparições de notícias relacionadas ao rock começaram a juntar simbólica e materialmente o estilo musical da cultura do litoral.

Havia também formas locais de contato que faziam o rock circular entre o público, caso dos festivais de música em Parnaíba. Festivais na região foram constantes até a década de 1990, principalmente os chamados “Festivais de Música Popular” e festivais organizados pela juventude católica. Alguns tiveram gravações fonográficas e quantias de dinheiro como prêmios.

Suas centralidades estavam na ideia de incentivo da música autoral da região. Por conta disso, temas que abordavam o cotidiano social e suas relações com a cidade eram comuns, além dos prêmios que custeariam os aparatos dos músicos. Os eventos eram momentos de divulgação dos principais trabalhos, servindo de diferencial para contratantes da região e até fora dela. Isso tudo servia de motivação para experientes e novos artistas

52 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 25 de ago. 1973, p. 03. Destaques do original.

participarem.

J. França era um dos agentes de circulação cultura do litoral piauiense, organizando eventos que levariam os diversos estilos musicais, dentre eles o rock, para o público que não conhecia e para os seus costumeiros leitores do *Folha do Litoral*. Em seus primeiros escritos no ano de 1970 e 1971, trazia informações sobre o Festival Internacional da Canção – FIC ocorridos no Rio de Janeiro, já no ano de 1973, levava ao leitor informações sobre o Festival de Música Popular de Parnaíba, dedicando espaços para sua empreitada fora dos meios midiáticos, colocando, no local, destaques nesse segmento, que até então estava junto do litoral piauiense.

Festivais de música popular levavam a diversidade de estilos ao litoral, onde estariam as primeiras bandas que tocariam o rock produzido na região como, por exemplo. Normalmente, os compositores e músicos participantes dos festivais de música cristã e música popular no litoral piauiense eram os mesmos, tendo, entre eles, pessoas que exerciam função de cronistas sociais, artistas experientes da região e jovens admiradores da cultura musical, todos em buscas de oportunidades na música.

Sabemos que a música popular brasileira, ou como ficou conhecida “MPB”, foi alavancada fortemente por meio de festivais, alguns deles transmitidos por canais de TV. Entre os artistas que tiveram destaque, encontram-se Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Belchior e alguns nomes do rock nacional, como Roberto Carlos, Raul Seixas e a banda Os Mutantes.

Compreender essa diversidade nos festivais de todo território nacional passa por entender a década de 1970, como exemplifica o historiador Marcos Napolitano (2011, p.149-150) ao analisar suas políticas culturais. Nessa época, os militares adotaram dualidade de ações na parte cultural, estando de um lado a repressiva e do outro a proativa. Indiretamente, movimentações em prol da modernização brasileira com objetivos de “integração nacional” refletiam na cultura nacional. Exemplo disso são gravadoras aumentando seus *casts* artísticos, algumas vezes escolhidos entre os participantes de festivais do eixo Rio-São Paulo. Consequentemente, eram lançados mais discos, o que aumentava a diversidade de ritmos que poderiam ser escolhidos pelo consumidor final.

Havia, no litoral piauiense, uma diversidade de estilos entre os participantes de seus festivais. Isto fica evidente quando:

Iniciamos o ano, teremos a abertura em matéria de som, de um espetáculo que promete marcar presença. Falamos do I Festival de Férias de Música Popular Parnaibana, cujas inscrições encerraram no dia de ontem. Temos aí vinte canções

lindíssimas com muita gente concorrendo, a maioria muito ligada em som. Teremos sambas, músicas underground, marchinhas, yê-yê-yê e tudo mais que fala em matéria de ritmo bem jovial.⁵³

A música "jovial" estaria nesses momentos artísticos, que coloca em circulação e interação os músicos e público da região. Dentre as características dos competidores, duas chamaram atenção para pensar o rock, são elas: música *underground* e yê-yê-yê. Tem-se, nesses estilos musicais, possíveis mostras do estilo na região.

Sobre o primeiro, a música *underground*, não pode haver definição clara de que seria alguma vertente do rock, podendo ser colocada entre o rol dos ritmos jovens, pois ela toma destaque nesse sentindo. Isso se justifica, pela inserção feita por J. França, conhecedor do rock em sua dimensão ampla. Por conta disso, entende-se que o *underground*, neste momento, seja um estilo ligado a esse meio.

Existe na lista dos estilos musicais que seriam apresentados um segundo destaque definido como yê-yê-yê, este ritmo é ligado à Jovem Guarda e tinha além do conjunto musical Os Atômicos (que acompanharia às apresentações), havia um competidor que levava esta face do rock ao litoral piauiense. Ter um estilo que tomou proporções midiáticas de grande porte em um momento definidor da cultura jovem brasileira coloca em voga quais os gêneros que estariam sendo tocados na rádio, pois a mídia sonora tinha grande força na referência musical do público no litoral do Piauí na década de 1970.

Nesse período, no início da década de 1970, não existiam evidências, na imprensa da região, de bandas ativas no cenário musical que fossem exclusivamente de rock, apesar de não ser descartada essa possibilidade, sendo abertos, no litoral do Piauí, leques de informações e bandas ligadas ao estilo, feitas em grande parte por J. França no *Folha do Litoral*.

As músicas que se destacavam, nos meios de comunicação nacional e regional, eram reproduzidas em repertórios dos conjuntos musicais em algumas oportunidades, geralmente executadas em apresentações com público de maioria jovem. A banda Os Atômicos, por exemplo, executou canções que iam do samba ao yê-yê-yê, mostrando versatilidade dos músicos que trabalhavam no conjunto musical profissionalizado.

Fatos como esses, são similares à chegada do rock no Brasil, principalmente no início da segunda metade da década de 1950, quando não existiam artistas do universo rock, mas cantores e músicos contratados para gravarem músicas de rock que haviam ganhado sucesso internacional em suas versões originais, principalmente por meio de filmes que chegavam às salas de cinema brasileiras.

53 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 10 de fev. 1973, p. 03.

Nas chamadas feitas na coluna, presentes no início de grande parte das participações no periódico podem ser encontradas as informações sobre artistas e acontecimentos internacionais, nacionais ou/e locais. Uma amostra desta abordagem escolhida por J. França é evidenciada nesse exemplo: “*JONNH NO BRASIL – ATÔMICOS ESTREIAM EXPLOSIVO CROONER – CORAL BRASILEIRO NO EUROPA – BNB CLUB TEM FESTA HOJE COM DOIS GRUPOS – VEM AÍ OS SIGNOS DE OURO – JERRY NOS ESTADOS UNIDOS*”.⁵⁴

Nesta mesma chamada, encontram-se informações sobre a chegada de artista internacional ao Brasil e o cantor brasileiro Jerry Adriani aterrissar nos EUA. Além disso, toma destaque, uma notícia do material técnico que seria estreado, resumindo-se ao equipamento musical do conjunto Atômicos, que está entre os principais do litoral. Essa última informação mostra a busca por aprimoramento de suas capacidades técnicas que seriam um diferencial entre os contratantes.

Seguindo a ordem das chamadas, encontram-se no corpo da coluna informações sobre apresentações de conjuntos musicais no espaço do Clube do Banco do Nordeste do Brasil, popularmente chamado de BNB Club, passando para um show que ocorreria em uma escola da cidade de Parnaíba, ambos com a presença dos Atômicos. O clube e a escola são dois lugares distintos socialmente, um estava nas mãos das classes abastadas e o outro, teoricamente, estaria a serviço das classes populares. No entanto, essa pluralidade de locais na qual se insere o rock mostra uma centralidade substancial que gira em torno da indústria cultural em voga no litoral.

As informações publicadas são evidências das ligações e referências que o autor da coluna buscava e tomava como pertinente de divulgação para seu leitor. Considerando o tempo de circulação da coluna no jornal *Folha do Litoral*, suas notícias tinham uma recepção amigável diante da diversidade que ali estava veiculada.

A partir da imprensa do litoral piauiense e, nesse caso específico, o jornal *Folha do Litoral*, são encontrados, em suas páginas, artistas de alcances globais, que construíram suas carreiras no nicho musical rock. Inclusive, tais nomes começavam suas primeiras excursões no Brasil na década de 1970 e teriam uma frequência maior nas décadas posteriores.

Aparições em jornais afastados dos grandes centros podem ser consideradas como um dos reflexos surgidos com novas movimentações da indústria fonográfica nacional. Para vender discos e, conseqüentemente, os artistas e bandas que os integram, tem-se como uma das melhores formas de divulgação as apresentações em shows individuais ou em festivais,

54 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 13 de out. 1973, p. 03.

possibilitando contato direto ao público consumidor que crescia fortemente.

No entanto, estas apresentações ainda não eram frequentes ou/e possíveis para as regiões afastadas do Sul e Sudeste do Brasil, principalmente a Norte e Nordeste, seja pelos altos custos necessários para locomoção, seja também pelo ainda pequeno público que não cobririam os gastos de locomoção, divulgação, estada e aparato técnico necessário para realização de qualquer show internacional. Isso tudo mostra que, notícias relacionadas aos lançamentos e shows no exterior, poderiam servir de divulgador prévio para possíveis consumidores, uma propaganda viável e de baixo custo.

As notícias chegavam por meio de J. França e jornal *Folha do Litoral* da seguinte forma:

Carlos SANTANA, ex-líder do conjunto musical SANTANA BLUE BANDS, esteve apresentando-se sábado p.p. às 20:00 horas, no Maracananzinho, Rio de Janeiro. Esta é a segunda vez que Santana vem ao Brasil, trazendo seu som maravilhoso e desta feita trazendo novas músicas e novos músicos integram seu conjunto, uma vez que o SANTANA BLUE BANDS foi desfeito.⁵⁵

Carlos Santana já era um ícone do rock e grande parte disso é devido ao festival de Woodstock, do qual foi uma das atrações. Além do mais, esta notícia destacava ser sua segunda vez em terras brasileiras. O ano é 1973 e o local de sua apresentação comportam dezenas de milhares de pessoas.

A conduta adotada pela indústria da música perante o rock é visualizada quando se considera que:

Enquanto a indústria da música crescera e a economia de consumo se expandira sempre estivera presente a potencialidade da cooptação da música rock pelo sistema. Se bem que entendida, de início, como uma ameaça cultural ao sistema, a música rock, economicamente, nunca constituíra problema para a organização capitalista. Quer sob a forma de disco quer sob a forma de fita gravada quer sob a forma de um bilhete para um concerto ou de uma taxa de agência de contratação, a música rock era uma mercadoria embalada que se comprava e se vendia como qualquer outro artigo de consumo – como os filmes ou os sapatos. O tratamento da mercadoria musical era executado inteiramente no seio da estrutura capitalista – primeiro por empresários e pequenas companhias com tendências inovadores e depois por conglomerados e companhias monopolistas totalmente estratificados. (CHAPPLE; GAROFALO, 1989, p.39)

Assim sendo, o rock é um produto da cultura de consumo, que consegue lidar com os diversos setores da comercialização do capitalismo. Vender esse estilo musical é muito mais que vender o som, também é vender referências, histórias, possibilidades e alternativas

55 J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 24 de out. 1973, p. 03.

comportamentais. Esses setores da indústria da música intencionam, principalmente, vender ao público consumidor jovem, por ser suscetível a novidades e tendências momentâneas. Por conta disso, apartar o estilo musical rock de outros era essencial na diferenciação frente ao público.

Outro ponto que se observou nas contribuições de J. França está nas notícias sobre artistas relacionados à música que alcançavam outras mídias, como a televisão. Isso proporcionava aos músicos uma entrada nos lares da região por meios visuais. No entanto, na década de 1970, o rádio ocupa o lugar de principal veículo comunicacional do litoral, principalmente por conta de diversos problemas técnicos que sinais televisivos enfrentavam no Piauí e da faixa de renda de grande parte da população.

Existiram notícias que envolviam a TV combinada à música, exemplo está na relacionada ao programa de Flávio Cavalcante, apresentado na TV Tupi. Em seu espaço, aconteciam apresentações dos mais variados ritmos, geralmente eram artistas que estavam em turnê ou em lançamento de novo trabalho.

Hello fellows, iniciamos nosso papo de hoje falando de rock.

Chubby Cheker e seu tremendo conjunto estiveram domingo que passou pelas bocas de cá para uma apresentação exclusiva(?) no programa "Flávio Cavalcante"

O que aconteceu foi um ouriço geral. Todo mundo se ligou no som e no balanço do criouléu. O corpo de jurados do programa, o público aplaudindo de pé e aí bagunçaram o correto quando o corpo de jurados e público presente ao auditório da Tv-Tupi foram ao palco e ensaiaram alguns passos. Logo depois Flavio pedia "os nossos comerciais por favor".

Por falar em comercial, a Tv-Ceará continua prejudicando os telespectadores no acompanhamento dos programas Via Embratel com excesso de comerciais.⁵⁶

O "papo" começava falando de rock, mas não só no sentido sonoro, neste momento estava ligado ao audiovisual. Encontra-se na televisão uma das formas de chegada do rock aos lares do litoral piauiense, mas eram lares abastados. O cantor estadunidense Chubby Cheker apresentado no programa citado foi um dos principais nomes do estilo de rock dançante chamado Twister, sucesso na década de 1960. Não era incomum artistas estrangeiros virem para o Brasil com o principal intuito de realizar apresentações em algum programa de televisão. Isso acontecia desde a década de 1950⁵⁷.

Mas o que vale ressaltar é o local onde ele se apresentou. O programa Flávio

⁵⁶ J. França. As Transas (Pop Tops). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 07 de fev. 1973, p. 03.

⁵⁷ Para uma melhor compreensão desse assunto ver: PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro: 1955-65*. São Paulo: Edicon, 1982. p. 29-30; GARSON, Marcelo. *Jovem Guarda: a construção social da juventude na indústria cultural*. 349 f. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2015. p. 232-235.

Cavalcante⁵⁸, com apresentador homônimo, tinha várias peculiaridades, dentre elas, foi um dos primeiros a levar para a televisão o modelo de programa com júri musical. Nos espaços dirigidos por Flávio Cavalcante, apareceram em seu auge nomes do rock brasileiro, entre eles Roberto Carlos e Raul Seixas. Entretanto, o apresentador era um dos principais entusiastas das formas de controle capitaneada pelos militares, levando ministros ao palco para entrevistas e recados ao público.

Artistas apreciam por dois motivos no programa de Flávio Cavalcante: o primeiro e principal é o seu sucesso nas mídias, sobretudo nas rádios e vendas de discos. Isso impulsionava para programas televisivos, objetivando aumentar suas vendas e divulgar o trabalho das gravadoras às quais estavam associados. Oportunidades desse tipo eram ocupadas em grande parte pelos artistas nacionais. O segundo motivo é que, possivelmente, levou Chubby Checker ao palco da TV Tupi, era mostrar os artistas que considerava, genuinamente, nacionais em seus respectivos países, levando exemplos, como o caso do Tango Argentino (OLIVEIRA, 2001, p.100-101).

1.2 “Um jovem caipira que publica uma coluna ensandecida”: Bernardo Silva e o rock brasileiro na “Dicas & Discos”.

A coluna Dicas & Discos, assinada por Bernardo Silva, no final da década de 1970, trouxe informações da indústria fonográfica nacional e também do cotidiano das artes no litoral piauiense. Assim como as Transas (Pop Tops) de J. França, Dicas & Discos conseguiu alcançar estabilidade nas páginas do *Folha do Litoral*, tendo participação ativa no período, ocupando local de destaque e de prioridade sobre o assunto música no periódico.⁵⁹

Desde 1975, as páginas do *Folha do Litoral* pouco difundiram – durante dezenas de contínuas edições – informações produzidas e editadas por jovens envolvidos nas mídias litorâneas, que empreendiam seus esforços na produção de referências sobre a música rock e indústria fonográfica. Bernardo Silva chega com suas críticas musicais e comentários preenchendo esse espaço. No ano de 1978⁶⁰, identificam-se quais as pretensões de público de sua coluna:

58 Sobre o programa Flávio Cavalcante ver: OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. “*Nossos comerciais por favor!*”: A Televisão brasileira e a Escola Superior de Guerra: o caso Flávio Cavalcante. São Paulo: Beca, 2001.

59 Ver Anexo 03.

60 Não é possível definir pelas fontes da pesquisa em que momento do ano de 1977 surge a Dicas & Discos. No entanto, com sua chegada ao jornal *Folha do Litoral*, existe a volta das informações sobre artes e músicas concentradas em um espaço da diagramação do periódico.

UMA PALAVRINHA

TUDO É FESTA: - Após uma pequena e angustiante ausência, voltamos com a nossa *insignificante* coluninha "para alegria de todos e felicidade geral da nação" (leia-se *plebe*). Estamos aí, vivendo um novo ano, onde esperamos poder contar com o mesmo carinho que recebemos de todos, no decorrer do ano que passou.⁶¹

Assim como fez Bernardo Silva em seu texto, a palavra “plebe” e seu contexto merecem destaque na análise. A partir da citação acima, podem ser averiguadas suas conclusões nas ações que objetivariam alcançar o público leitor da sua coluna no *Folha do Litoral*. Na opinião do redator, a cultura popular estaria afastada desse meio, que estava tomado pelos “intelectuais”.

Em vários momentos, espaços na coluna eram ocupados por escritos sobre acontecimentos locais, por exemplo, eventos em ambientes públicos⁶². A imprensa do litoral piauiense era um local de legitimação para indivíduos de famílias abastadas ou com relações sociais e políticas junto à elite local e estadual.

O historiador Pedro Vagner Oliveira (2017, p.29), quando analisa o Almanaque da Parnaíba – anuário que reunia alguns escritos de personagens da imprensa local – mostra que o perfil do “intelectual” do litoral piauiense era composto por figuras políticas que viviam na parte urbana e se inseriam, na elite econômica local: médicos, advogados, engenheiros, dentre outros.

Olhando exclusivamente para a música, esse panorama não sofre alteração, pois, segundo Napolitano (2005, p.38) o mercado de música popular brasileiro está enraizado nos segmentos da “elite”. Isso mostra que a cultura popular do litoral piauiense seguia a regência de grupos abastados da sociedade local.

Como segundo ponto, percebe-se que, para Bernardo Silva, os maiores retornos do público viriam das classes pobres. Obtendo maior acesso a informações por vias relacionadas ao rádio, tinha, nesse suporte, um pilar na familiarização e formação de interesse pela “música popular” ou “pop”, - diferente da parte abastada, detentora de recursos, logo, consumidora de discos – não obtendo facilidade no acesso por via da compra. Consequentemente, tem-se nas classes privilegiadas um modo de consumo diferente, causado pelo seu acesso ao capital, fazendo com que alarguem o poder de escolha por gosto pessoal, adquirindo a possibilidade de norteamento estético das músicas que seriam ouvidas.

⁶¹ Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 04 de jan. 1978, p. 05.

⁶² Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 01 de mar. 1978, p. 05.

Para Jesús Martín-Barbero (2013, p.70), é necessário pensar a música de alcance mais amplo não como algo limitado a uma tradição, mas também como algo ligado a modernidade e a complexidade do urbano. Por conta disso, tem-se no rock algo que começa a criar laços com a cultura popular do litoral piauiense. Para efetivações desses movimentos foi necessário que indivíduos que se relacionavam com as diversas mídias levassem para o público a música rock.

Quando se observa a imprensa do litoral piauiense do século XX, muitos nomes que escreviam colunas e matérias eram os mesmos que atuavam nos ambientes das rádios da região, mais um exemplo está em Bernardo Silva que atuou nos dois campos. Esse tráfego contribuía nas críticas relacionadas à música, mesmo que, nos ambientes radiofônicos, os indivíduos inseridos nessa lógica estivessem envolvidos em programas de outros temas.

Um exemplo dos modos e meios de consumo musical no Piauí está no trabalho do historiador Fernando Costa (2012, p.86), ao tratar da cidade de Teresina na década de 1970. Os meios através dos quais as distintas classes sociais no território piauiense alcançavam a música mostra quais eram os acessos dos jovens das classes baixa, média e alta.

Segundo Costa (Idem), a juventude teresinense de classe média e alta consumia as músicas, usando, principalmente, os discos e participando de eventos. Já os jovens das classes pobres tinham, no suporte radiofônico, sua principal (às vezes única) alternativa de consumo, tornando o uso dos programas de rádio locais essenciais para os divulgadores dos lançamentos fonográficos. Nesse sentido, a capital tinha similaridades com o litoral.

A imprensa tem papel importante na circulação cultural, possibilitando aos diferentes estratos da sociedade informações que alimentam um fluxo intensificado pelo rádio e cinema (MARTÍN-BARBERO, 2013, p.67). Esse é o caso do litoral piauiense. Os jornais contribuíram para o rock se estabelecer no litoral piauiense, sendo um importante ampliador para outras mídias, intensificada pela grande circulação dos envolvidos na comunicação da região.

Partindo dos pontos apresentados sobre as escolhas e possibilidades de vias de consumo, percebe-se a circulação dos integrantes das mídias regionais. Ela estava, seja nos níveis midiáticos, seja nos níveis “intelectuais” ou no nível político, colocando em situação “superior” os integrantes dos jornais, sendo os periódicos, uma rede de interações de ideias políticas, sociais e culturais.

Levando em consideração o exposto por Jean François Sirinelli (2003, p.242, 249) sobre a definição de intelectual, se considera os colunistas/críticos culturais do jornal *Folha do Litoral* e de outros jornais veiculados nas décadas de 1970 e 1980, como inseridos nestas

categorias. Esses periódicos estavam nos espaços que agregavam tensões internas e externas, além de lugar de reação e espaço de sociabilidade. Isso tudo integrava o âmbito de informações endereçadas ao público leitor, ou seja, o jornal impresso.

O rádio e os periódicos tinham grande importância na região, eram palcos de conflitos de ordem política, que poderia envolver os meios de comunicação por serem ligados a famílias tradicionais que estavam nos poderes municipais, estaduais e nacionais. Além disso, tinha função de comunicador das atividades administrativas municipais em grande parte do século XX, possuindo função semelhante à do Diário Oficial atualmente. Informações da cultura também dependiam das mídias impressas nesse cenário, uma atividade cultural poderia ter seu sucesso de público estabelecido pela frequência de divulgação nas páginas de jornal da região.

Embora esteja na mesma década, a coluna Dicas & Discos encontrou um cenário consideravelmente diferente do que “As Transas (Pop Tops)” vivenciou no início do decênio. Fundamentado no historiador Francisco Teixeira da Silva (2007, p.258-264), compreende-se a década de 1970 brasileira com dois momentos distintos: o primeiro momento está no chamado “milagre econômico” até 1973 e o segundo momento que se inicia em 1974, está o começo da distensão dos militares com sua “abertura” programada que “devolveria” aos civis uma democracia fragilizada que durou menos de três décadas.

Conforme a historiadora Alzira Alves de Abreu (2002, p, 10), o “milagre econômico” trouxe financiamentos na indústria que aumentaram a produção de bens duráveis. Além disso, a ideia de desenvolvimento adotada pelos militares proporcionara considerável modernização em seletos grupos comunicacionais, ajudando na formação de redes de televisão e possibilitando melhoras nos outros meios de comunicação. Para os jornais impressos, houve modernização do seu aparato técnico, com importação de equipamentos, modernização de suas sedes e financiamentos de bancos e instituições estatais, procurando, assim, manter o controle de alguns grupos sobre estado e a mídia.

Relacionados aos subsídios econômicos e seu manejo diante de obras estruturantes dispostas à infraestrutura do Piauí na década de 1970, ocorreram ações de implementações de subsídios à imprensa piauiense. A historiadora Cláudia Fontineles (2017, p.83-85) assevera que existira incentivos dos órgãos estatais visando espaços nos periódicos para divulgação e consequentemente autocensura. Esses valores foram usados na modernização do aparato técnico e equipamentos nos órgãos de comunicação.

Apesar do colapso na economia brasileira após seu “milagre”, houve aproveitamento do aparato proporcionado nos anos anteriores da década, fazendo com que artistas brasileiros

inseridos no rock fossem alternativas práticas para grandes indústrias, assim como foi nos EUA do mesmo período.

Isso foi provocado, em grande parte, pela ampliação da indústria fonográfica internacional do período e seus reflexos diretos no contexto brasileiro. Segundo Eduardo Vicente:

Já no âmbito da indústria tivemos não apenas um extraordinário crescimento do mercado, mas também sua aproximação de alguns dos padrões internacionalmente dominantes, sendo o principal deles o da preponderância da empresa transnacional sobre a nacional e do conglomerado sobre a empresa de orientação única. Uma de suas consequências foi a intensificação do uso das estratégias integradas de promoção envolvendo redes de rádio e TVs, situação que acabou dando à produção e distribuição das trilhas de novelas uma grande relevância no contexto da indústria. A televisão, aliás, tornou-se uma espécie de “divisor de águas” do mercado musical, apresentando-se como uma fundamental instância de legitimação para artistas e gêneros musicais urbanos (2014, p.82).

Mesmo tendo possibilidades de chegada da música rock pela TV, como em *clips* musicais veiculados no Programa Fantástico⁶³, proporcionando novos referenciais e assuntos, notícias da cultura local continuavam entre as principais fontes na elaboração dos textos para Dicas & Discos.

O jovem comunicador e produtor cultural Bernardo Silva participou ativamente nos festivais regionais de música popular como compositor e/ou organizador, além de ter sido o principal divulgador de eventos ocorridos na região no *Folha do Litoral*. Como exemplo de seu envolvimento nesses tipos de evento, destaca-se o Festival de Música Pastoral, sendo alvo de polêmicas.

Antes da polêmica ser abordada, frisa-se que a temática do festival estava dentro dos domínios cristãos católicos. O crítico musical atuava em diferentes frentes midiáticas e culturais, o que era algo comum no jornalismo do litoral piauiense. Ao mesmo tempo em que compunha canções cristãs, estava divulgando artistas do rock nacional e internacional na sua coluna Dicas & Discos e na Rádio Educadora, consequentemente incentivando essa produção, que poderia incomodar o meio cristão na região.

A polêmica envolta de sua participação no festival era fundamentada em ajudas que ocorreram em caráter externo à organização, principalmente na divulgação do evento no *Folha do Litoral* e em programa de rádio, neste último foi lida por ela uma crônica de sua autoria, que não foi reproduzida no jornal. Também colaborou ao “dar um empurrãozinho no

⁶³ Na década de 1970, o Programa Fantástico da Rede Globo produzia e veiculava clips musicais dos principais sucessos, tendo entre os primeiros videocliques coloridos apresentados o de Raul Seixas com a música Gita em 1974.

tocante conjunto e roteiros de apresentações das músicas”. Além de tudo isso, participou como compositor com a canção “Um pai nosso para o homem do século XXI”, logrando o primeiro prêmio, oferecido pela Associação Colegial dos Estudantes Parnaibanos – ACEP. Esta era a terceira vez que se tornava vencedor de um festival local⁶⁴.

Vale ressaltar que a resposta de Bernardo Silva não foi publicada na coluna Dicas & Discos, mas como matéria que ocupou significativo espaço na última página do jornal *Folha do Litoral*. No texto, estão pistas da situação vivida em relação ao apoio à cultura do litoral piauiense. Ele começa sua crítica direcionada aos que chama de “mais experientes”. O termo pode ser considerado similar a “adultos”⁶⁵, ideia reforçada ao destacar que os organizadores são todos “jovens”, mostrando não haver crédito dado para as organizações compostas por pessoas nessa faixa etária.

Além de argumentar que a “comunidade em geral” não acreditava na juventude local, Bernardo Silva enfatizou que a sociedade dependia dos jovens e esses precisavam dos adultos. Mesmo falando na falta de apoio, o primeiro e segundo prêmio eram patrocínios da ACEP e Prefeitura de Parnaíba. Com isso, mostrava-se apoio do poder público ao financiar premiações para os movimentos artísticos promovidos pela juventude do litoral.

No processo de formação da “Cena Rock” do litoral piauiense, Bernardo Silva teve papel importante, principalmente como divulgador, usando seus espaços, seja junto ao jornal *Folha do Litoral*, seja na Rádio Educadora de Parnaíba. Dentre as várias contribuições,⁶⁶ analiso, neste momento, aquela sobre o show de Raul Seixas⁶⁷.

Esse evento exemplifica ações empregadas pelos meios comunicacionais do litoral do Piauí, principalmente diante de artistas que alcançavam grande sucesso na indústria fonográfica nacional sendo ligados ao rock. Também mostra quais locais eram destinados ao rock nas páginas do *Folha do Litoral* e quais as reações causadas no público.

64 Bernardo Silva. Festival: Colocação gera descontentamento. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 22 de mar. 1978, p. 06.

65 O termo “adultos” engloba pessoas que estavam diretamente ligadas ao mundo do trabalho e político estadual, podendo ir desde comerciantes, funcionários públicos, advogados, engenheiros, médicos, dentre outros.

66 Paulo Bastos falou em entrevista realizada no ano de 2010 que seu primeiro contato com a música rock foi por meio de um programa de Bernardo Silva na Rádio Educadora. Posterior a isso, Paulo Bastos viria a se tornar importante e respeitado músico, empresário, produtor de shows da Cena Rock do Litoral. Ver: BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

67 Raul Santos Seixas nasceu em 28 de junho de 1945 em Salvador na Bahia e morreu em 21 de agosto de 1989 em São Paulo. Era músico, compositor, produtor, “maluco beleza”, pai do rock e conhecido como Raulzito, sua trajetória musical está entre os anos de 1963-1989. No período da ditadura militar brasileira foi temido pelos repressores por conta da grande influência que adquiriu perante seu grande público. Teve como seu companheiro intelectual o escritor brasileiro Paulo Coelho, ambos se aproximaram das ideias da Thelema de Aleister Crowley. Seguindo as ideias de Crowley, Raul Seixas, Paulo Coelho, Sylvio Passos, Christina Oiticica, Toninho Buda e Ed Cavalcanti escreveram um manifesto da Sociedade Alternativa, distribuído em shows no ano de 1973. Esses exemplares foram recolhidos pela Polícia Federal e causou exílio de Raul Seixas.

No ano de 1978, aconteceu um dos principais eventos relacionados ao rock no litoral do Piauí, causando repercussão no jornal *Folha do Litoral*, já que, naquele momento, havia uma coluna que abordava esse estilo musical. No periódico, foram publicadas notas, notícias e chamadas, visando a uma divulgação massiva do evento. Ocupando lugar de destaque na primeira página da edição de 12 de abril de 1978 e possuindo como título a palavra “show”, a nota dizia o seguinte:

Anuncia-se para o próximo dia 22 um grande show em Parnaíba com Raul Seixas, Elke Maravilha, algumas chacretes e outros artistas de destaque no cenário artístico musical do País. A este respeito há nada concreto. Detalhes em nossa próxima edição, na coluna "Dicas & Discos"⁶⁸.

Além do anúncio de Raul Seixas e Elke Maravilha, artistas envolvidos na grande mídia nacional do período, a nota delegava função/responsabilidade de divulgação destes shows para Bernardo Silva e sua coluna. O jovem, segundo o editorial, estava qualificado para lidar com esse tipo de informação diante do público do *Folha do Litoral*. Portanto, a Dicas & Disco era o local de legitimação da música rock e da cultural musical.

No ano desse show, Raul Seixas vivia conflitos com gravadoras e abuso de álcool e drogas, que se agravaram com as baixas vendas de seus discos. Como consequência, a permanência nas mídias nacionais pouco se relacionava à sua música, estando no foco projetos que nunca se concretizaram, dentre eles, ser candidato a cargo político (SOUZA, 2013, p.210). Esses diversos fatores colocaram o artista em eventos longe das grandes capitais. No litoral do Piauí, ele estaria compondo uma caravana alegórica que traria um ex-jogador de futebol e chacretes. No entanto, sua fama anterior acompanhava de forma mítica Raul Seixas, levando assim a imagens que se reproduzem até os dias atuais.⁶⁹

Em todo o mês de abril e início de maio de 1978, existem informações relacionadas ao show de Raul Seixas na Dicas & Discos, estas reforçavam no público o evento, mostrando um litoral piauiense inserido no circuito nacional de grandes shows.

Um show que estaria programado para o dia 22 do corrente, com a presença de Raul Seixas, Elke Maravilha, o jogador Brito e algumas chacretes, ainda não foi

68 Editorial (Nota). Show. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 12 de abr. 1978, p. 01.

69 Sua apresentação no litoral piauiense traria várias lendas para a Cena Rock da região, dentre elas estão a prostituta do Cabaré da Munguba que passou a noite com o artista; o abuso de drogas no camarim; apresentação interrompida nos primeiros minutos pela incapacidade de ficar em pé de Raul Seixas; entrar no palco montado em um jumento, dentre outras que permeiam o imaginário, mas não apareceram relatadas nas mídias impressas do período que foram consultadas. Não são descartadas que algumas ações ou todas que foram expostas aqui tenham se concretizado, mas em contrapartida não existem disponíveis até o momento fontes que possam determinar com clareza os detalhes dos bastidores e apresentações.

confirmado. Existe possibilidade até de transferência de data, entretanto, asseguram os promotores, o show acontecerá por todo este mês.⁷⁰

Chegava ao litoral piauiense, pela primeira vez, o mítico personagem do rock brasileiro Raul Seixas. Considerado patriarca do BRock ou Rock brasileiro dos anos 80, teve nos primeiros anos da década de 1970 o auge de sua carreira. No ano de 1972 conseguiu classificar duas músicas na sétima edição do Festival Internacional da Canção – FIC⁷¹, considerado, no período, como principal evento musical nacional e que lançou e consolidou alguns dos importantes nomes da MPB, além de envolvidos com o rock brasileiro, dentre eles, o próprio Raul Seixas e a banda Os Mutantes.

A ideia de grandes shows é (re)afirmada pelo periódico, quando em uma nota intitulada “Raul Seixas amanhã em Parnaíba”, dizia:

O Cantor Raul Seixas, autor de grandes sucessos como "Gita", "No dia em que a terra parou", e "Maluco beleza" estará amanhã, pela primeira vez cantando para os parnaibanos, em dois espetáculos programados para o SESC e Igara Club, respectivamente.

O compositor baiano virá acompanhado do seu conjunto e de algumas chacretes que estarão dançando por ocasião do show, marcado para às 19 horas no SESC e no Baile a se realizar às 22 horas no igara.

Trata-se de mais um grande nome do cenário artístico nacional que nos visita e uma boa oportunidade de se "curtir" ao vivo, seus grandes e discutidos sucessos.⁷²

A chegada de intérpretes famosos no Piauí poderia inspirar muitos artistas locais. Raul Seixas era baiano e conseguiu consolidação no cenário musical brasileiro a partir da música rock. Até o ano de 1989, gravou discos que fizeram grande sucesso e tinham suas músicas evocadas pelo público em apresentações. Segundo o historiador da música Alexandre Saggiorato (2012, p.77), Raul Seixas participou de importantes movimentos do rock na década de 1970, nos quais elementos da cultura brasileira foram inseridos no rock nacional – no caso desse artista, a cultura nordestina teve forte influência.

Misturando influências que iam do ícone do *Rock and Roll* estadunidense Elvis Presley ao chamado Rei do baião brasileiro Luiz Gonzaga, o roqueiro baiano cantava músicas como o rock-baião “Let me sing, let me sing” e o rock com capoeira “mosca na sopa”. Além de sua mistura musical, outra principal contribuição de sua produção são as atitudes políticas e ideológicas mostradas nas letras das canções, principalmente pelo momento sensível para a arte brasileira.

⁷⁰ Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 04 de abr. 1978, p. 04.

⁷¹ Em 1972 as músicas foram Let me Sing, Let me Sing e Eu Sou Eu, Nicuri é o Diabo.

⁷² Editorial (Nota). Raul Seixas Amanhã no SESC. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 06 de mai. 1978, p. 08.

No entanto, mesmo no momento em que não tinha grandes performances ao vivo, seu status e sucesso conseguiam manter seu nome na mídia. Com isso, ver a sociedade piauiense “aceitando” dois shows de um artista vinculado ao rock e fazer a sua divulgação nos veículos comunicacionais, ainda que o motivo seja chamar o público e não ter prejuízos financeiros para os organizadores, mostra que, em finais da década de 1970, havia um cenário fértil para o surgimento da “Cena Rock” do litoral.

Junto ao rock de Raul Seixas também são noticiadas as chacretes, mas não existem posteriores menções que estabeleçam a existência dessa apresentação. No entanto, essa caravana mostra que o rock se insere em uma ideia de caravanas artísticas que buscavam o lazer dos seus expectadores como foco principal. Esses momentos proporcionavam o contato do público com atrações das mídias televisivas, podendo aumentar os níveis de audiência em regiões ainda não alcançadas.

Na edição do dia 06 de maio de 1978, datada de um dia antes do show, Raul Seixas apareceu em três lugares do jornal *Folha do Litoral*, um deles era a coluna Dicas & Discos com o seguinte texto:

“Raul Seixas é presença marcante amanhã aqui nesta encantadora city. Ele estará acontecendo às dezenove horas num show a ter lugar no SESC, logo após num baile monumental que se realizará no Igara Clube. O Baiano de "ouro de tolo", “Let-me Sing, Let-me Sing”, “Gita” e tantos outros sucessos promete descolar um enorme público a estes dois espetáculos. Grande é o número de aficionados que esperam ansiosos a apresentação de Raul que, pela primeira vez, vem a Parnaíba. A promoção é das Lojas Ypiranga, Nelson Chaves Filhos e Rubem Freitas.”⁷³

Os seus sucessos musicais estavam ali enfatizados. Isso tinha como objetivo chamar a atenção do público, mostrando os três principais êxitos de diferentes discos aos leitores, noticiando também que muitas pessoas compareceriam ao evento. Um dos organizadores foi Rubem Freitas, também colunista no jornal *Folha do Litoral*, e que tratava da alta sociedade e sua cultura no litoral piauiense, além de ter programas no rádio da região.

Rubem Freitas e seu Carnet Social, falava de bailes; casamentos de pessoas da *high society*; filhos de pessoas abastadas e que passavam nos vestibulares em outros Estados, dentre outros temas ligados à classe burguesa do litoral. Talvez, por conta disso, não existe em sua coluna, informações ou divulgação do show antes da edição do dia 06 de maio. Mesmo sendo um dos organizadores, dedicou somente duas linhas, que diziam: “Por hoje, stop,

73 Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 06 de mai. 1978, p. 06.

RAUL SEIXAS amanhã em Parnaíba, pela primeira vez. Show no SESC e festa no IGARA.”⁷⁴

O Jornal *Folha do Litoral* e Rubem Freitas sugerem que, mesmo o colunista estando na organização do evento, no local onde seus escritos são publicados, ou seja, a coluna Carnet Social, não era no periódico considerado um “local ideal” para informações sobre o rock, em um momento que seria necessária maior intensidade de divulgação. Isso mostra uma divisão na diagramação quando tratado de temas desse tipo, seria a coluna social local da alta cultura e a coluna Dicas & Discos para cultura de massa ou/e popular, sendo rompido em exceções, trazendo assim harmonia na composição.

Após os dois shows de Raul Seixas, algumas críticas surgiram escritas por Bernardo Silva e as principais palavras estavam direcionadas aos produtores. Segundo o colunista, associavam o nome de jornalistas com prestígio nas mídias regionais na produção do evento, objetivando conseguir credibilidade e divulgação gratuita e massificada. Nesse caso, Raul Seixas teve seu show vinculado a Rubem Freitas, influente no *Folha do Litoral* e inserido na rádio Educadora.

Bernardo Silva procurou fundamentar seu argumento com a justificativa do nome incomum de Rubem Freitas na organização de um evento ao qual ele não divulgava em seu espaço na mídia impressa. Analisando essas reclamações, percebe-se como um dos motivos centrais o fato de não ter ocorrido doação de ingressos para os profissionais da imprensa, que receberiam os ingressos como pagamento da divulgação e até na justificativa de cobrir, jornalisticamente, como alega Bernardo Silva, quando criticou: “na hora “H”, nem sequer um ingresso é enviado como pagamento da divulgação. Quem quiser (sic) que pague pra ver. (...). Deveria ter sido um pouco mais elegante com o pessoal da imprensa. Mas, infelizmente não foi”⁷⁵.

Outro ponto colocado engloba não somente os shows de Raul Seixas, mas diversas apresentações realizadas por artistas de repercussão nacional que chegavam ao litoral piauiense. Segundo o colunista, estes tinham suas músicas tocadas “massivamente” nos programas musicais.⁷⁶

Portanto, a partir desta informação, deduz-se que Raul Seixas teve músicas nas programações diárias por, no mínimo, um mês, baseando-se no tempo depositado na

⁷⁴ Rubem Freitas. Carnet Social. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 06 de mai. 1978, p. 03.

⁷⁵ Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 10 de mai. 1978, p. 04.

⁷⁶ Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 10 de mai. 1978, p. 04.

divulgação no jornal *Folha do Litoral*. As escolhas das canções seguiam o mesmo modelo das anunciadas no periódico, selecionadas diante do sucesso alcançado na mídia nacional.

Sobre o show Bernardo Silva diz:

O show de Raul Seixas foi agradável. Gostoso mesmo. Amarga foi a reação do público que permaneceu na mais completa e perfeita frieza. Vez por outra uns aplausinhos tímidos, uns gritinhos *esfomeados* e só. E o Raul, muito louco, descolava um som incrível, super malucão, num frenesi total. E a moçada lá, parada, Talvez ainda em estado de êxtase causado pelo visual promovido pelas Chacretes que reboavam provocantemente, para a *desgraça* do Jairo Medeiros. E o mais tudo bem. Vamos trabalhar agora para domesticar esse pessoal estático, que reage mecanicamente ante um som de rock. Um público que aplaude, imitando os auditórios que a gente vê em televisão, como bem definiu o Olavo Rebelo. Mas, já dizia Antonio Carlos: "Nem só de aplausos vive o *homem*". E o Raul está aí. Vai muito bem, obrigado. Valeu a intenção, digo, a promoção.⁷⁷

Percebe-se, a partir das palavras na coluna Dicas & Discos, que o sucesso evocado na divulgação não foi sua realidade. Não obstante, também se compreende que existiam interesses no crescimento do rock na região, pois, em âmbito nacional, esses artistas traziam lucros em grande parte influenciado pelos baixos custos que poderiam envolver suas apresentações.

Além disso, outro fator deve ser destacado: a frieza do público causada pelo local em que suas apresentações foram feitas, o Igara e o SESC, lugares ainda geridos e ocupados pela classe média e alta. No entanto, ter suas músicas e a veiculação de notícias relacionadas ao artista, constantemente divulgadas, pode ter contribuído para que, nos anos seguintes, houvesse outras bandas e artistas na mídia da região.

O público do litoral piauiense começava a adquirir suas primeiras experiências de contato direto ou/e “ao vivo” com artistas nacionais do segmento rock. Isso fica explícito quando Bernardo Silva escreveu que os jovens trabalharão para “domesticar” o público do litoral piauiense.

Raul Seixas era figura midiática importante na indústria fonográfica nacional da década de 1970 e 80, pois, segundo o filósofo e comunicólogo Danilo Dantas:

Mesmo longe das grandes discussões políticas, a imagem midiática trabalhada por Raul Seixas diz respeito à figura do crítico social, profeta ou mesmo maluco. A construção dessa imagem é feita principalmente através das letras das canções, que criticam o comportamento da classe média brasileira (Ouro de tolo, Krig-ha, bândolo!), tem um caráter místico (Gita, Gita) ou elogiam a falta de parâmetros morais (Maluco beleza, O dia em que a Terra parou). Mas para entender a construção da imagem midiática de Raul Seixas também são importantes o modo

77 Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 10 de mai. 1978, p. 04. (Grifo no original)

que ele canta e o arranjo das canções. Quando assume o papel de crítico social, Raul Seixas utiliza melodias com forte presença da fala cotidiana, como em Metrô linha 743 (Metrô linha 743, 1984). Quando sua dicção assume um caráter místico são dominantes as melodias passionais, em que o objeto de desejo é deslocado tempo, para um passado ou futuro mítico (Gita, Gita). Como boa parte das canções de rock, os cenários projetados por boa parte das canções de Raul Seixas são urbanos, apesar da forte influência de sonoridades sertanejas. Em outras canções, os cenários são místicos e, portanto, fora do mundo cotidiano. A partir de uma estratégia muito bem construída, Raul Seixas se tornou a figura midiática mais forte de toda a história do rock brasileiro. É claro que, antes e depois dele, outros artistas de rock brasileiro tiveram imagens bem construídas. Mas Raul Seixas se mostra não apenas como um ídolo, para muitos de seus fãs, ele é um filósofo ou um pregador religioso que propõe um estilo de vida. Esses fãs não estão errados, essa imagem midiática está presente em quase todos os discos dele. (2007, p.103)

Os shows de Raul Seixas e os contextos culturais que se formavam marcaram um novo período no litoral e também no seu rock, elevando a um novo nível onde começam a surgir mais apreciadores e bandas. O público jovem que obtinha informações por meios locais em Jornais impressos, Rádio e TV, começam a busca pelas materialidades artísticas, outra hora idealizada.

Raul Seixas é um exemplo da conjuntura política e econômica que o Brasil vivia na década de 1970 e que traz questionamentos aos olhares contemporâneos. Esses são respondidos pelo historiador Marcos Napolitano (2011, p.161), pois, segundo ele, o momento vivido na década de 1970, pelas instâncias culturais no país, trouxe modelos de organização de produção, que, paradoxalmente, abarcaram o campo musical da canção engajada de esquerda que estava agrupada em torno da MPB, pois seria a melhor via de lucro a médio e longo prazos, provocando, assim, essa incorporação pela indústria cultural.

Os locais de sociabilidade cultural e musical começavam a ter o público juvenil como consumidor, que é o caso do show de Raul Seixas em locais que estavam estabelecidos para eventos desse tipo. Os principais sucessos das rádios nacionais se inseriam na juventude piauiense com novas formas de consumo ligadas ao lazer que trariam rendimentos aos produtores e gravadoras envolvidas (COSTA, 2012, p.104). Portanto, esse show anunciado e divulgado por Bernardo Silva no *Folha do Litoral* exemplifica em quais locais o rock transitava na sociedade.

No início da década de 1970 o público leitor do litoral do Piauí começa a ver intensificado diante dos seus olhos notícias relacionadas ao rock. J. França noticiava festivais, lançamentos de discos e cantores que em um primeiro momento somente alimentavam o imaginário dos jovens que se identificavam com o som e o comportamento proporcionado pelo estilo musical.

Em finais da mesma década esse rock chegava aos palcos da região e a frieza do público começava a esquentar diante do sol do litoral piauiense no adentrar da década de 1980. O BRock brasileiro chegava aos jornais do litoral e junto novos espaços eram criados para o rock dentro do território piauiense. Sobre esses novos ares os primeiros passos da formação de uma Cena Rock no litoral piauiense pairarão.

Todos esses elementos, presentes nos periódicos e na cultura, serão importantes para que possa ser entendido como na década de 1980 a juventude litorânea se aproximava do estilo na mesma velocidade em que a indústria fonográfica lançava novos nomes no mercado brasileiro e megashows internacionais aconteciam no território nacional.

CAPÍTULO 2: “Antes morrer lutando, que viver sem uma causa”: juventude e rock no jornal *A Liberdade*

*Disputar em cada frequência/ O espaço nosso nessa
decadência/ Canções de guerra/ Quem sabe canções do
mar/ Canções de amor ao que vai vingar.*

(Rádio Pirata – RPM)

O jornal *A Liberdade* encontrava-se disponível ao leitor nas bancas do litoral piauiense duas vezes por semana, com uma média de seis páginas em suas edições, variando em datas comemorativas. Levava ao público informações da política, cultura e sociedade estadual e regional, além de informações das mídias da região. Mostrava aos leitores sua opinião diante de momentos de polêmicas políticas, retratava, em suas páginas, esses campos de tensão piauiense.

Fundado em 1983, teve como mentor, proprietário e dirigente o jornalista Batista Leão⁷⁸. Integrante do Norte do Piauí na década de 1960 e do Jornal Folha do Litoral em grande parte da década de 1970 levou dos jornais que participou vários moldes estruturais que definiriam editoriais, colunas, diagramações e, com isso, as disposições das informações expostas aos leitores.

Escrever e dispor análises sobre o jornal *A Liberdade* é também mostrar grande parte das atuações nas mídias de seu fundador, principalmente no litoral piauiense nas décadas de 1980 e 1990. Estando em alguns momentos em cargos de chefia da Rádio Educadora; Associação dos Ferroviários da região e da Secretaria Municipal de Cultura, dentre outros. Esse jornalista fazia parte de influentes grupos locais, seja da mídia, seja envolvido com política municipal e estadual. Além disso, foi candidato a diversos cargos públicos, como, por exemplo, deputado estadual e vereador, passando pelos partidos Arena, Partido Popular, PMDB e PFL.⁷⁹

Em 1986, ao ser nomeado Delegado-Representante da Junta Comercial do Estado do Piauí em Parnaíba, vinculada à Junta Comercial do Estado do Piauí – JCEP e à Secretaria da Indústria e Comércio do Estado, expôs, no periódico, seu currículo como forma de promoção e divulgação, mostrando que foi:

⁷⁸ Editorial. CURRICULUM Batista Leão. *A Liberdade*, Parnaíba, 21 de mar. 1986, p. 04.

⁷⁹ Editorial. Conheça seu candidato a Vereador: "Curriculum Vitae" de BERNARDO BATISTA LEÃO. *A Liberdade*, Parnaíba, 10 de set. 1988, p. 04. Esta matéria de página inteira repetiu no jornal por toda a campanha eleitoral de 1988, mostrando a coligação de apoio que Batista Leão integrava.

- Ex-sub-Delegado do Ministério do Trabalho, em Parnaíba-Piauí
- Ex-Chefe do Departamento de Administração da antiga Estrada de Ferro Central do Piauí.
- Ex-suplente (primeiro) de Deputado Estadual no Piauí, PTB (fundador).
- Ex.Vereador, ex-vice-Presidente e ex-Presidente da Câmara Municipal de Parnaíba-Piauí.
- Ex-Diretor dos Jornais: "GAZETA DO PIAUÍ" e "A Tribuna" da cidade de Parnaíba-Piauí.
- Ex-Diretor do Lions Clube de Parnaíba-Piauí.⁸⁰

Além de, no momento da publicação, ocupar os cargos de:

- Diretor da Organização SOCOPI – Sociedade Comercial Piauiense de Representações e Contabilidade Ltda.
- Secretário da Associação Comercial de Parnaíba.
- Secretário da Academia Parnaibana de Letras (P L).
- Diretor Proprietário do Jornal "A LIBERTAÇÃO".
- Membro do Movimento Cursilhista de Parnaíba.
- Membro do Encontro de Casais com Cristo.
- Presidente da U.F.B - Piauí Maranhão.⁸¹

Novamente expôs seu currículo em 1988 quando candidato a vereador na cidade de Parnaíba, trazendo informações similares à edição do ano de 1986⁸². Batista Leão apoiou em seu jornal a candidatura de Mão Santa⁸³ pelo PDS, partido sucessor da ARENA, além de ser candidato a vereador pelo PFL. Após não obter sucesso no pleito municipal, foi Secretário de Cultura de Parnaíba na primeira gestão (1989-1992) do prefeito que apoiou e divulgou nas páginas de seu periódico. Em sua gestão na Secretaria de Cultura municipal, estabeleceu e fortaleceu parcerias com instituições privadas da região, principalmente com o SESC. Essas ligações que surgiam, seriam decisivas em ações do poder público municipal, principalmente relacionadas à cultura nas décadas de 1980 e 1990.⁸⁴

O jornal *A Libertação* foi criado em meio às cisões entre grupos políticos/midiáticos da região. Nascido nos primeiros momentos da volta do pluripartidarismo no Brasil, o periódico viu a permanência e o fortalecimento de determinados grupos/famílias detentores do

80 Editorial. CURRICULUM Batista leão. *A Libertação*, Parnaíba, 21 de mar. 1986, p. 04.

81 Editorial. CURRICULUM Batista leão. *A Libertação*, Parnaíba, 21 de mar. 1986, p. 04.

82 Editorial. Conheça seu candidato a Vereador: "Curriculum Vitae" de BERNARDO BATISTA LEÃO. *A Libertação*, Parnaíba, 10 de set. 1988, p. 04.

83 Francisco de Assis de Moraes Souza vem de família tradicional da política estadual piauiense e passou por diversos cargos públicos, dentre eles governador do Piauí e senador da república, sendo o primeiro governador destituído no cargo por envolvimento em episódios de compra de votos. Chamado de Mão Santa por conta de suas atividades médicas é inspiração de show de humor e biografias cômicas por suas declarações em entrevistas e falas públicas.

84 Encontram-se, nessas ações dos anos 1990, algumas que se relacionam diretamente com o rock na região, sendo elas, festivais e material fonográfico que evocavam a cultura local em várias faces e ritmos.

controle da política estadual e, principalmente, da regional desde o início da segunda metade do século XX.

Na década de 1970, Batista Leão fez parte do corpo editorial no Jornal *Folha do Litoral*, e por conta destas ligações, participou da campanha para prefeito de seu então chefe, João Baptista Ferreira da Silva, eleito pelo MDB e que governou entre 1977-1982⁸⁵. Além disso, esteve envolvido diretamente em 1982 na campanha de João Tavares da Silva Filho, eleito pelo agora PMDB para a gestão no período 1983-1988. Após essa vitória, existe uma mudança de filiações pessoais e partidárias do jornalista, que, ao mesmo tempo, tornou o *Folha do Litoral* seu principal alvo e inimigo, levando para o público leitor esta disputa em diversos momentos⁸⁶.

Em 1988 na coluna “3 Notícias”⁸⁷, encontra-se na edição de 05 de novembro uma matéria que ocupou todo espaço da coluna e parte da última página, levando como título: “A Libertação” - uma consequência de traições”⁸⁸. Isso altera por uma edição a normalidade da coluna, que anterior e posteriormente tinha três notícias em seu espaço, abordando política e a sociedade piauiense. Esta coluna não levava assinatura de um editor responsável em suas aparições, portanto, o que presume ser de responsabilidade do jornal e Batista Leão.

A normalidade da coluna foi alterada por aparecer no espaço destinado a ela uma explicação ao leitor referente à criação do novo órgão na imprensa do litoral piauiense em 1983. O “por quê?”, está respondido facilmente em seu título, além de ter sido reforçado em dois generosos locais ocupados na terceira e última página do jornal. Existem ali informações que mostram sua cisão com os grupos políticos, cujo ápice foi o momento posterior da campanha eleitoral de 1982.

Toda cidade de Parnaíba, sabe que no dia 23 de abril de 1983, foi criado em Parnaíba, um jornal sob a direção do jornalista Batista Leão, cujo proprietário foi vítima do sistema político que domina o Estado e o município.

O jornalista Batista Leão, foi coordenador da campanha do atual Prefeito, com mandato de 6 anos e logo após a eleição o Prefeito eleito o marginalizou de uma tão brutal maneira, que nem sequer o convidou para a sua posse. Um dos primeiros atos

85 Se folheadas edições do Jornal *Folha do Litoral* de 1982, serão encontradas dezenas de matérias ocupando página inteira, exaltando os “feitos” municipais da gestão de Baptista Silva e sua figura.

86 Uma exemplificação dessa disputa está publicada sob o título: “A verdadeira História do Piano”. Nesse texto Batista Leão responde acusações feitas pelo *Folha do Litoral* e Radio Educadora, ao qual diz que “*são sustentadas pelos cofres públicos*”, na busca de provar sua idoneidade publicou na matéria notas fiscais da compra de alguns equipamentos e um piano da Radio Educadora quando foi um dos seus dirigentes. Ver: Editorial. A Verdadeira História do Piano. *A Libertação*, Parnaíba, 07,08 de jan. 1984, p. 06.

87 Essa coluna foi dirigida anteriormente por Batista Leão no jornal Norte do Piauí em inícios da década de 1970, usava o mesmo logo, formato e temas. Por conta disso, presume-se que mesmo sem assinatura no *A Libertação*, ela continuava sendo escrita por Batista Leão. Aparecia em três notícias, que não, necessariamente, giravam em torno do mesmo assunto, mas que na sua maioria eram sobre política estadual.

88 A Notícia pode ser encontrada em: Editorial. 3 Notícias. *A Libertação*, Parnaíba, 05 de nov. 1988, p. 03 e 06.

do atual Prefeito, foi retirar da direção da Rádio Educadora de Parnaíba e do Jornal "FOLHA DO LITORAL", como prêmio pelos relevantes serviços prestados a campanha que o colocou na Prefeitura.⁸⁹

A matéria sobre a fundação do jornal servia, principalmente, para apresentar, de forma propagandística e separar totalmente do grupo rival, o candidato a vereador, Batista Leão no pleito de 1988. Esse momento da coluna “3 notícias” mostrou explicações que faziam duras críticas relacionadas às forças políticas durante o período eleitoral anterior.

A política era o assunto principal do periódico. Isso se devia às relações de Batista Leão com influentes políticos do cenário piauiense, levando ao seu público ações políticas de “destaque” no Piauí, principalmente quando relacionadas aos que ele apoiava. Além da vida política, encontra-se uma efervescente cultura, onde se percebe o rock nas trilhas sonoras nacionais. Este periódico publicou em muitos momentos, os principais lançamentos e shows no Brasil e exterior ao público leitor do Piauí.

Escrever e falar sobre música e arte, em qualquer meio de comunicação da época, tornava-se função de aproximação com o público jovem e, preferencialmente, consumidor, como está sendo exposto aqui. A indústria fonográfica brasileira estava em rápida mutação e constante ampliação, causando impacto na sociedade que tinha no rádio um de seus principais meios de comunicação. Além disso, toda rede televisiva brasileira continuava se ampliando pelo país com a implantação de novos canais e a chegada de sinal em regiões do Norte e Nordeste brasileiro. Mesmo com as precariedades das mídias (Rádio e TV) do litoral, havia a chegada de informações das principais tendências artísticas e estéticas da juventude.

A segunda metade da década de 1980, período no qual o jornal *A Libertação* se consolidou na imprensa regional, foi marcada pelos principais acontecimentos relacionados ao rock no Brasil. Esses refletiram nos comportamentos jovens de todo Brasil, mudando a sociedade e a cultura em grande escala. Exemplo dessa mudança foi a proporção que o festival *Rock in Rio* obteve na sua primeira edição, no ano de 1985. Em seus 10 dias levou artistas e bandas das mais variadas vertentes do rock e de outros estilos que bebiam da fonte musical que o estilo impresso no título propunha. Alguns nomes internacionais se apresentavam pela primeira vez no Brasil e inseriram estes sons e ruídos nos ambientes domésticos de todo território nacional pela TV Globo.

Tem-se, no *A Libertação*, um espaço privilegiado para o tradicional colonismo social do litoral, representado no periódico por Colombo Neto e sua coluna homônima. Essa figura tem destaque nos veículos maiores da região e está em grande parte das edições dos

89 Editorial. 3 Notícias. *A Libertação*, Parnaíba, 05 de nov. 1988, p. 03.

periódicos do litoral piauiense. O espaço de uma coluna social funcionava como divulgador de alguns eventos culturais da alta sociedade da região e noticiou os passos da juventude abastada envolvida cada vez mais com a música rock.

Além disso, temos a coluna “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”. Esse espaço se dedicava no *A Liberdade* a lançamentos da indústria fonográfica nacional e internacional; classes artísticas; dentre outros temas relacionados. No tocante à música, eram levados ao público, por exemplo, notícias de LPs, artistas, shows na região, turnês nacionais e internacionais, músicas tocadas nas rádios, polêmicas envolvendo personagens da indústria musical e meio artístico internacional, nacional, regional e local.

Locais como esse são considerados importantes nas estratégias de alcance de públicos em locais afastados dos grandes centros de circulação musical de massa. Além disso, iniciava-se o momento vivido pela música brasileira, onde existem os principais sucessos de vendas de bandas de rock brasileiras. Por conta disso, encontrava-se nos locais dedicados à música esse gênero que se vinculava aos jovens, mas alcançava outros ares, seja de modernidade, seja de popular.

2.1 “Eles contam que estão curtindo pra valer”: Colunáveis e o rock no litoral piauiense.

Apesar dos problemas que acometiam o sinal de TV na região litorânea do Piauí nas décadas de 1970 e 1980, não convém desconsiderar sua contribuição. Segundo Napolitano (2014, p.114-115), a programação das grandes redes televisivas brasileiras começa a se adaptar aos novos públicos no final da década de 1970, trazendo para sua programação contemporâneos temas da cultura de massa. No litoral do Piauí, essas transmissões eram feitas pelas filiais de estados vizinhos cujos sinais alcançavam na região alguns lares de famílias com condições de arcar com os caros equipamentos.

Nesse mesmo momento, as mídias começavam a discutir como o rock produzido por brasileiros seria inserido nos lares. Para Encarnação (2015, p.160-161) a TV brasileira ao fazer essa discussão, motivada pelo maior surgimento de bandas e cantores, em número superior se comparada às décadas anteriores, contribuiu para a divulgação e surgimento de mais bandas pelas diversas regiões do país.

No início da segunda metade dos anos 1980, mais especificamente em 1985, surgiu o primeiro grande festival internacional de música jovem em território latino-americano, este evento foi realizado no Brasil. Dedicado principalmente ao estilo musical rock que começava

a se consolidar no consumo entre os jovens, foi chamado de *Rock in Rio*, em alusão ao Rio de Janeiro, local em que ocorreu.

O publicitário e empresário Roberto Medina, principal mentor e organizador do evento, trouxe bandas e artistas que fizeram suas primeiras apresentações em solo brasileiro, como foi o caso dos ingleses Iron Maiden, Ozzy Osbourne, dentre outros astros do rock internacional. Além de nomes internacionais, artistas brasileiros já consolidados na indústria fonográfica nacional participaram do evento: Gilberto Gil, Elba Ramalho e Rita Lee, juntaram-se com as jovens bandas do rock nacional Paralamas do Sucesso, Blitz, Kid Abelha e Barão Vermelho, que, naquele momento, alcançavam os primeiros sucessos que estabeleceriam seus nomes na história do rock nacional. Essas apresentações serviram como mais um portfólio do rock e música de consumo jovem para setores da indústria fonográfica brasileira e público.

Para Vicente (2014, p.119-121) o *Rock in Rio* é fruto de um processo que já vinha se consolidando na cena musical do rock brasileiro. Esses estímulos foram germinados nas apresentações de bandas brasileiras em circuitos como o Circo Voador, no Rio de Janeiro e o Teatro Lira Paulistanas, em São Paulo, mostrando sucesso e viabilidade para eventos desse porte. Esses circuitos contribuíram para consolidar o Brasil no roteiro de turnês internacionais e influenciaram no surgimento de bandas e artistas em todo território nacional, sempre levando em conta suas relações com as especificidades do local onde surgia.

Shows de artistas internacionais de grande porte já apareciam com frequência no calendário artístico brasileiro. O Brasil estava na rota de nomes da música rock internacional. O país era um promissor mercado consumidor na América Latina, principalmente pela sua extensão territorial, pela indústria fonográfica em constante crescimento e pelo público jovem, fatores atraentes para empresários do setor. Entre os anos de 1969 e 1979, está o ponto-chave no entendimento dessa ampliação do mercado de bens culturais vinculados à música. Esse momento que pode ser exemplificado quando Vicente diz:

Diversas das majors que hoje dominam o mercado iniciaram ou ampliaram suas atividades no país durante o período. A Phillips-Phonogram (depois PolyGram e, atualmente, parte da Universal Music) instalou-se em 1960 a partir da aquisição da CBD (Companhia Brasileira do Disco); a CBS (hoje Sony Music), instalada desde 1953, consolida-se a partir de 1963 com o sucesso da Jovem Guarda; a EMI faz-se presente a partir de 1969, através da aquisição da Odeon, instalada no país desde 1913 ; a subsidiária brasileira da WEA, o braço fonográfico do grupo Warner, foi fundada em 1976, e a da Ariola – pertencente ao conglomerado alemão Bertelsman – em 1979. A RCA, que mais tarde seria adquirida pela Bertelsman, tornando-se o núcleo da BMG, operava no país desde 1925 e completava o quadro das empresas internacionais mais significativas em nosso cenário doméstico. (2014, p. 51-52)

No ano de 1980, a gravadora CBS estava como a principal no setor rock do Brasil, alcançando posição em oito lançamentos entre os 50 mais vendidos. Dentre esses, alguns nomes internacionais: Michel Jackson com *Don't Stop Til Get Enough* (2º); K.C. and Sunshine Band com *Please Don't Go* (25º); Pink Floyd com *The Wall* (46º). Essa considerável quantidade de lançamentos internacionais, aos quais, dos sete discos internacionais que constam na lista do NOPEM⁹⁰ de 1980⁹¹, três são pela gravadora CBS, mostram que,

Além da censura, a grande penetração de música estrangeira no País, como observada no período em questão, também pode ser entendida sob a luz das vantagens econômicas oferecidas às transnacionais do disco, que durante toda a década de 70 não pararam de chegar ao País: as americanas WEA em 1976, e Capitol Records em 1978; a alemã Ariola em 1979, etc. Uma primeira vantagem diz respeito à facilidade de se prensar, embalar e distribuir localmente um produto gravado (a matriz sonora gravada) no país de origem da gravadora, o que amortizava em muito os custos de produção, pois se operava com um produto já realizado, que apenas deveria ser posto nas prateleiras brasileiras para o consumo. (FENERICK, 2007. p.26).

Essa facilidade em distribuir artistas internacionais no Brasil possibilitava nomes como a banda Pink Floyd, The Beatles, dentre outros, difundirem o estilo musical no Brasil. Tais produtos ganhavam espaços nas prateleiras piauienses desde a década de 1970, chegando por meio de representantes, distribuidores e lojas especializadas em música que buscavam divulgação dos trabalhos das gravadoras por meio de pessoas ligadas às mídias, sejam apresentadores de programas de rádio ou/e colunistas de jornais.

Para além disso, internacionalmente, a década de 1980 foi o momento dos “megaeventos”, que levavam desde temas relacionados à conscientização social de diversos conteúdos ao angariamento de fundos monetários para causas humanitárias internacionais (FRIEDLANDER, 2012, p.373-376).

No entanto, mesmo que tivesse moldes beneficentes em busca de recursos para causas sociais específicas, não se perdia de vista seu potencial mercadológico. Ancorado principalmente na divulgação de artistas para o grande público, eventos deste tipo proporcionavam aumentos nas vendas dos participantes, colocando suas músicas nas rádios, suas fotos em revistas e jornais e melhorando a imagem perante o público, proporcionando lucros para as grandes gravadoras.

90 Nelson Oliveira Pesquisas de Mercado – NOPEM. Para mais informações sobre essas listas e o Nopem, ver: SEGMENTAÇÃO E CONSUMO: A Produção Fonográfica Brasileira 1965/1999. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 99-117, jan-jun, 2008.

91 Dados do NOPEM, disponíveis em: https://www.academia.edu/28651800/Listagens_Nopem_1965_1999.pdf (Último Acesso: 18/01/18)

Em um sentido mercadológico dos mega-eventos, não foi diferente com os artistas e bandas integrantes do *Rock in Rio* 1985, principalmente, mas não somente, as de rock nacional dos anos 80 tiveram benefícios. O festival teve reflexos na juventude de várias partes do Brasil, mas, no Nordeste, há um impacto de dimensões diferentes ao que aconteceu no Sul e/ou Sudeste.

Isso se justifica de essas duas últimas regiões citadas estarem, desde a década de 1970, recebendo concertos individuais de artistas internacionais, além de ser o polo de surgimento dos principais circuitos de shows, bandas e artistas que integravam a primeira divisão do BRock⁹². Nessa direção, panorama diferenciado acontecia nas regiões Norte e Nordeste, pois eram escassos esses tipos de apresentações.

Esse festival trouxe a possibilidade de reunir, durante 10 dias, os principais nomes internacionais do rock, levando jovens de todas as regiões do país a formarem caravanas para irem assisti-lo no Rio de Janeiro. Este festival foi porta de entrada para diversas outras turnês de bandas que pousavam pela primeira vez no Brasil, além de mostrar que havia público no Brasil para eventos deste porte.

Todavia, considera-se também que eram poucos que conseguiam desfrutar desses momentos históricos para o rock nacional. O preço total do pacote de ingressos para todos os dias de apresentações do *Rock in Rio* em 1985 variava entre Cr\$ 125,000,00 e 185,000,00, passando do valor de um salário-mínimo que era, à época, Cr\$ 166.560,00⁹³. Por sua vez, a entrada para um único dia poderia chegar ao custo maior que 20% do mesmo salário⁹⁴. Esses valores ilustram o caráter seletivo do festival e que, apesar disso, não afastou os mais de 1 milhão de espectadores de todo território nacional que estiveram presentes no local.

O rock brasileiro da década de 1980, segundo o sociólogo Luís Groppo (1996, p.205, 237), teve duas fases. A primeira está entre os anos de 1983 e 1985, em que existem gravadoras adotando alguns grupos de rock que conseguiam razoáveis vendas em circuitos de shows menores. A segunda etapa, mais cara para esta análise, está entre os anos de 1985 e

92 Para o jornalista Arthur Dapieve, essa divisão seria composta por artistas que alcançaram uma considerável permanência nas estruturas da indústria fonográfica, conseguindo vender milhões de cópias de discos e realizando apresentações em grandes espaços. Alguns exemplos são as bandas Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e RPM. Ver: DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro dos anos 80*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

93 Decreto no 90301, de 1984.

94 Compra de ingresso feita em novembro: 1 dia: 18.000,00; Passaporte 5 dias: 72.000,00; Passaporte 10 dias: à vista 125,000,00. A prazo: 2x 70.000,00 (sendo a última parcela em dezembro. Compra feita em dezembro: 1 dia: 20.000,00; Passaporte 5 dias: 80.000,00; Passaporte 10 dias: à vista 140,000,00. Compra feita em janeiro: 1 dia: 28.000,00; Passaporte 5 dias: 105.000,00; Passaporte 10 dias: à vista 185,000,00. Informações encontradas no cartaz disponível em: http://www.universofnac.com.br/wp-content/uploads/2015/09/1985_Cartaz-Programa%C3%A7%C3%A3o-RIR-1.jpg (Último acesso em: 19/05/18).

1987, beneficiada pelo Plano Cruzado. Nesse momento, houve maior busca pelo consumo de música jovem, causando diversificação nas gravadoras com artistas e bandas de rock de diversas regiões e variações, que integravam suas folhas de pagamento, tornando este um dos períodos de maior vendagem da música rock no Brasil.

O festival *Rock in Rio* 1985 pode ser considerado como cena de abertura do auge do rock brasileiro na década de 1980. Nas proporções que adquiriu, destaca-se o fato de ter sido um dos primeiros momentos em que a Rede Globo de Televisão tentou entender quem era aquele público, buscando definições como “metaleiros” em suas reportagens do Jornal Nacional em horário nobre. Além disso, foi escalado, na época, o “galã global” Kadu Moliterno para ser apresentador oficial do evento na sua programação⁹⁵. Encarnação (2015, p.139) explicou que ter a transmissão feita pela Rede Globo, deu ao rock, produzido no Brasil, um ponto fundamental em sua ascensão e profissionalização, além de levar discussões para as páginas da imprensa.

Seguindo os passos da grande mídia nacional, setores das mídias locais começavam a ter mais atenção a esse fenômeno musical e comportamental que crescia a largos passos. A partir da imprensa do litoral piauiense, percebe-se que o festival *Rock in Rio* 1985, leva respostas sobre quais classes estavam inseridos nos espaços macros do rock nacional e podiam desfrutar com maior amplitude do estilo na região. Isso proporciona pensar o vetor das influências ao qual a cultura rock nessa região estava submetida.

Nesse mesmo ano surgiu também em outro jornal, uma curiosa menção ao público envolvido com o rock. No momento em que notícias sobre o Carnaval eram a prioridade no jornal *Folha do Litoral*, esteve na sua coluna social o subtítulo “Metaleiras e Punkies”,⁹⁶ seguido de pequenas notas sobre jovens mulheres filhas de famílias abastadas da região e que participavam das festas de momo em clubes do litoral piauiense.

No periódico não existem vestígios relacionados ao título como forma de ir ao encontro das notícias que estavam sendo veiculadas no *A Libertação*, que, naquele momento, dava destaque a uma juventude disposta a trocar uma festa popular pelo festival internacional de rock. Isso também pode ser uma das inserções difusas dos termos usados para definir jovens que se juntavam nas cidades brasileiras com um objetivo de viver e/ou ouvir a música rock e suas pulsações.

95 Uma explicação mais detalhada sobre os dias do festival e principais acontecimentos podem ser encontrada em: SÓ, Pedro; BARREIROS, Edmundo. 01/1985: Democracia? Onde?. In: _____. 1985: O ano em que o Brasil recomeçou. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 13-35.

96 Fábio Telles. Metaleiras e Punkies. In: Fábio Telles. Sociedade. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 23 de fev. de 1985, p. 03.

No ano de 1985, o festival Rock in Rio levou alguns jovens habitantes do litoral piauiense ao Rio de Janeiro e, para as páginas do colunista social Colombo Neto, no jornal *A Libertação*. Isso colocou apreciadores do rock em um local marcado pelos eventos da alta sociedade do litoral. Estes jovens apareceram da seguinte forma na coluna de Colombo Neto:

“Jeanette de Moraes Souza Oliveira juntando um Grupo de amigas para a cidade maravilhosa: na agenda, o rock in Rio.”⁹⁷

“Danilo Caldas de Queirós, Bernardo Lages Caldas e Bernardo Bacelar Mendes Neto, fazendo planos para o Rock in Rio, em janeiro próximo.”⁹⁸

“Mudaram de idade hoje, Alberto Moraes Vêras e Bernardo Bacelar, este comemora a data na "Cidade Maravilhosa" em Ritmo de Rock in Rio.”⁹⁹

“Cartão Postal do "Rock In Rio Festival" chegando para o Repórter, assinado por Bernardo Lages Caldas, Danilo Queiróz, Bernardo Bacelar Mendes Neto e Francisco Artur Galvão Valle. Eles contam que estão curtindo pra valer a "Cidade Maravilhosa e Rock In Rio, naturalmente.”¹⁰⁰

“Bernardo Lages Caldas, Danilo Queiróz e Bernardo Bacelar Mendes Neto, chegaram do "Rock in Rio Festival". Verinha Bacelar e José Alberto também.”¹⁰¹

A participação desses jovens no festival, assim como sua veiculação nas mídias regionais como um todo, é importante no entendimento dos processos que levaram ao aparecimento de mais bandas de rock e aumento do número de shows, principalmente na década de 1980.

Acompanhados pelo olhar do *A Libertação* durante o evento e levados por meios das suas páginas informações para suas famílias e amigos, mostrava-se ali quais eram os participantes litorâneos em um dos principais marcos nacionais do rock brasileiro. Para entender quem eram esses jovens, antes, torna-se necessário analisar que indivíduos estariam habilitados para serem os ocupantes desses espaços nos veículos midiáticos da região e, principalmente, nas colunas sociais da imprensa do litoral.

Os expectadores do *Rock in Rio* 85, residentes do litoral piauiense, tinham seus passos noticiados e eram encaixados no que era delimitado pelos colunistas sociais locais para “COLUNÁVEIS”. A expressão era usada como definição aos “privilegiados” que apareciam

97 Colombo Neto. Jovem-sociedade. In: Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 20 de out. 1984, p. 03.

98 Colombo Neto. Jovem-sociedade. In: Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 17 de nov. 1984, p. 03.

99 Colombo Neto. Niver. In: Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 16 de jan. 1985, p. 03.

100 Colombo Neto. E ainda mais. In: Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 16 de jan. 1985, p. 03.

101 Colombo Neto. Jovem-sociedade. In: Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 02 de fev. 1985, p. 03.

frequentemente em seus escritos na imprensa: políticos, médicos, engenheiros, advogados, dentre outras figuras públicas, além de seus filhos e esposas. Também surgiam pessoas que, mesmo não estando nas classes abastadas, possuíam envolvimento direto com figuras públicas, principalmente políticas e frequentavam os mesmos locais sociais.

Retrocedendo a uma década, mais especificamente ao ano de 1975, o cronista social Rubem Freitas definiu o termo em sua coluna no jornal *Folha do Litoral* cuja explicação será aqui reproduzida na íntegra. Embora extensa, ela é pertinente no entendimento do local ocupado por essas pessoas noticiadas no *Rock in Rio* 1985 pelo *A Libertação*. Seguem as palavras de Rubem Freitas:

COLUNÁVEIS

A expressão "colunáveis" foi assunto, melhor dizendo, um dos assuntos ventilados na reunião dos cronistas sociais, aqui.

E eu já o fazia, sem ser oficialmente.

Colunável é a pessoa que movimenta a sociedade. Um casal, um rapaz, uma moça, um grupo de pessoas que viaja, de recepções, visitas frequentes clubes sociais e churrascarias requintadas, vai à praia e sabe aproveitar, para entretenimento, os pontos turísticos da cidade e da região. Enfim, sabe aproveitar a vida.

Sim, porque este negócio de ficar em casa, sem sair, sem aparecer, sem acontecer, sem se comunicar (Já dizia o Chacrinha que quem não se comunica se trumbica) já era.. Todo mundo tem que se movimentar.

E estas pessoas, colunáveis, estão a merecer a nossa admiração e o nosso apoio. Já que elas são assuntos constantes para a crônica social, temos de estar com elas. Por outro lado, elas colaboram conosco, participando das nossas promoções e prestigiando-as com sua presença, que é importante.

Eu já havia anotado, e agora confirmo. Temos em Parnaíba, cem casais colunáveis e toda promoção minha eu conto com sua participação. São pessoas amigas, legais, cem por cento, bacanas que eu muito admiro.

Moças, temos muitas. E rapazes, por incrível que pareça. Quando todo mundo diz que não temos rapazes em Parnaíba, só temos meninos, eu encontrei cinquenta rapazes que têm "status", de mais de vinte e cinco anos, portanto responsáveis. São cinquenta rapazes colunáveis, que sabem se conduzir na sociedade e dela participar ativamente.

A minha próxima promoção será com estes casais colunáveis, com estes rapazes colunáveis. Já que os rapazes não poderão ir só terão que levar sua convidada, no caso, uma senhorita colunável. Porque temos muitas boas.

Está, assim, explicado, e bem, o termo "colunável". Não quer dizer que tenha dinheiro, seja rico, seja pobre. Existem pessoas modestas, mas de aparência, de cultura, de prestígio, de sociedade a quem o termo "colunável" fica muito bem empregado. E existem pessoas de dinheiro que não são, de maneira alguma colunáveis...¹⁰²

Entendido o significado do termo, consegue-se ter uma percepção sobre os locais sociais ocupados por alguns dos jovens que foram para o festival no Rio de Janeiro. De modo similar ao conceito de "colunáveis", o sociólogo Marcelo Garson (2015, p.43-49), ao analisar

102 Rubem Freitas. Colunáveis. In: Rubem Freitas. Carnet Social. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 20 de ago. 1975, p. 03.

o rock brasileiro em seus primeiros passos rumo ao consumo juvenil, mostrou que, na década de 1950, a imprensa nacional definia parte da juventude que se vinculava naquele momento ao estilo musical, usando o termo “*Play-boy*”. Segundo Garson: “tratava-se de um grupo bastante seleto de indivíduos abastados cuja rotina, fartamente documenta pela mídia, era pontuada por encontros sociais e diversão” (2015, p.43). Porém, ter dinheiro não era bastante, pois, “ser milionário e gozar a vida não fazia do sujeito automaticamente elegível ao cargo de *play-boy*” (2015, p.44).

Nessa perspectiva, encontram-se muitas similaridades entre as definições de “colunáveis” e “*play-boy*”. Isso mostra que um estilo de vida jovem vinculado ao rock, poderia facilmente estar alinhada aos padrões sociais de uma classe que prezava, primordialmente, pelo status social e cultural, sendo a primeira definição atrelada aos jovens do litoral piauiense na década de 1980 e a segunda aos jovens da região Rio-São Paulo na década de 1950-60.

Os jovens “colunáveis” ou/e *play-boys* tinham condições financeiras bancadas em muitos casos por suas famílias. Esse capital financeiro fazia com que o litoral do Piauí fosse, para eles, território de transição, muitos migraram para grandes capitais do Nordeste como Fortaleza, São Luís e Teresina ou para grandes centros nacionais, como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, bases do rock brasileiro. As migrações poderiam ser temporárias e objetivas. Na maioria dos casos, eram motivadas pelo ingresso em curso de nível superior nas influentes universidades do Brasil, como, por exemplo, os cursos de medicina, direito e engenharia. Uma vez formados, voltavam para sua região originária e para o convívio dos grandes círculos políticos, culturais e sociais regionais e estaduais.

A não permanência de jovens com suporte financeiro na região, consequentemente fez com que o rock da cidade, de certa forma, fosse afetado. Isso causava descontinuidade nas atividades de bandas ou grupos que tinham integrantes vindo de famílias abastadas. Em contrapartida, colaborava na circulação de informações entre a juventude que permanecia na cidade e a que ia para fora, pois, ao vir passar as férias, traziam novidades e proporcionavam contatos com novas bandas e estilos¹⁰³.

Para além dos jovens “colunáveis”, outro personagem não noticiado na imprensa do litoral participou do *Rock in Rio* 1985. Por não ser ligado às classes abastadas da região, Paulo Bastos e sua ida ao Rio de Janeiro não foi interessante à imprensa do litoral, mostrando, mais

103 Esses contatos e suas influências na região são analisados no livro: MOURA, Gustavo Silva de. *E a cidade estremeceu: História do Rock/Metal no litoral do Piauí nas décadas de 1980 e 1990*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

uma vez, quais personagens eram privilegiados na divulgação da grande imprensa da região. Isso mostra que, além dos que estavam nos jornais, esse festival internacional atraiu pessoas que faziam parte de outras classes, evidenciando que a forma como era descrita os apreciadores do rock e os indivíduos presentes nos jornais não era a sua definição mais apropriada.

O historiador Thiago Araújo descreve qual o impacto do festival na vida de Paulo Bastos, onde:

A lembrança desse evento permanece presente, por exemplo, na singela placa exposta na Metal Vídeo, loja especializada em artigos de rock, fundada por Paulo Bastos que esteve presente no Rio de Janeiro, em 1985, participando desse grandioso evento e ficando por dentro das novidades do mundo Heavy Metal que posteriormente ajudou a divulgar através da sua loja em Parnaíba. (2012, p. 37)

Para além das férias e comemorações que os jovens descritos na imprensa desfrutaram no Rio de Janeiro, Paulo Bastos mostra em sua trajetória pessoal que o contato com as atrações e ambiente do festival modificaram as estruturas jovens e do rock em todo Brasil. Paulo Basto foi um dos principais produtores do litoral do Piauí de eventos relacionados ao rock nos anos 2000, trazendo para o público bandas de todo Brasil. Paralelo a isso, proporciona, há mais de uma década, com sua loja especializada em rock um lugar onde muitos jovens compraram seus primeiros adereços, camisas e CD's.

A importância desse evento também está na conjuntura histórica vivida no Brasil. Esse momento de transição política tentava inserir a juventude nos debates, fazendo com que os espectadores do *Rock in Rio* 1985 fossem lembrados pelos que estavam concorrendo à presidência naquele momento. Tanto que os jornalistas Edmundo Barreiro e Pedro Só relacionam a importância do evento com o colégio eleitoral do seguinte modo:

Não foi com “Hino nacional”, nem com “Coração de estudante”, nem “Canção da América”, nem “peixe vivo”, nem com alguma outra papagaiada nacionalista... No dia 15 de janeiro, na Cidade do Rock, no Rio de Janeiro, as hostes metaleiras saudaram o resultado das eleições no Colégio Eleitoral cantando ao mais baixo estilo arquivancada: “Eu, eu, eu, Maluf se fodeu!!” Nenhuma alusão ao vencedor ou a algum aspecto positivo de fé no futuro. Àquela altura do campeonato, ou melhor, do festival, ninguém tinha ideia de que o Brasil estava entrando no mais longo período democrático de sua história. (2005, p.15)

A partir desse festival, algumas mudanças de decênios anteriores no ramo fonográfico brasileiro já estavam consolidadas na década de 1980, o que evidencia quando se pensa no rock dentro dessas estruturas mercadológicas, intensificadas nos fluxos de distribuição

fonográfica de bandas que participaram do evento ou de outros artistas que estavam no estilo musical e sonoro similar.

As alterações do cenário musical podem ser percebidas na lista do Nopem de 1985 que elencou os 50 discos mais vendidos no Brasil naquele ano. No inventário, existiram nomes nacionais e internacionais que participaram do festival¹⁰⁴, destaques que antes destoavam do consumo habitual brasileiro. Um desses nomes incomuns estava no terceiro lugar alcançado pelos alemães da banda *Scorpions* que era uma das atrações do evento no Rio de Janeiro. Alguns artistas e bandas que surgiam naquele momento entre os mais vendidos continuaram permanecendo nas listas em anos posteriores.

Em início da segunda metade da década de 1980, o meio musical no litoral começou a sentir os reflexos em suas estruturas sonoras causados pelos acontecimentos vinculados ao rock em nível nacional. Alguns conjuntos musicais tradicionais da região, que antes não tinham o rock como foco principal, viam-se levados aos envolvimento desses caminhos.

Com pouca distância temporal do *Rock in Rio* de 1985, aconteceu o intitulado “I Festival de Conjuntos de Parnaíba 85” ou como foi definido pela imprensa, “1º Rock in Parnaíba”. Este festival regional poderia ser mais um dentre outros que ocorreriam no litoral piauiense, no entanto, continha várias peculiaridades, principalmente em sua composição.

Sob a iniciativa da São Paulo produções e Promoções Artísticas, à frente o empresário Nélson Barroso, acontecerá no próximo dia 14, no Lions Club em Luis Correia, o I Festival de Conjuntos de Parnaíba 85 (O 1º ROCK IN PARNAIBA), onde estarão reunidos 9 grandes Conjuntos: “Agitadores do Som” - Sobral-CE, “Grupo Atômicos” - Parnaíba, “Brasas 7” - Parnaíba, “Grupo Cachoeira” - Parnaíba, “Explosão do Som” - Tianguá-CE, “Parnaíba Som 7” - Parnaíba, “Apronta Pagode” - Parnaíba, “Inferno no Céu X Garotos da Estrada” - Parnaíba.

Todos estes Grupos reunidos terão 50 toneladas de som e luzes com 12 horas de música sem intervalo e serão interpretados todos os gêneros de música e os grandes sucessos do ROCK IN RIO¹⁰⁵

Destaca-se, na divulgação do evento, seu nome fantasia. O título tinha como referência, claramente, o festival ocorrido no mesmo ano na cidade do Rio de Janeiro, pois seria tocado “*os grandes sucessos do ROCK IN RIO*”. Outro ponto que pode ser considerado

104 3º Still Loving You – Scorpions (CBS); 16º I Don Want To Talk About It – Rod Stewart (WEA); 46º O Passo Do Lui – Os Paralamas Do Sucesso (EMI). Além dos nomes envolvidos no Rock In Rio de 85, o rock está representado na lista também por: 7º Loiras Geladas – RPM (CBS); 20º Eu me Amo – Ultrage A Rigor (WEA); 23º Tédio – Biquini Cavadão (Polygram); 38º Decadence Avec Elegance – Lobão & Os Ronaldos (RCA); 50º Um Amor de Verão – Rádio Taxi (CBS). Outros artistas na lista que participaram do festival, mesmo não tendo músicas dentro do nincho rock naquele momento são: 42º Fogo Na Mistura – Elba Ramalho (Barclay); 44º Mil E Uma Noites De Amor – Pepeu Gomes (CBS). Esses dados estão disponíveis na lista dos mais vendidos do NOPEM, que pode ser consultada em: https://www.academia.edu/28651800/Listagens_Nopem_1965_1999.pdf (Último Acesso: 18/01/18).

105 Editorial. 1 festival de conjuntos de Parnaíba 85 (Nota). *A Libertação*, Parnaíba, 02 de nov. 1985, p. 06.

primordial no entendimento do rock no litoral piauiense está nas bandas que comporiam o festival. Seu *cast* era formado em grande parte por grupos que não seguiam permanentemente linhas musicais relacionadas com rock e/ou *heavy metal*. Somente as bandas Inferno no Céu e Garotos da Estrada¹⁰⁶ eram encaixadas nos moldes do rock/metal do período.

Encontra-se na divulgação, indícios dos locais em que o rock do litoral piauiense transitava. O periódico anunciava que seria realizado nas dependências do *Lions Club*¹⁰⁷, em Luís Correia, tradicional área de lazer da organização social, onde se encontravam em momentos de descanso e bastidores da política, as principais figuras do Piauí.

Mesmo o festival levando nome da cidade de Parnaíba, ele ocorreu na vizinha Luís Correia, uma das cidades que compõem a região litorânea piauiense e que, historicamente, tem relação com as elites regionais e estaduais. Para o historiador Pedro Vagner Oliveira (2017, p.94-96), enquanto a praia da Pedra do Sal localizada nos domínios da cidade de Parnaíba tem, na sua formação sociocultural, forte relação com as classes pobres, encontram-se na praia de Amarração, localizada na cidade de Luís Correia, relações com atores sociais da elite, mostrando oposição entre os dois lugares.

Historicamente constata-se bailes em eventos sociais nos lugares frequentados pela elite da região desde meados da década de 1950, como colocou o historiador Josenias Silva (2012, p.37-38), quando destaca eventos no litoral piauiense em lugares, por exemplo, o Cassino 24 de Janeiro, como acontecimentos em que a cultura externa, ou seja, práticas de outras regiões brasileiras ou internacionais eram privilegiadas e serviam de moldes para seus participantes.

Ainda segundo Silva (Idem), isso era gerado por um movimento baseado na tentativa de cópia de costumes. Ao escolherem o *Rock in Rio 85* como base estética do evento no *Lions Club*, pode se entender que foi feito movimento similar aos descritos, quando expõe os relacionados aos bailes da elite local do início do século XX.

O evento ocorrido na cidade de Luís Correia tinha em sua composição, como observado anteriormente, bandas de estilos musicais variados e indefinidos. Eram, em sua maioria, “bandas de baile” que movimentavam as apresentações musicais da região e tinham seu repertório composto pelos principais sucessos do momento e/ou escolhas norteadas pelo público e local onde se apresentariam. Estes conjuntos eram vetores dos ritmos sonoros no litoral piauiense.

106 Sobre as duas bandas serão desenvolvidas análises no capítulo 03.

107 Organização Não Governamental fundada em 1917 nos EUA que visa atender a causas humanitárias, e promover trabalhos voltados a comunidades locais.

Desde muito antes, as bandas de baile eram administradas por empresários do ramo, com músicos contratados para executar repertórios, podendo ser considerado um modo de profissionalização musical na cidade. Nos primeiros anos da década de 1970, havia um escritório da Ordem dos Músicos do Brasil – OMB em Parnaíba¹⁰⁸. A filiação era uma das exigências para contratos e exhibições públicas, o que sugere uma tentativa de categorização e organização sindical dos músicos do litoral piauiense.¹⁰⁹

Como dito anteriormente, os critérios para a escolha das canções que seriam tocadas nos eventos, eram definidas na observação de quais músicas estavam entre as mais pedidas nas rádios locais naquele momento, portanto, o rock estava nas ondas sonoras das emissoras de rádio do litoral.¹¹⁰ Para além disso, existe o consenso de que a década de 1980 teve um considerável aumento da atuação do rock em rádios de todo Brasil, estando o protagonismo internacional dando espaço para o nacional.

Um dos grupos musicais que era presença constante nos bailes da região se chamava Grupo Apaches. Mesmo não participando do Rock in Parnaíba, o grupo chegou a ser fundido com o Grupo Atômicos, um dos que participaram, formando os SuperApaches. Eram comuns alguns músicos circularem entre os conjuntos da cidade e essas não tinham integrantes fixos, seguindo uma lógica imposta por "donos" que não necessariamente eram músicos e que determinavam as ações da banda diante da circulação midiática.

O conjunto musical Apaches e muitos outros tinham influências a partir de seus integrantes na música rock, principalmente nos sucessos da década de 1960 e 1970, como observa Fernando Holanda, um de seus músicos, em entrevista concedida no ano 2013:

Bom, eu tinha um amigo chamado Albuquerque e eu tocava violão, ele também tocava, a gente sempre conversava e dizia: “Rapaz, eu tenho um amigo meu que tem uma discoteca fabulosa” e Albuquerque queria me levava lá pra ouvir as músicas. E um dia eu fui na casa do Albino, morava ali na guarita, no bairro São Francisco, e tivemos a oportunidade de ouvir muitas músicas, músicas da época, sucesso dos

108 Editorial. Ordem dos Músicos do Brasil (Aviso). *Folha do Litoral*, Parnaíba, 18 de jan. 1975, p. 05.

109 Na década de 1970, existe na imprensa local reclamação quanto a atitudes dos músicos, em que se consegue vislumbrar em partes como funcionava a indústria da música no litoral piauiense. Essa queixa consistia em mostrar que havia constante mudança de formação nos conjuntos musicais da cidade, seja causada por brigas internas ou por ter sido oferecido aos músicos melhores salários em outro conjunto. Essas mudanças chegaram a causar cancelamento de apresentações. Ver: Bernardo Silva. Dicas & Discos. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 18 de mar. 1978, p. 02.

110 Não existem listas das músicas mais tocadas nas rádios da região, tendo somente relatos orais e as fontes de nosso trabalho. No entanto, desde a década de 1970, surgem programas de rádio que tinham a música jovem como foco. Isso foi trabalhado em parte, quando foi analisado no primeiro capítulo o programa de J. França sobre os Beatles, além disso, quando analisadas notícias do show de Raul Seixas no mesmo capítulo. Com isso, visualiza-se quais estratégias de divulgação eram usadas e uma delas foi a massiva veiculação das músicas nos programas de rádio. Será trabalhado no terceiro capítulo questões referentes ao ambiente radiofônico quando abordada por meio do *Jornal Inovação* a relação da sociedade e o rock no referido suporte.

Beatles... Na época tinha bandas no Brasil de sucesso, era The Fevers, Renato, e ainda tinha os Beatles que também era um sucesso mundial...¹¹¹

Os impactos da indústria fonográfica estavam no cotidiano desses jovens e em suas relações sociais e culturais. No início, Fernando Holanda, comparando os dias atuais, colocou bandas de pouco acesso em outros meios, indicando o rádio como principal difusor, de onde seriam feitas gravações caseiras das músicas tocadas nos programas musicais. Esse era o modo pelo qual os músicos aprendiam a tocar as canções, que, posteriormente, seriam inseridas nos repertórios de apresentações. Como influências, percebe-se o rock britânico e o *iê iê iê* brasileiro, fortemente influenciados pelos Beatles na década de 1960.¹¹²

Portanto, os repertórios eram algo em constante mudança nas bandas da região, podendo ter uma música *iêiêiê* num ambiente e uma balada romântica em outro. Essa não era uma prática peculiar dos músicos do litoral. Na década de 1970, já havia esse procedimento, como documentou o historiador Fernando Costa (2012, p.86) ao tratar do consumo musical na cidade de Teresina-PI na década de 1970. Para ele, o rádio era o norteador do consumo musical jovem e de repertório das bandas de baile da capital.

As influências musicais dos jovens, relatado no trecho da fala de Fernando Holanda, é um reflexo dos fenômenos midiáticos construídos na imprensa musical brasileira. As mídias são importantes no entendimento desse delineamento das influências de consumo juvenil.

Os processos que a Jovem Guarda desfrutou na década de 1960 e que influenciaram grande parte dos músicos das bandas de baile do litoral piauiense, estavam sendo repetidos com suas particularidades no momento do Rock in Rio 1985, em que canções executadas no festival eram os novos símbolos da juventude e de seu consumo. Essa era a música da juventude na década de 1980 e a mídia exploraria isso como modo de aproximação do mercado a essa faixa etária.

No litoral do Piauí, a música rock já se envolvia com os espaços de público selecionados (clubes sociais) e de massa (casas de show e boates). Exemplos disso são notícias de shows e bandas de rock na mesma coluna social que, anteriormente, divulgou a rotina de jovens da região no *Rock In Rio*. Nesta inserção estão bandas como a Garotos da Estrada e a cantora Mona Gadelha fazendo apresentações no *Lions Club*¹¹³. Esse último show citado dá mostras do circuito em que o rock estava inserido e, além disso, havia um destaque na imprensa, que, naquele momento, Colombo Neto tratou do seguinte modo:

111 HOLANDA, Fernando. Entrevista concedida a João Carlos Araújo de Sousa. Parnaíba, 06 jan. 2013.

112 HOLANDA, Fernando. Entrevista concedida a João Carlos Araújo de Sousa. Parnaíba, 06 jan. 2013.

113 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 13 de jul. 1985, p. 03.

Mona "Rock" Gadelha

Hoje a atração maior na Praia, no Clube dos Leões é a cantora de rock Mona Gadelha que vai cantar e encontrar com certeza parnaibanos, teresinenses, turistas e visitantes

Mona Gadelha apresenta entre nós o seu Show "Emoções Perigosas" que tanto sucesso faz em todas suas apresentações. O Show já foi visto em todo Ceará, em Natal, João Pessoa e Salvador.

O roteiro de suas apresentações é este: hoje como já falei ela estará no Clube dos Leões: Sexta-feira da Comunidade, Sábado novamente no Clube dos Leões e no domingo na Praça Nossa Senhora da Conceição, em Luís Correia.¹¹⁴

Eventos como esse enfatizam os locais sociais em que o rock se insere no litoral do Piauí, além de mostrar que a região está fazendo parte de um circuito de show no nordeste brasileiro que era apreciado por artistas de pequeno e médio porte.

Segundo William (1958, p.04), deve ser considerado as artes como parte de uma organização social afetada pelas mudanças econômicas, sendo a cultura um modo de vida. Olhando por esta chave, percebe-se que o rock começa a ser entendido na região pelo viés do comportamento juvenil, a partir do momento em que as mudanças econômicas estabeleceram o potencial mercadológico nacional do rock que poderia ser expandido nas diversas regiões do Brasil e consequentemente do Piauí.

Assim como os shows ocorridos nos espaços de elite, também havia outros lugares sendo ocupados, mostrando que os diferentes ambientes de lazer do litoral do Piauí estavam vendo na música rock as mesmas vantagens mercadológicas que cidades de outras regiões do Brasil. Exemplo disso são festas temáticas com a noite do "Rock Mania"¹¹⁵ realizada na casa de show *Brilhos Club*, tendo na mesma casa de shows outra programação divulgada no *A libertação* que envolvia o rock.

As palavras do colunista social Colombo Neto levavam ao leitor a seguinte divulgação: *"Amanhã na Brilhos Club a pedida é o Baile denominado "Bye, Bye Verão-85. Será uma noite super movimentada em ritmo de Carnaval, Samba, Forró e Rock e de quebra um telão com um vídeo musical."*¹¹⁶ O rock estava sendo colocado ao lado de estilos que delimitam a música popular nacional e regional e essa era uma mostra de como o estilo musical se inseria cada vez mais nas fronteiras da cultura do litoral piauiense e seus espaços.

Além dos espaços privados, tinha-se, desde o ano de 1984, o governo estadual levando o rock para a região. Os poderes públicos financiavam grande parte da produção musical

114 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 17 de jul. 1985, p. 03.

115 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 13 de jul. 1985, p. 03.

116 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 27 de jul. 1985, p. 03.

piauiense, por meio de subsídios institucionais e projetos culturais na década de 1980 (MEDEIROS, 2013, p.93). O que levou muitas bandas para um movimento de aproximação em uma relação de troca. Exemplo desses shows financiados está noticiado da seguinte forma:

SHOW NA ATALAIA

Aconteceu domingo último, grande Show Verão Praia, com vários Grupos Musicais, entre eles: Vênus e Geraldo Brito de Teresina, uma promoção da Secretária de Cultura, Desportos e Turismo e PIEMTUR. Evento este, que objetiva a levar mais opções de lazer aos turistas frequentadores da praia de Atalaia, o qual marcou o final da temporada de verão no litoral piauiense.¹¹⁷

A banda Vênus e Geraldo Brito são nomes que fazem parte do movimento musical de Teresina na década de 1980, pois traziam em suas canções algumas referências que proporcionavam a junção de sons regionais com estilos externos ao contexto piauiense. A banda Vênus era ligada ao *Heavy Metal*, sendo importante nome na história do rock piauiense. Suas apresentações podiam utilizar instrumentos como o triângulo e a sanfona, misturados a distorções e sintetizadores. Geraldo Brito é um dos principais nomes da MPB no Piauí e buscava essa hibridização do local e global em primeiro plano como forma de desapego das formas musicais tradicionais (MEDEIROS, 2013, p.74-75).

Junto aos vários projetos musicais que eram trazidos pelo Governo do Estado do Piauí que possuíram essa relação com o rock está um que marcou a memória de personagens importantes da Cena Rock do litoral. Paulo Veras relata que sempre havia eventos organizados pela Empresa Piauiense de Turismo – PIEMTUR na região e que esses eram oportunidades para as bandas de rock mostrarem seus repertórios diante de aparatos técnicos mais sofisticados¹¹⁸. Dentre esses shows, acontecia o “Verão Vadio” mencionado por Paulo Veras e divulgado no *A Libertação* do seguinte modo:

"Show Verão Vadio"

Será no próximo dia 27 às 20 horas na Lagoa do Portinho, o "SHOW VERÃO VADIO" onde estarão reunidas os melhores Grupos Musicais do Estado", dentre eles, "Edvaldo Nascimento & Banda, com o Show "Aumenta que é Rock", "Wagarte", "Garotos da Estrada", "Pisando em Ovos", Zeze Fontelles e José de Maria Carvalho e Silva, com o Show "Nos Botequins da Vida". O "Verão Vadio" terá apoio total da PIEMTUR e Antarctica.¹¹⁹

117 Hollanda e Silva. Noticiando Luís Correia. *A Libertação*, Parnaíba, 04 de ago. 1984, p. 04.

118 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

119 Editorial. Show Verão Vadio (Nota). *A Libertação*, Parnaíba, 17 de jul. 1985, p. 04.

O turismo na região inseria o rock em sua programação por meio da PIEMTUR, órgão vinculado ao governo do Estado e que tinha como objetivo fomentar o turismo no Piauí. Ter um estilo musical outrora longe dos horizontes do popular em eventos que visavam a dar apoio ao turismo no litoral do Piauí corroborava com as ideias trabalhadas por Pedro Vagner Oliveira (2017, p. 186) ao analisar o tema na região. Esse historiador coloca que o turismo ganhava novas roupagens e rótulos no decorrer das décadas, buscando sempre acompanhar as necessidades de consumo turístico ou, como ressalta, "uma vez à venda, o mar do Piauí aguardou seus novos compradores e interessados" (Idem).

Sobre as políticas culturais realizadas entre as décadas de 1960 e 1980, Ortiz afirma que:

Contrariamente ao pensamento tradicional, a ideologia dos empresários da cultura sublinha a dimensão da distribuição e do consumo no lugar da preservação dos bens culturais. Ela se associa assim a práticas burocráticas precisas que permitem o desenvolvimento da gestão e do planejamento a nível estatal. Dentro desta perspectiva de racionalização das empresas abre-se a possibilidade de se implantar uma política de cultura a partir de diretrizes globais consubstanciadas em planos de ação. É necessário compreender, porém, que o antagonismo das ideologias tradicionais e administrativas não implica exclusão. (1986, p. 123)

Nesse momento, cresciam como possíveis interessados e compradores da vez, setores da juventude e, para isso, eram criados espaços que pudessem chamar atenção e levassem ao consumo. A região, historicamente, era/é local de veraneio de habitantes de outras cidades do Piauí, principalmente da capital Teresina, por conta disso, shows como os organizados pelo poder estadual e que tinham temáticas juvenis globais, eram essenciais para a "indústria sem chaminés"¹²⁰.

Ainda segundo Oliveira (2017, p.37), a forma vista pelos governantes do Piauí na década de 1970 para alcançar o progresso do estado e consequentemente um melhor futuro para o litoral estava no turismo. A região litorânea é uma rota de lazer desde o início da década, sendo local de veraneio para muitas famílias abastadas da região e fora dela.

Apesar da parada na curva de crescimentos na atividade turística na década de 1980, atividades de lazer não deixaram de ser desenvolvidas pelo governo do Estado na região. Grandes obras estruturantes realizadas na década de 1970, proporcionou uma abertura de vias para o litoral, trazendo assim pessoas de fora do Piauí.

Para além dos contatos que proporcionavam aproximações com as belezas naturais, fazia-se necessário estabelecer ligações de lazer que pudessem compreender práticas culturais

¹²⁰ Termo usado para definir o turismo no litoral piauiense, usado com frequência na imprensa da região.

nacionais. Nesse momento existe a importância na contratação de bandas de rock para shows promovidos pela PIEMTUR. A repercussão midiática que os artistas em níveis nacionais ganhavam na grande mídia faziam surgir no contexto piauiense bandas que traziam aproximações estéticas que remetessem aos sucessos de vendas, seja por meio de músicas *covers* ou de composições autorais que usassem das estruturas sonoras já consagradas nas mídias brasileiras.

2.2 “Vale a pena ouvir e dançar”: rock e indústria fonográfica na coluna “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”.

A Coluna intitulada “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”, mostrou em suas publicações no jornal *A Liberdade*, alguns nomes e rumos que a indústria fonográfica brasileira estava tomando na década de 1980. Marcaram presença em seus textos artistas e bandas que se relacionavam ao rock e suas variações em âmbito internacional e nacional entre os anos de 1986 e 1989¹²¹. Eram impressas nesse espaço, notícias de lançamentos, shows e o cotidiano dos artistas, o que ajudou na difusão e, em certos pontos, na mitificação do estilo e alguns personagens.

Na segunda metade da década de 1980, o rock não ocupava o papel de modificação negativa da música popular com a força de décadas anteriores, questões dessa ordem eram colocadas nos veículos comunicacionais em segundo plano. Reformulações de ideias nesse sentido são um traço da consolidação da linguagem jovem no mercado da música nacional, levando ao conhecimento das massas, por meio das mídias, uma percepção de rock passível de domesticação nos ambientes cotidianos, mesmo estando em atrito com os costumes em diversos momentos.

Curtindo som e arte com Luiz Cruz noticiou os modos adotados e os artistas envolvidos no momento em que o Brasil se tornava uma parada mais requisitada na rota internacional dos eventos musicais. Os empresários brasileiros compreenderam¹²² que, do mercado juvenil relacionado ao rock, poderia vir grandes lucros e isso fez com que muitos diversificassem seus negócios. De igual modo, seguiram os mesmos percursos as empresas fonográficas.

121 Encontra-se no *corpus* documental da pesquisa os anos de 1986, 1988, 1989. Todas as edições são do acervo particular de Arlindo Leão.

122 Considera-se aqui um marco nessa compreensão o ano de 1985.

Notícias do meio artístico nordestino também estavam entre as escolhidas para compor o espaço definido pelo jornal *A Liberdade* para a coluna “Curtindo o som e arte com Luiz Cruz”. No entanto, havia uma tendência de notícias vindas do Ceará e isso acontece por essas informações serem escritas na cidade de Fortaleza, de onde vinham muitas notícias do cenário musical nordestino.

Por ser o local de sua residência, temos o cenário cultural de Fortaleza mostrado pela coluna, expondo algumas movimentações do meio artístico, principalmente causas de ações ligadas ao turismo na região. Isso levou a capital alencarina para a rota de grandes shows nacionais, tendo como consequência a criação de fãs clube e gravações de algumas bandas e artistas locais.

Portanto, diferente do litoral cearense, o piauiense não aparecia focalizado nos escritos da coluna que tinha a função de divulgar a música e arte, muito embora o jornal *A Liberdade* fosse editado, sediado e veiculado em Parnaíba-PI e circulasse, majoritariamente, no litoral piauiense. Isso revela carências informacionais e de ações relacionadas à cultura local, mostrando que o atrativo, definido pelos editores e colunistas musicais do *A Liberdade*, para os leitores do periódico, seriam as grandes mídias nacionais e fora dos territórios do litoral piauiense.

Essa aproximação com lugares fora das fronteiras piauienses são determinadas por fatores geográficos e políticos. Em relação ao primeiro, tem-se em mente as vias de acesso que estabeleciam a distância entre o Ceará e o litoral do Piauí, exemplo disso, está na ida de muitos estudantes para Fortaleza em busca de formação universitária. Sobre o segundo ponto, pesam as aproximações políticas que o governador Alberto Silva, político arenista parnaibano influente no cenário político nordestino e nacional.

Este segundo ponto traz consigo várias questões que influenciaram na ideia de desenvolvimento vivido no Piauí na década de 1970 durante o chamado “milagre econômico”. Segundo o historiador Pedro Vagner Oliveira (2017, p.35), esse período buscou desconstruir a ideia de atraso do Piauí veiculada nacionalmente.

O governador Alberto Silva e o ministro Reis Veloso, ambos oriundos da cidade de Parnaíba, se aliavam na busca de mais recursos federais que pudessem trazer obras que levariam o desenvolvimento piauiense, principalmente no setor turístico, visado como potencial econômico. Esse desenvolvimento considerava mais a imagem interna de “Piauí Novo” e fortalecia setores políticos e sociais e privilegiava setores econômicos abastados do litoral.

Para além disso, Alberto Silva sendo da parte norte do Piauí estaria fora do núcleo político do estado, causava tensões com personagens da capital Teresina. A historiadora Claudia Fontineles (2017, p.74-89) apresenta essas tensões dentro da Arena piauiense, essas eram formadas principalmente pelas obras realizadas pelo governo do Estado e que davam repercussão positiva à imagem do governador.

Com isso, percebe-se que as ligações entre o estado vizinho do Ceará em uma perspectiva política, se estabelece em parcerias criadas em momentos. Isso influencia diretamente a comunicação no litoral piauiense, pois os sinais de TV e rádio externos ao litoral, chegavam principalmente de Fortaleza-CE e São Luís-MA. Aproximações desses espaços também podem ser entendidas como uma busca pelas interligações de cenários turísticos do Nordeste.

Portanto, em diversos momentos os jornais veiculados no litoral do Piauí tem entre seus principais colunistas pessoas que enviam suas contribuições dos estados vizinho, além do exemplo de Luiz Cruz, podem ser encontradas as contribuições de José Maria de Almeida no jornal Folha do Litoral¹²³ e as de J. França no mesmo periódico.¹²⁴

As primeiras aparições da coluna “Curtindo som e arte com Luiz Cruz” datam do segundo semestre de 1986, portanto dentro do que seria o auge da segunda fase do rock brasileiro na década de 1980. Neste momento, a imprensa em geral não buscava relacionar prioritariamente o rock como signo da “importação”, pois agora esse estilo musical se associou a outros *slogans*, dentre eles “moderno”, “urbano” e “Anos 80”. (GROPPO, 1996, p.233).

No segundo momento do rock nacional (1985 a 1987), esse estilo se solidifica como principal área de muitas gravadoras, surgindo, inclusive, algumas formadas, exclusivamente, por artistas do nicho rock, compostas principalmente por bandas do eixo Rio-São Paulo, mas também integrada por grupos de Brasília e outras regiões.

Algumas dessas bandas tiveram e ainda possuem grande repercussão na indústria fonográfica nacional, chegando até mercados internacionais, dentro do que seria o *mainstream* e *underground*¹²⁵. Esses artistas começaram a ser distribuídos e divulgados nas diferentes

123 Jornalista piauiense que contribuiu na década de 1960 e 1980 no jornal folha do litoral assinando a coluna FL Notícias, na sua segunda passagem pelo periódico contribuiu da cidade de Fortaleza trazendo em muitas reportagens a vida cultural e social dessa região.

124 Ver capítulo 01, tópico 1.1.

125 *Mainstreim*: No âmbito da música, significa o alcance que uma banda consegue na mídia, sendo o termo para definição das bandas que mobilizam grandes estruturas técnicas e físicas, por exemplo, vendas na casa dos milhões e lotações completas em estádios de futebol. *Underground*: Em sua tradução literal significa “subterrâneo”. No meio artístico designa expressões e ambientes artísticos que fogem dos padrões tradicionais e

regiões do Brasil a partir de lojas de discos e distribuidores das grandes gravadoras. Eram noticiados em revistas especializadas, grande imprensa, meios alternativos, programas de rádio, programas televisivos, dentre outros. Esses fatores influenciavam as notícias que chegavam ao litoral piauiense, como pode ser visto desde a década de 1970 nos periódicos que circulava na região.¹²⁶

Nessa direção, o rock brasileiro continuava alcançando ares nacionais e internacionais, mantendo-se nas páginas da imprensa do litoral piauiense. Nomes que ganharam destaque no *Rock in Rio* 1985, em pouco espaço de tempo ampliavam seu circuito de shows e fizeram lançamentos em outros países, como noticiado na coluna de “Curtindo som e arte com Luiz Cruz”, em que:

PARALAMAS DO SUCESSO se apresentando nos dias 5, 6, 7 de setembro no S.O.B. (SOUNDS OF BRAZIL), que é uma casa de americanos tocando músicas do terceiro mundo. Neste Show Os Paralamas tocarão músicas do LP SELVAGEM e dos anteriores fazendo uma mistura dos sucessos que certamente mexerá com a cabeça dos americanos. Argentina e Espanha estão agendados para o final deste ano¹²⁷.

Para Dantas (2007, p.125-126), o LP Selvagem foi um dos símbolos da aproximação entre o que seria a MPB e o rock brasileiro, mostrando novos patamares das estratégias midiáticas dentro da indústria fonográfica e que colocariam estes grupos de rock na faixa de venda de discos das centenas de milhares e milhões, além de alcançarem o mercado internacional, sendo no caso do Paralamas do Sucesso, o latino-americano como foco. Outras bandas que acompanhariam essa linha seriam o Titãs, Legião Urbana e o RPM.

Notícias relacionadas ao rock e ao sucesso que grupos adquiriam no cenário musical surgiam em farta quantidade, principalmente nas colunas de jornal dedicadas na exposição de informações, como a Curtindo o Som e Arte com Luiz Cruz, que estava diretamente relacionada a informações da indústria fonográfica brasileira como um todo.

Em grande parte, o aparecimento dessas notícias é uma das consequências causadas pelo conjunto de práticas que foram adotadas pelas gravadoras que, naquele momento, continuavam no estreitamento e agora se inter-relacionavam com os grandes conglomerados midiáticos. Isso fez com que fossem realizadas ações que objetivavam, principalmente,

comerciais. São distribuídos por pequenas gravadoras de públicos específicos, alternativas ou de forma autônoma, além disso, ocupa espaços técnicos pequenos exigindo pouca mobilização financeira.

126 Um exemplo disso foi o Jornal Folha do Litoral e sua coluna “As Transas (Pop Tops)” trabalhada no capítulo 01 desta dissertação. Também se encontra no primeiro capítulo, análises sobre gravadoras e seus representantes no Piauí.

127 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 06 de set. 1986, p. 06.

consolidar a construção de um mercado de consumo juvenil, fazendo com que bandas como RPM conseguissem chegar à marca de 65 mil cópias vendidas e grandes shows em ginásios esportivos¹²⁸. O conjunto do jovem *frontman* Paulo Ricardo, filho de família de classe média alta e com experiências internacionais vividas na Inglaterra, encabeçou a onda *New Wave* brasileira, sendo o maior sucesso fonográfico nacional da década de 1980¹²⁹.

Além do plano nacional que agora estava em foco, chegavam ao Piauí bandas de rock brasileiras, que traziam suas turnês para o Nordeste. Barão Vermelho¹³⁰, Paralamas do Sucesso¹³¹ e o cantor Lulu Santos¹³² estiveram em Teresina no ano de 1986, além do RPM¹³³ em Fortaleza-CE no mesmo ano, fazendo shows em estádio de futebol e ginásios esportivos. Apresentações, como as citadas, davam a possibilidade para os habitantes do litoral conseguirem ver alguns dos ídolos do rock nacional, viabilizadas pela relativa proximidade do litoral piauiense com as capitais do Piauí e Ceará. Anterior à década de 1980, os jovens da região estabeleciam numa circularidade as duas capitais citadas, motivados pela busca da formação no ensino superior e de empregos no setor público que trariam estabilidade financeira.

Para além dos artistas que ocupavam os grandes espaços com seus shows, grandes gravadoras continuavam e reforçavam na década de 1980 investimentos em pequenos artistas e bandas, mesmo que alguns deles não tivessem adquirido maturidade para o mercado. Para divulgar esses componentes das gravadoras, alguns nomes eram levados ao Nordeste, que, naquele momento, era um emergente mercado de discos.

Nas aparições e comentários no *A Liberdade*, o nome da gravadora sempre estava em destaque, principalmente quando relacionados aos desconhecidos, levando ao público leitor artistas que tinham como suporte de divulgação a empresa fonográfica da qual eram contratados, usando isso como instrumento de credibilidade.

128 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Liberdade*, Parnaíba, 06 de set. 1986, p. 06.

129 Segundo a lista do NOPEM, existe no ano de 1985: “Loiras Geladas” em 7º lugar e 1986 com “Revolução por Minutos” em 14º. No entanto, considera-se as análises de Luís Groppo, onde mostra que o RPM foi “estrela cadente da indústria fonográfica brasileira”, fazendo assim referência ao seu grande sucesso repentino e de curto tempo de permanência no cenário. Ver: GROPPPO, Luís Antonio. O RPM e o auge do rock nacional. In: _____. GROPPPO, Luís Antonio. *O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais*, destacando o caso do Brasil e os anos 80. 1996. 315 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1996. p. 251-261.

130 Editorial. Teresinenses aclamam Freitas Governador. *A Liberdade*, Parnaíba, 06 de ago. 1986, p. 01. Segundo divulgado na matéria, além da banda Barão Vermelho estiveram no show de lançamento da campanha da Frente Liberal os cantores Dominginhos e Jorge Ben.

131 Editorial. Notícias: daqui, dali e dacolá. *A Liberdade*, Parnaíba, 16/17 de set. 1986, p. 05

132 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Liberdade*, Parnaíba, 18 de out. 1986, p. 04.

133 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Liberdade*, Parnaíba, 06 de dez. 1986, p. 04.

Não somente de lançamentos internacionais era composta a estratégia mercadológica das gravadoras no cenário brasileiro, mas existiu um grande leque de artistas nacionais vinculados na década de 1980. Isso é um exemplo da forma como se estruturavam as grandes gravadoras que mantinha artistas nacionais de grande vendagem, além dos de níveis regionais, prática que, desde a década anterior, estava na indústria. A socióloga Marcia Tosta Dias exemplifica como era composta essa estrutura de lançamentos:

A segmentação do mercado e a diversificação dos investimentos, para serem melhor analisadas, devem ser vistas como subordinadas a um tipo de diferenciação que a indústria fonográfica dispensa aos seus produtos. Diz respeito à distinção entre artistas de marketing e artistas de catálogo. Já tive oportunidade de referir-me à instituição destes últimos como resultado de uma mudança na atuação da indústria quando, no início dos anos 70, passa investir em um *cast* estável, com artistas ligados à MPB, que produzem discos com vendas garantidas por vários anos, mesmo que em pequenas quantidades. O artista de marketing é o que é concebido e produzido, ele, o seu produto e todo o esquema promocional que os envolve, a um custo relativamente baixo, com o objetivo de fazer sucesso, vender milhares de cópias, mesmo que por um tempo reduzido. Não podemos esquecer que as subsidiárias locais das transnacionais trabalham sob pressão das matrizes, para que mantenham, patamares satisfatórios de lucratividade, o que justifica ainda mais os investimentos os projetos de artistas de marketing, que são eles mesmo inteiramente emblemáticos da produção de mercadorias culturais. Portanto, é em torno dessas duas vias de ação que a grande indústria brasileira do disco e talvez mesmo, a mundial, organiza a sua produção e define as áreas e formas a serem tomadas pela segmentação, dos anos 70 até os dias atuais. (2008, p.82-83)

Ainda sobre as percepções e análises de Tosta Dias, o rock no Brasil começava a ganhar status e maior circulação nas mídias nacionais, sendo a década de 1980 o seu auge para indústria fonográfica.

O rock desenvolve-se a partir de dois movimentos complementares: ecos do processo de mundialização da cultura e, consequentemente, da produção fonográfica, subsidiando a expansão e chegada do gênero a regiões do Brasil. Prontamente, observa-se o engajamento das companhias locais no sentido de produzir, promover e difundir o pop rock brasileiro, interessadas no mercado consumidor jovem. (DIAS, 2008, p.86)

Conforme foi abordado anteriormente, o litoral do Piauí chegou a ser rota de artistas de renome na década de 1970, no entanto, ainda não havia destaque às gravadoras nas divulgações dos periódicos. Na década de 1980, existe o movimento de inversão de valores nas notícias e notas referentes a shows, sendo colocado em primeiro plano o nome da gravadora como modo para impressão de credibilidade ao artista. Exemplo disso, está registrado no jornal *A Libertação* da seguinte forma:

“Marcelinho cantará nos dias 26,27 e 28 de setembro nas cidades de Cocal, Buriti dos Lopes, Araiões (Maranhão), Morros da Mariana e no SESC em Parnaíba. O jovem cantor já é bem conhecido na região pelos seus grandes sucessos da Gravadora CONTINENTAL.”¹³⁴

A necessidade de um novo público consumidor possibilitava acontecimentos como esse que aproximava artistas de pequenas cidades a conglomerados fonográficos. As gravadoras buscavam a diversidade regional, esquadrinhando públicos em diversas faixas etárias e regiões do país.

Shows de artistas das grandes gravadoras levaram, consequentemente, a imprensa do litoral do Piauí a ser porta-voz na divulgação. Grande parte dos eventos noticiados eram realizados em clubes sociais do litoral, por exemplo, o já citado *Lions Club*, Igara Club e as dependências do SESC na região, espaços ocupados pela classe média e alta local.

As escolhas desses espaços para apresentações se davam pelas suas estruturas físicas, pois eram lugares que tinham o suporte básico para receber eventos de médio porte na região. Além disso, eram locais de acesso para os indivíduos que seriam o foco de consumo. Segundo Vicente (2014, p.94-95), a classe média era o foco das gravadoras, que tinha como tendência, no mercado fonográfico nacional uma exploração do repertório produzido no Brasil, sendo uma característica específica do consumidor e mercado brasileiro.

A indústria fonográfica, desde a década de 1970, ocupava espaços de importância nas páginas da imprensa do litoral do Piauí, como observado no capítulo anterior. Sendo uma presença constante, tinha maior destaque que outros tipos de artes que circulavam na região, como, por exemplo, o cinema e artes plásticas.

Aquelas notícias de artistas e bandas envolvidas em shows e lançamentos que ocupavam local de destaque na composição do jornal *A Libertação* junto à coluna, tinham uma figura grande em destaque no seu *layout*¹³⁵. Os mais variados sucessos fonográficos eram noticiados abaixo de seu título e logo. Encontra-se nas suas aparições nomes que vão de Reginaldo Rossi¹³⁶ a Rainbow¹³⁷. O mercado cultural absorveu os mais diferentes tipos de

134 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 06 de set. 1986, p. 06.

135 Ver Anexo 04

136 Reginaldo Rodrigues nasceu em Recife, capital de Pernambuco, em 14 de fevereiro de 1944 e morreu em 20 de dezembro de 2013 no mesmo local. Com influência de Elvis Presley e The Beatles, começou a carreira artística cantando rock e foi *crooner* em boates. Reginaldo Rossi iniciou sua carreira artística em 1964, comandando o grupo de rock The Silver Jets, se integrando à Jovem Guarda. No início da carreira, abria shows de Roberto Carlos. Foi um dos principais cantores populares do país, abordando temáticas em suas canções que envolviam o romântico e cotidiano, principalmente a desilusão amorosa e traições conjugais, foi apelidado de "O Rei do Brega". Ao longo de sua carreira conquistou um disco de diamante; um de platina duplo, dois de platina e 14 discos de ouro. Mais informações podem ser encontradas em: <http://dicionariompb.com.br/reginaldo-rossi> (Último acesso em: 19/05/18).

expressões e não era diferente com a indústria da música, podendo ser considerada um de seus ramos mais lucrativos desde o século XX, quando observada como atividade do lazer humano.

O historiador Fernando Costa (2012, p.76), ressalta que a imprensa piauiense tinha grande papel na “prescrição” musical, dando bases para os norteamentos estéticos e ideológicos em suas matérias. No litoral piauiense, essa lógica é seguida de vários modos, podendo acontecer em colunas ou divulgações musicais na região que aproximavam o consumidor dos artistas.

No Brasil, buscava-se vender música para diversos públicos em diferentes faixas etárias, seja na trilha sonora da novela ou algum artista jovem do rock brasileiro. Essa foi a tendência da década de 1980, em que o Brasil, mesmo que tardiamente em relação a países como EUA, existindo duas décadas de diferença, formava um mercado consumidor de classe média urbana (GROPPO, 1996, p.146).

Segundo Raymond Williams (2011, p.69-70), os meios de comunicação se relacionam com o complexo geral das forças produtivas e relações sociais. Usando essa ótica, tem-se o rock na década de 1980 ocupando protagonismos seja na produção, seja na sociedade por meio do setor jovem. Portanto, quando se percebe as mudanças relacionadas ao tratamento do tema rock na imprensa do litoral piauiense mostram-se ligações diretas aos novos mercados e modelos adotados pela produção da indústria fonográfica na década de 1980. A imprensa proporcionava espaços diante do maior acesso a discos e artistas em outras mídias.

Para além desta questão, continuando na percepção colocada por Williams (2011, p.76-78), se torna possível entender a relação da imprensa com a indústria fonográfica, usando esse tipo de mídias como meio de mudança nas interações de consumo dos leitores, alargando influências direcionadas para pontos pré-determinados em diversas localidades.

A música, em muitos momentos, era mais que somente sons combinados em acordes de instrumentos musicais amplificados. Ela se tornava extensão do cotidiano de seu público consumidor, e, evidentemente, dos muitos jovens que tinham nessa indústria, sua forma de sustento e diversão remunerada. Antes dos grandes conglomerados fonográficos, muitos

137 Rainbow (também conhecido como Ritchie Blackmore's Rainbow) é uma banda formada em 1975 por Ritchie Blackmore, ex-guitarrista da banda britânica Deep Purple. Em sua formação inicial contava com ex-integrantes da banda Elf, dentre eles o vocalista Ronnie James Dio (integrante entre 1975-1978), que também teve carreira solo de destaque, além de ter sido vocalista das bandas Black Sabbath e Heaven & Hell. A sonoridade da banda inicialmente é composta pela combinação de temas místicos com metal neoclássico, simplificado as músicas com vistas no mercado fonográfico após saída de Dio do grupo. A banda já vendeu 28 milhões de cópias mundialmente, sendo 4 milhões nos Estados Unidos. Mais informações podem ser encontradas em: <https://www.allmusic.com/artist/rainbow-mn0000391933/biography> (Último acesso em: 19/05/18).

artistas tinham sua imagem veiculada no mercado sem ligações diretas com as gravadoras ou distribuidoras.

No caso do rock, a partir do momento em que empresas percebem que existe público consumidor relevante, o além-música se tornou produto. Assim, foi entendido que o rock poderia ser consumido de várias formas, desde as marcas de roupas usadas em um show, à marca de cigarro preferida do artista, dentre outros.

Tomando como base as reflexões de Raymond Williams (2011, p.250-251) sobre a publicidade, entende-se que a indústria fonográfica vinculada à juventude na segunda metade do século XX se estabelecia na lógica da propaganda moderna, onde privilegia-se a venda de pessoas em determinadas culturas. As músicas tomavam segundo plano diante das atitudes dos músicos que a tocavam.

Esta indústria começa a relacionar o estilo de vida dos artistas ao consumo de produtos inerentes às músicas. Chapple e Garofalo são incisivos nessa questão ao afirmarem que:

Os astros de primeira grandeza do rock são transformados em mercadoria num grau ainda mais elevado. As suas imagens são transferidas para artigos de uso cotidiano: peças de vestuário, artigos de toilette e brinquedos; e são vendidos a retalho a um público adulator. Elvis, os Beatles, os Monkees e os Osmonds são disso exemplo muito evidente. Houve uma altura em que o negócio de recordações dos Beatles atingiu, em estimativas modestas, um volume de mais de 100 milhões de dólares. Os artistas do rock desempenham, ainda, o papel de definidores de modas de um modo muito parecido com o que, décadas antes, coubera às grandes vedetas do cinema. Muitas vezes, as novas modas têm origem nas culturas da juventude ou dos ghetti de onde provêm os músicos; mas o grande público não sabe e, para ele, a moda procede dos astros do rock que lhe dão popularidade. (1989, p.398-399)

Na década de 1980, muitos artistas também levavam em suas imagens a ideologia e a identidade das gravadoras vinculadas a eles. Isso poderia acarretar situações de conflito entre o estilo de vida adotado pelo artista e os valores defendidos pelas gravadoras, podendo acontecer casos de exposição das marcas quando algum comportamento desviante era divulgado ao público, casos que não aconteciam com frequência no *mainstream*. Alguns exemplos de exposição foram noticiados no jornal *A Liberdade* por meio da coluna “Curtindo som e arte, com Luiz Cruz”, como foi o caso de Boy George:

BOY GEORGE que é a maior estrela do Grupo CULTURE CLUB, teve seu lançamento suspenso e todo o esquema promocional cancelado. O envolvimento do líder da banda com as drogas não agradou a direção da RCA, que declarou: "Precisamos de artistas com uma imagem saudável."¹³⁸

138 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Liberdade*, Parnaíba, 20 de set. 1986, p. 04.

Nessa informação, o colunista considerou pertinente fazer o destaque na frase emitida pela RCA “precisamos de artistas com uma imagem saudável”. Isso mostra certo padrão de costumes que as gravadoras queriam manter, pois seu público formado pela classe média buscava uma moral pré-estabelecida nos artistas. Destoar disso poderia ter como consequência perda de compradores.

Os processos para vendas dos discos partem da transformação do artista em mercadoria, sendo ele reduzido a uma imagem com "aspectos que vem" por meio de publicidade lançadas nas mídias (CHAPPLE; GAROFALO, 1989, p.398). Consequentemente, poderiam surgir preocupações das empresas fonográficas em momentos que seus contratados desviassem dos padrões de costumes de uma sociedade. Considerando que a sociedade brasileira estava em fins de um governo autoritário que trazia *slogans* conservadores, relações entre o meio musical, fonográfico e público poderiam trazer tensões comportamentais.

Similarmente a Boy George, o cantor brasileiro Paulo Ricardo, vocalista da banda RPM, teve graves problemas relacionados ao uso de entorpecente, tendo sido levado, no momento de auge do RPM, a responder processo criminal diante da polícia federal.

“PAULO RICARDO de cabeça erguida após o problema que enfrentou com a Polícia Federal, está excursionando e mostrando o Show produzido por Ney Matogrosso em várias capitais. Paulo não pode sair do País por estar respondendo processo com a justiça. Sem dúvida o artista que conquistou toda a juventude do País terá segurança e força para sustentar a responsabilidade de grande ídolo da MPB.”¹³⁹

No entanto, como pode ser visto no trecho acima, sua carreira nacional continuou aparentemente, sem grandes empecilhos, seguindo com a rotina de shows e a responsabilidade de ser o “grande ídolo da MPB”. Esta definição é importante para pensar que existe uma modificação do que seria a Música Popular Brasileira para as mídias, onde era inaceitável ou, no mínimo, controversa sua vinculação com o rock em décadas anteriores.

Ao analisar o fenômeno da Jovem Guarda diante da indústria cultural brasileira, o sociólogo Marcelo Garson (2015, p.120-121) colocou que as estruturas capitalistas são essenciais nos processos de ascensão e produção de imagem do artista. Nesse processo, é primordial a produção feita a partir de anúncios, aparições e biografias autorizadas, sendo essas as instâncias oficiais de promoção.

Além disso, deve-se considerar o colunismo social e a crítica especializada, que podem causar efeitos inesperados na vida do artista. Ainda segundo Garson, essa produção

139 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 27 de dez. 1986, p. 04.

imagética é um cruzamento de diversos textos midiáticos, que, em grande parte, são contraditórios. Sendo *“assim, o processo de emergência de uma estrela ou celebridade condensa uma disputa assimétrica de poder a respeito de seu significado público. É necessário, portanto, identificar os diferentes agentes e seu poder de ação”* (2015, p.120-121).

A indústria cultural e fonográfica no Brasil tinha, no rock, seu principal produtor de ídolos comerciais da juventude. Isso poderia aumentar os lucros do mercado de discos e de consumo dos produtos vinculados aos artistas. Isso não era novidade da indústria. Anterior à vinculação de Paulo Ricardo à juventude na década de 1980, outros nomes foram fabricados e vendidos. Referente a isso, o nome de Roberto Carlos é um exemplo de ídolo de uma juventude na década de 1960, havendo na mídia similaridades entre o ícone da Jovem Guarda e o vocalista da banda de rock RPM, onde:

PAULO RICARDO aceitou o convite de Cacá Diegues e estelarará o filme O TREM DAS ESTRELAS. O líder do grupo RPM está cotado pela CBS para substituir Roberto Carlos. Muito em breve Paulo Ricardo passará a gravar sozinho buscando seu espaço entre os grandes intérpretes brasileiros. A CBS investirá à vontade no galã considerado atualmente o símbolo sexual masculino.¹⁴⁰

Imprimir nas páginas da imprensa os nomes de Roberto Carlos e Paulo Ricardo, sugerindo que estavam numa espécie de sucessão do primeiro pelo segundo, mostra como estavam estabelecidas as estratégias midiáticas da indústria fonográfica. Ambos os artistas foram colocados como detentores da capacidade de fazer a relação do rock com a música popular brasileira.

O cantor Roberto Carlos, durante toda sua carreira, foi direcionado ao mercado por meio de sua inserção nas diversas mídias, mantendo-se “vivo”, isso se deu, em grande parte, pela sua capacidade de equilibrar, por exemplo, a tradição do rock com o samba-canção brasileiro (DANTAS, 2007, p.54), sendo este um dos fatores que determinaram a sua permanência na ponta do mercado por décadas¹⁴¹.

Nas páginas do jornal *A Liberdade*, ocupadas pela Curtindo som e arte com Luiz Cruz, existem, além das notícias deslocadas da realidade regional dos leitores e que colaboravam na fabricação de ídolos da indústria cultural, questionamentos perante essa indústria, a qual era inviável para uma parcela da sociedade, principalmente das camadas pobres que não conseguiam consumir artistas internacionais e nacionais quando em

140 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Liberdade*, Parnaíba, 27 de dez. 1986, p. 04.

141 O nome de Roberto Carlos aparece na lista do NOPEM figurando no primeiro lugar em 25 oportunidades entre 1965-1999, permanecendo durante esse período em todas as listas nos 50 mais vendidos.

esporádicas oportunidades chegavam ao Nordeste brasileiro. Um destes questionamentos vem da seguinte forma:

PREÇO DOS INGRESSOS NAS ALTURAS. Ray Conniff quanto esteve em Fortaleza, ao preço de 10 mil cruzados o ingresso, quase abriu caminho para a exploração. A Rainha do Agreste esteve por último a dois mil o individual. É tempo de abrirem crediário para facilitar os interessados verem artistas de cachê milionário. Chico Buarque que canta em suas letras problemas sociais vem aí para secar novamente os bolsos dos seus admiradores. O curioso é que Toquinho que faz show apenas com o violão está exigindo de um clube passagens de avião e hospedagem para onze pessoas. Isto é incrível!¹⁴²

Nesse caso, podemos ver nas queixas feitas aos envolvidos na indústria da música ao falar dos preços colocados nos ingressos, direcionando a crítica aos artistas. Isto se torna evidente quando é impreso na coluna a frase: “o ingresso de artistas que cantam problemas sociais está caro, por quê?”. A pergunta exige uma resposta complexa e de acordo com a realidade do mundo artístico.

Artistas são trabalhadores e pensando-os nessa categoria, devem receber remuneração condizente com suas produções e gastos. No entanto, com o capitalismo, temos, na indústria da música, a exploração comercial na imagem e canções encarecendo apresentações de artistas como os citados Toquinho, Chico Buarque, o anteriormente mencionado RPM, dentre outros que haviam alcançado sucesso com suas obras.

O público estava vendo e sentindo essas agressões do sistema no bolso. Nesse mesmo período, meios musicais alternativos começaram a ganhar mais espaços, uma vez que a distribuição, em alguns casos, era autônoma, variando de artista e/ou banda, fazendo com que nomes de cenários musicais excluídos inicialmente pela indústria fonográfica, chegassem ao consumidor final. Exemplos disso são apresentados por Vicente (2014, p.124-132) ao falar do aumento de estúdios de gravação, coletâneas de pequenas prensagens, pequenos selos fonográficos, dentre outros.

Reclamações desse tipo apareciam, mas não eram constantes nas páginas do *A Libertação*. Seus escritos tinham olhares elogiosos para acontecimentos da música internacional, lançamentos de discos e artistas nacionais presentes nas mídias, muitos deles vinculados ao rock. Essa é uma consequência da segunda fase do rock, que está na década de 1980, a partir de 1985.

Para as gravadoras, a década de 1980 mostrou o rock como produto lucrativo, principalmente pelo seu baixo custo material em relação aos outros estilos musicais, uma vez

¹⁴²Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 26 de nov. 1988, p. 04.

que isso era importante no momento em que o mercado fonográfico começava a entrar em baixa (DANTAS, 2007, p.122). Nessa linha de raciocínio, o rock era sinal de lucro, seja pelas gravadoras ou pelos produtores de shows que entravam no mercado de consumo juvenil com grandes expectativas. Não precisava ser um admirador do rock para organizar um show ou contratar um artista, somente precisava ser admirador de grandes lucros, como está em um dos casos descritos na coluna:

Marcos Lázaro que é empresário de Roberto Carlos e trouxe ao Brasil Nina Hagen e Alice Cooper, comprou por 800 mil dólares os direitos de transmissão pela TV de desfile das escolas de samba na Avenida Marquês de Sapucaí, fechando negócio com a diretoria da Liga Independente das Escolas de Samba, que vão dividir a grana. A TV Manchete dormiu no ponto e a Rede Globo já comprou do Sr. Marcos Lázaro a exclusividade. A TV Manchete mostrará apenas os grandes bailes e flashes do reinado momimo¹⁴³.

O mesmo empresário que comprou direitos de exibição das escolas de samba cariocas, trouxe para o Brasil o show de Alice Cooper¹⁴⁴, um dos principais artistas do *hard rock* mundial. Notícias como essa mostram o grande interesse dos empresários e seu poder monetário, que alcançava produtos que estavam na faixa dos milhões de dólares.

A década de 1980 foi, portanto, o momento das primeiras edições dos grandes festivais internacionais de rock no Brasil, como o citado *Rock in Rio* em 1985 e o *Hollywood Rock*¹⁴⁵ em 1988. O rock não estava somente no sonho de jovens que queriam mudar o mundo, mas virara realidade de grandes grupos empresariais, promotores de shows, gravadoras e de toda uma indústria que movimentava milhões de dólares no Brasil.

Para além dos festivais, nomes do rock internacional vinham em turnês, lançando novos trabalhos e divulgando os antigos. Nesses shows, comumente se usavam grandes estádios de futebol do eixo Rio/São Paulo, locais que supriam as demandas dos espetáculos referentes à capacidade de público. Dois exemplos são o estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)¹⁴⁶, em São Paulo e Estádio jornalista Mário Filho (Maracanã)¹⁴⁷, no Rio de

143 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 30 de jan. 1988, p. 04.

144 No ano de 2011 Alice Cooper foi agraciado com o principal prêmio da música rock, que é sua inclusão no *Rock and Roll Hall of Fame*.

145 Festival de música da empresa brasileira de tabaco Souza Cruz e que leva em seu título o nome de uma das suas marcas mais famosas o cigarro Hollywood. Foi delgada a função de organizador da primeira edição para o produtor e crítico musical Nelson Motta. Teve edições nos anos de 1975, 1988, 1990, 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996. Sua realização foi inviabilizada a partir da lei federal de 1996 que proíbe propaganda de cigarros em eventos culturais. Os principais nomes do rock nacional e internacional se apresentaram nas suas edições.

146 Os shows das bandas Queen – 1981; Kiss – 1983; e o festival Hollywood Rock – 1988, são alguns exemplos.

147 Os shows das bandas Kiss – 1983; Sting – 1987. Além disso, registrou com o show de Tina Turner em 1988 o recorde de maior público pagante em um show de música no Guinness Book, 188 mil pessoas lotaram o estádio e houve transmissão ao vivo para o mundo todo.

Janeiro. Eram e ainda são locais onde se realizam muitos shows e festivais internacionais voltados ao público rock. Esses espetáculos aconteceram em grande número nas décadas de 1980 e 1990.

Bandas de rock que não conseguiram se fixar na memória/indústria musical brasileira, também eram notícias nas páginas da imprensa do litoral piauiense. Essas bandas são consideradas, nas palavras do comunicólogo e especialista no Rock dos anos 1980, Arthur Dapieve (2015, p.179-191), como a “terceira divisão do rock brasileiro”.

A “terceira divisão” era composta por bandas de rock que, em algum momento, conseguiram emplacar sucessos em lançamentos de grandes gravadoras, mas, apesar disso, tinham pequenos contratos, além de, inicialmente, serem distribuídos em escalas inferiores, quando considerados os chamados “grandes artistas”. No entanto, a crítica musical nordestina não deixou de fora esses pequenos nomes, fazendo com que dividissem espaços com os de destaque:

AFRODITE SE QUISER, mais do que um grupo musical, é uma idéia onde o mais importante é o que as suas três componentes têm a dizer. Coisas bem de mulher, faladas por mulheres. Emilinha, Karla e Patrícia trazem uma nova concepção da condição feminina. Sem rodeios e sem meias palavras, elas mostram o que vêm seus olhos. O trio que tem entre 18 e 25 anos de idade, se formou no começo deste ano. Emilinha há muito tempo viajava em grupos vocais femininos. Quando a idéia amadureceu ela foi atrás de Karla e Patrícia e o resultado está aí pela Polygram.¹⁴⁸

Vemos nesse trecho uma grande gravadora, “Polygram”, lançando um grupo musical formado somente por mulheres, tendo faixa etária do início da juventude, o ano é 1988 e a banda foi formada há menos de um ano. Reforçando o que já foi abordado, tem-se uma indústria fonográfica apostando em vários grupos, ainda que incomuns ou com restritos segmentos de público consumidor. Este trecho sobre a banda Afrodite se Quiser, está ao lado de um pequeno texto na mesma coluna, falando do sucesso de um show da turnê do artista Sting, ex-*The Police*.

Outro ponto de destaque em alguns artistas e bandas que estavam sendo noticiados na imprensa do litoral piauiense, estava em suas idades, geralmente entre 18 e 25 anos, como está na banda Afrodite se Quiser e visualiza-se no Rock na Rua:

ROCK NA RUA é mais um grupo a despontar no Rio de Janeiro. Sete Jovens do distrito de Queimados entre 18 e 25 anos, há dois anos criaram com o incentivo do colega Iran Pinheiros Farias, relações públicas, atualmente servindo na Escola de Aprendizes Marinheiro do Ceará, o movimento que já foi mostrado no Estado do

148 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 23 de jan. 1988, p. 04.

Rio, Minas Gerais, Espírito Santo e interior de São Paulo. Pela CBS está havendo entendimento para a gravação do primeiro LP do ROCK NA RUA. A receptividade do público é das maiores, segundo Iran Farias que pretende logo que for lançado o disco trazê-los ao Ceará para um show de praia. ROCK NA RUA é formado por Marcelo (Vocal), Homero (Guitarra - solo), Serginho (Guitarra - base), Paulinho (Bateria), Carlinhos (Baixo) e Mia (Vocal). Marcelo é o idealizador e líder do grupo.¹⁴⁹

A maioria desses grupos tinham idades similares de grande parte dos seus consumidores, o que poderia aproximar o público das ideias e referências musicais nas canções. Esses jovens estavam sendo levados para rádios de todo o Brasil por meio de grandes gravadoras, conduzindo, a partir de suas músicas, opiniões sobre a sociedade e percepções dos conflitos que sua condição de jovem brasileiro proporcionava na década de 1980. Exemplos de bandas e artistas que faziam sucesso serviam de arquétipos para muitos outros jovens, mostrando que era possível realizar o sonho de gravar e ter uma renda a partir de sua arte, paixão e opinião.

Para finalizar esse capítulo, percebendo essas redes de consumo do rock que se estabeleciam na região litorânea noticiados pelos periódicos da região, evidencia as vias que continuavam a ser alargadas desde a década de 1970 e que direcionam a juventude da região ao rock. Dentro das diversas faces do sentimento que o rock dispõe ao seu ouvinte mais apaixonado, está a busca (ou uma necessidade) de se inserir cada vez mais dentro das estruturas do estilo musical.

Com isso, na sequência do trabalho serão vistos os jovens do litoral passam a almejar ser mais que receptor, buscando tornar-se gerador e modificador das ideias sobre o rock. Dessa maneira, perceber as estruturas das bandas de rock e suas variações no litoral do Piauí, possibilita entender como são feitas a geração de novas ideias dentro da cultura, sociedade e política e a formulação do que é a música e o comportamento para os indivíduos da região.

149 Luiz Cruz. Curtindo som e arte com Luiz Cruz. *A Libertação*, Parnaíba, 04 de mai. 1988, p. 04.

CAPÍTULO 3: Cultura, Informação e criatividade: a Cena Rock do litoral piauiense nas páginas do *Jornal Inovação*.

Seu orgulho é totalmente sem sentido/ Se você trampa como um animal e vive como um cão/ Isso representa algum tipo de sensacionalismo/ Cópia mal tirada contradição/ Farsa nacionalista/ A pátria amada nas mãos da cambada de extrema-direita TFP/ Ficar manipulada por burgueses moralistas/ E não há lugar para você.

(Farsa Nacionalista – Ratos de Porão)

Administrado por jovens da cidade, o *Jornal Inovação* tinha como objetivo estabelecer com seus escritos novos modos comportamentais e de conduta na região. Para legitimar suas ideias e implementar mudanças, eram apresentadas matérias e notícias com temas de circulação nacional e estadual, buscando legitimar e traduzir sua busca por transformação social e cultural, além de incentivar a participação da sociedade e mobilização popular diante dos dilemas do período (MASCARENHAS, 2009, p.14, 112). Segundo o historiador Fábio Mascarenhas, o periódico criava:

1) práticas políticas e uma base discursiva e ideológica que justificariam e legitimariam sua proposta; 2) uma rede informativa que se difundiu pela cidade de Parnaíba, tendo como objetivo construir uma ação pedagógica inovadora que afirmasse sua identidade política em discussões doutrinárias, ideológicas e simbólicas, conquistando o consenso ativo de parte significativa da sociedade. (2009, p.17)

Com periodicidade que variava entre mensal e quinzenal, combinado à pluralidade de temas em suas páginas, fruto do contexto e modo de produção adotado em sua redação, tem-se o regional como o foco principal de suas matérias. Isso proporcionou outros temas, tais como música e artes locais que não apareciam com frequência e ênfase na década de 1980 em diferentes jornais do litoral. O rock era um desses temas do *Jornal Inovação*, aparecendo quase que prioritariamente em âmbito regional.

É consenso nos trabalhos dos historiadores Fábio Mascarenhas e Sérgio Mendes¹⁵⁰ a ideia de que o *Jornal Inovação* tinha como objetivo contribuir para o caminho de saída da “apolítica”, elaborando uma proposta para a juventude.

150 Cf. MASCARENHAS, Fábio Nadson Bezerra. *Inovadores Parnaibanos: a produção do jornal Inovação em Parnaíba de 1977 a 1982*. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2009; MENDES, Sérgio Luiz da Silva. *Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba-PI (1977-1982)*. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2012.

Desde o primeiro número do jornal, aparece a preocupação com a juventude de Parnaíba. O jornal considerava que os jovens precisavam deixar de lado boates, bares e restaurantes como únicos locais de interesse, e encontrar seu caminho e trajetória em direção ao progresso humano, o que significava o interesse da juventude por expressões artísticas e políticas que se revertissem em benefício para a parcela da população parnaibana caracterizada como excluída socialmente. (MASCARENHAS, 2009, p.38)

Para o periódico, a juventude teria papel fundamental em transformações da região e sendo eixo central das preocupações do *Jornal Inovação* que era composto, em grande parte, por pessoas incluídas nessa faixa etária, considerados com papel fundamental na construção das modificações da sociedade, as quais seriam realizadas partindo de experiências nas inserções em manifestações culturais e sociais (MASCARENHAS, 2009, p.37-38, 40-42).

Inicialmente, o *Jornal Inovação* foi elaborado como veículo da juventude do MDB¹⁵¹ no litoral piauiense, região decisiva nas eleições pelo tamanho de seu colégio eleitoral e de onde vinham nomes importantes da política piauiense e nacional¹⁵². Para citar alguns, estão os arenistas Alberto Silva¹⁵³ e Antônio José de Moraes Souza¹⁵⁴, o MDBista Chagas Rodrigues¹⁵⁵, além de João Paulo dos Reis Veloso¹⁵⁶, ministro do planejamento do governo militar entre 1969 e 1979.

Havia uma posição tomada pelo jornal em relação à política local e por causa dessa decisão, outros jornais se colocavam contra ele em diversos momentos. Além disso, criar uma ala jovem do MDB despertou nos aliados da Arena o mesmo anseio, não existindo informações se foi concretizado.¹⁵⁷

Em sua primeira edição, estão nas palavras do editorial a noção de cultura exposta pelo jornal, voltada, principalmente, para níveis “formais”, exemplo disto são aproximações com a literatura e suas diversas manifestações pelas letras, que se colocava como status social entre os envolvidos com a alta sociedade. A cultura da juventude estaria em bibliotecas e centros culturais de “nível mais elevado”, tudo apoiado por organizações filantrópicas e pelo

151 Essa criação foi noticiada na imprensa do litoral. Um exemplo da repercussão está no *jornal Norte do Piauí*, periódico autodeclarado Arenista. Ver: Antonio Gallas. Dimensão Geral. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 04 de jan. 1978, p. 02.

152 Sínteses biográficas de cunho memorialístico dos nomes que se destacaram na cidade de Parnaíba podem ser encontradas em: MOREIRA, Aldenora Mendes, *Personalidades atuantes na História de Parnaíba: Ontem e Hoje*. Parnaíba: Sem editora, 2011.

153 Ver: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alberto-tavares-e-silva> (Acessado em: 24/10/2018)

154 Ver: http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=109031&tipo=0 (Acessado em: 24/10/2018)

155 Ver: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-das-chagas-caldas-rodrigues> (Acessado em: 24/10/2018)

156 Ver: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-paulo-dos-reis-veloso> (Acessado em: 24/10/2018)

157 Ver: Sherlock. Tópicos do Momento. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 18 de jan. 1978, p. 04.

poder público. Na contramão dessa cultura, estariam os bares de esquina, “boites” e “bate-papo não culturais”.¹⁵⁸

A juventude parnaibana precisava, segundo o grupo inovador, politizar-se. A cidade de Parnaíba e sua sociedade deveriam acompanhar o desenvolvimento, interessando-se pela cultura, pela informação, pela criatividade.

O jornal *Inovação*, juntamente com a Ala Jovem do MDB, apoiado pelo partido pretende transformar em ação e atitudes seus sonhos e desejos em relação à Parnaíba e a sua sociedade.

O grupo inovador declarava que a cidade de Parnaíba era uma comunidade carente de locais e ambientes culturais, como bibliotecas, centros artesanais, grupos teatrais, redutos onde os parnaibanos iriam buscar conhecer e apoiar a cultura parnaibana.

Em paralelo ao discurso cultural, o jornal *Inovação* buscava apresentar também sua proposta política. Para o grupo política e cultura formavam um binômio que fundamentaria o plano de mudança para Parnaíba. (MASCARENHAS, 2009, p.38)

Por seu turno, Mendes (2012, p.66) situa o lugar social ocupado pelo corpo editorial como importante característica do periódico. Eram jovens de classe média alta e que tinham acesso a uma educação de qualidade (cursos técnicos, universitário e formações em escolas de renome na região) para os padrões da época. Este local social se refletia diretamente na estruturação das matérias, assim como nos modos como os temas eram abordados.

Apesar da base elitista do jornal, sendo mais um veículo de informação ligado às famílias abastadas, característica comum entre todos os jornais de grande circulação no litoral piauiense, encontram-se opiniões do cotidiano popular. Isso fez com que surgisse nas páginas da imprensa litorânea o rock, agora não só como música, mas também como comportamento. É no *Jornal Inovação* que estão as principais evidências com riqueza de detalhes relacionados ao comportamento dos roqueiros no litoral piauiense.

Várias bandas de rock surgiam e se consolidaram no cenário fonográfico nacional. Seguindo esses acontecimentos, encontram-se, no litoral piauiense, bandas que, paralelamente, às de cidades do Sul e Sudeste, trançavam o ritmo internacional com as demandas regionais adquiridas do seu cotidiano.

O rock surge pela primeira vez nas páginas do *Jornal Inovação* no ano de 1978. Apesar do pouco destaque, esta aparição está em uma coluna usada para referências culturais e sociais, que iam da literatura ao plantão das farmácias de Parnaíba. Nessa coluna intitulada "Se oriente com o inovação", existia o tópico denominado “OUÇA”, expondo indicações musicais, dentre essas, o nome de Roberto Carlos está junto a seguinte frase: “Para os que gostam”.¹⁵⁹ Diferentemente da crítica musical analisada em outros periódicos da época, nesse momento inicial do periódico eram poucas as problematizações mais aprofundada nas

158 Editorial. INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ?? de dez. 1977, p. 01.

159 Editorial. SE ORIENTE COM O INOVAÇÃO. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ?? de jan. 1978, p. 10.

informações dadas ao leitor sobre lançamentos musicais.

As matérias com crítica musical – quando haviam – eram feitas por nomes que transitavam em outros periódicos, como, por exemplo, Balula, que teve coluna no jornal *Folha do Litoral*¹⁶⁰. Mais uma vez, está em voga a circulação dos personagens atuantes nas mídias do litoral piauiense. Como ressaltado anteriormente, o *Jornal Inovação* era voltado para os jovens e, na maioria dos casos, entendidos como voz autorizada nos periódicos em casos relacionados às artes de massa.

Entende-se que o jornal considerava aqueles que tinham textos impressos no periódico como possuidores de legitimidade na função de expor opiniões, prestígio adquirido pelos maiores acessos às formações acadêmicas e políticas, além de capital econômico e cultural que facilitava contato com os diversos cenários artísticos e as novas tendências culturais no Brasil.

Entre as contribuições de Balula, nas páginas do *Jornal Inovação*, em outubro de 1978¹⁶¹, vemos uma análise de sua lavra sobre o cenário musical brasileiro que tomava como central os festivais de música veiculados na TV, em que fez um balanço dos nomes surgidos nesses shows. Os artistas evocados se destacavam na relação entre política e música, sendo também abraçados pela indústria fonográfica. Além disso, o autor lançou em seu texto uma curiosa previsão – não concretizada – de que o próximo nome de destaque da MPB sairia dos palcos do Piauí. Percebe-se que, mesmo quando temas considerados nacionais eram abordados, existia tendência regionalista inserida nas discussões.

Balula, em parceria com outros participantes do *Jornal Inovação*, foi responsável pela realização da entrevista com o músico Ivan Lins. Essa oportunidade aconteceu no momento da realização de um show na cidade de Teresina. A entrevista foi veiculada em três partes entre as edições de dezembro de 1978, janeiro e março de 1979. Nas linhas que mostravam as palavras do artista se encontram como era o *modus operandi* da indústria fonográfica nacional pelo olhar interno de um músico envolvido no mercado dos grandes centros nacionais.

Está também no *Jornal Inovação* texto de Paulo de Athayde Couto que percebia e criticava o rock trazido pela indústria fonográfica nacional. Nesse sentido, está um sinal de que o rock não era somente um estilo que levava à “libertação”, mas que também podia causar o sentido inverso, pois, ao ser apropriado e reflexo do/pelo capitalismo, era submetido aos seus princípios mercadológicos. Com essa visão em mente, Athayde Couto respondeu em

160 Em 1978 aparece assinando a coluna Artedaços. Além de produzir matérias sobre a música nacional no jornal *Folha do Litoral*.

161 Balula. NOVOS RUMOS DA MPB. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ?? de out. 1978, p. 11.

espaço no *Jornal Inovação* as críticas de um artigo publicado em outro jornal, onde diz:

Vale também a pena publicar algumas críticas e opiniões a respeito do "Progresso de Parnaíba" e de seu autor: "Muito moralista", "careta", "louco", "complexado", "que não gostava de mulher" ainda apareceu uma zinha (sic) dizendo que ima(sic) me "dar umas porradas".

Por falar em porradas, que levou muitas delas foi a consciência de muita gente. Afinal, quem "quer modificar o mundo (ou as pessoas) é esse tal de rock and roll" ou melhor: a onda discoteque com fumaça colorida, sirenes, luzes e agitação de cidade grande (entendam!).¹⁶²

Anteriormente, Athayde Couto havia mostrado apreço pelo rock ao colocar como logo da coluna Cosmos, mantida no *Folha do Litoral*, uma imagem inspirada pelo disco "*Mind Games*" de 1972, gravado por John Lennon. Mostra assim, que sua crítica estava centrada no rock não politizado e, prioritariamente, voltado ao mercado que chegava para compor o repertório musical dos ambientes de lazer sonoro da região.

Discotecas surgiam no litoral e, na visão de alguns, como o grupo do *Jornal Inovação*, elas poderiam apartar a juventude de questões consideradas mais importantes, levando a um afastamento do regional. Os espaços de lazer da juventude litorânea começavam a se modificar em finais da década de 1970, tendo alinhamento de seus repertórios para os principais nomes do mercado fonográfico.

Diferente dos periódicos analisados anteriormente nesta pesquisa, este jornal mostrou que havia uma "Cena Rock" com constantes movimentações no litoral e em outras localidades do Piauí. Na região litorânea, viram-se, nos anos de 1980, shows que levaram ao público, músicas e ideias que contribuíram para inserção da música rock na cultura do litoral piauiense.

3.1 "Um grito de contracultura": política e sociedade no rock do litoral

Considera-se, segundo as palavras de Mascarenhas (2009, p.17), que o *Jornal Inovação* era um produto da participação da juventude que se portava como ator social ativo no momento de formação da identidade jovem. Esses personagens possuíam como prioridade no olhar, setores marginalizados e excluídos do sistema sociopolítico imposto pelo momento que vivia o Piauí e o Brasil. Elencavam em suas palavras quais seriam os considerados "perversos" e "seletivos", termos usados em alguns momentos para definir figuras políticas e

162 Paulo de Athayde Couto. UMA "PORRADA" NA CONSCIÊNCIA OU UM TIRO NA MEMÓRIA. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 31 de jan. 1979, p. 14.

sua relação com a sociedade piauiense.

Na década de 1980, o rock local apareceu com maior detalhe na imprensa por meio deste veículo, estando nas palavras do jovem poeta, estudante universitário e roqueiro Danilo Melo. Este assinou matérias com as maiores contribuições no que se refere à organização e ações da Cena Rock do litoral.

O rock aparecia nas páginas do *Jornal Inovação* corroborando com as ideias levantadas pelo jornal. Percepções que eram baseadas e tinham como objetivo mostrar para a sociedade que jovens estavam atentos ao seu contexto e queriam contribuir com sociedade para executar mudanças.

Na década de 1980, surgiam, em primeiro plano, bandas de rock e suas variações no ambiente do litoral piauiense. Agora os apreciadores do rock não precisavam depender, prioritariamente, de bandas de bailes ou a vinda de artistas de renome nacional na região para se ouvir o som estridente do rock autoral nos espaços culturais ao vivo.

No ano de 1984, uma matéria exemplifica os materiais produzidos e conduzidos em ambientes da juventude do litoral. Eram momentos que poderiam usufruir de músicas rock e das ideias envolvidas, que levavam demandas sociais, culturais e políticas nos níveis locais, nacionais e globais.

Em primeiro plano, essas bandas consideravam particularidades envolvidas em ser um jovem do litoral piauiense. Envolviam-se numa relação do local com global, incluindo sons metálicos e distorcidos de guitarras que seguiam harmonias surgidas dos EUA e Europa junto às demandas sociais dispostas pelos envolvidos com o rock na região.

E ainda em relação a essa situação, vale ressaltar que surgiam possibilidades para mostrar o trabalho de composição e suas performances. A junção dessas duas partes do rock mostrado pela juventude da região colocava em exposição uma das utopias juvenis da região, resumida no *Jornal Inovação*, em matéria que tratava dos shows de rock produzidos na cidade de Parnaíba, expondo da seguinte forma: “*É muito importante, daqui pra frente, um apoio maior dos parnaibanos para com nossa juventude, pois tem muita gente interessada em mudar alguma coisa*”¹⁶³.

Segundo Danilo Melo, para o *Jornal Inovação*, performances "raivosas e metálicas" de bandas que carregavam "uma provocação de contracultura, pois conteúdos sociais, políticos e filosóficos" ocuparam os espaços do Centro Cultural de Parnaíba. A busca por uma intelectualidade contracultural estava presente nas letras de algumas bandas, em que essas

163 Danilo de M. Souza INFERNO NO CÉU – UM GRITO DE CONTRA-CULTURA. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 31 de jan. de 1984. p. 04.

traziam temas que buscavam mostrar com metáforas algumas das mazelas vividas pela sociedade. Além disso, Danilo Melo, letrista e integrante da banda Garotos da Estrada trazia referências que iam desde o *beat* estadunidense ao *punk* londrino.

Para Groppo (1996, p.279), tem-se, no rock na década de 1980, uma música exclusivamente de mercado e pouco voltada para a juventude, pois já havia uma descaracterização do rock como parte de uma cultura contestadora, transformando-se numa trilha sonora que poderia aparecer facilmente nos espaços de consumo da vida.

Apesar dessa descaracterização ao ocupar espaços da cultura de massa, percebe-se que, no âmbito regional, o rock ainda estava sendo compreendido como uma cultura de protesto, a parte do consumo nos contextos locais. Considerando o caso do litoral piauiense, não existe uma perspectiva de inserção de artistas piauienses vinculados ao rock no mercado consumidor caracterizado pelo *mainstream*, levando à consequência imediata de inserção no ambiente local que proporciona bases que podem ser melhores dispostas no *underground*.

Além disso, em matéria de Danilo Melo assinada no *Jornal Inovação*, mostra-se como integrantes das bandas se apresentavam diante do público do litoral do Piauí. Havia nessas performances um objetivo em relação à cultura regional, mostrando particularidades enquanto jovens que usavam o rock como voz. As atitudes dispostas pelos integrantes de bandas de rock e suas variações no litoral é exemplificada quando se lê na matéria:

A apresentação do show, também no Centro Cultural deixou bem clara a intenção dos garotos: provocar um terremoto cultural e provocaram; queriam falar ao público como fazem na intimidade, e falaram.

A maior parte do público que compareceu ao show, assistiu com ansiedade, a apresentação raivosa e metálica do "Inferno no Céu", que esbanjou energia com suas guitarras distorcidas.

Com a pauleira pesada do "Inferno no Céu" e muitos gelos secos jogados durante a apresentação, apareceu um grupo de Folk Metalwave, os "Condutores de Cadáver", sob o comando de Nyx Rotten, que fez o público se agitar naquela maçaroca blindada de contra-baixo(sic) e guitarra distorcida. Engraçado mesmo foi a participação do vocalista dos "Condutores", que parecia mais interessado em fazer piruetas do que propriamente cantar. Apesar da agressividade, a banda convenceu.¹⁶⁴

O rock poderia vir nas "piruetas", sons das guitarras distorcidas, na estética do gelo seco em meio às movimentações de palco e nas referências usadas pelas bandas e pelo jornalista/roqueiro para tentar descrever quais melodias encaixariam dentro das opções apresentadas pela indústria fonográfica internacional e nacional. Junto a isso, tem-se, no rock apresentado no litoral piauiense, a agressividade característica dos integrantes da banda

¹⁶⁴ Danilo de M. Souza INFERNO NO CÉU – UM GRITO DE CONTRA-CULTURA. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 31 de jan. de 1984. p. 04.

Condutores de Cadáver e de seu *Frontman Nyx Rotten* ou do público com sua "Maçaroca blindada".

O historiador Jorge Sobrinho (2013, p.78), ao analisar performances de bandas brasileiras de renome do *heavy metal* nacional, observa que, no palco, a música se transforma na experiência coletiva, pois ela serve como baliza de referências e forma de vínculo social numa construção coletiva de realidade baseados na vivência. As letras e músicas das bandas de rock do litoral do Piauí ocupavam um papel importante na construção dessas experiências.

Essa agressividade não era mostrada em depredações nos locais das apresentações, mas ela estava, em contrapartida, em cada movimento executado pelas bandas e nas críticas sociais reconhecidas em letras das canções. A banda Condutores de Cadáver, por exemplo, é era uma das primeiras bandas de *heavy metal* surgidas na região. Nascida no início da década de 1980, exemplificava em suas músicas o sentimento da parcela rock da geração de jovens piauiense. Por outro lado, Paulo Bastos, outro integrante da Condutores de Cadáver, em entrevista concedida no ano de 2010, que tinha como tema a contracultura roqueira em Parnaíba, busca exemplificar como se portava a "Cena Rock" na região nas décadas de 1970 e 1980, dizendo que:

Os grupos que apareceram nessa época procuravam difundir a contracultura voltada para o lado social. Com relação ao confronto, a família na época era mais tradicionalista, então ela tinha mais cuidado em fazer com que as pessoas ao saírem pra divulgar os seus trabalhos, não se envolvessem com a política, com forças que tinham na nossa cidade.¹⁶⁵

Em sua fala, percebe-se uma relação com o texto da matéria veiculada no *Jornal Inovação*. O "lado social" estava ligado com o objetivo principal, nas palavras de Paulo Bastos e, nas letras de Danilo Melo, de apregoar uma "vontade de mudar o mundo", característica de mudança social mostrada na região por meio do rock que podiam ser percebidas nas composições.

Nilson Oliveira, conhecido pelo nome artístico *Nyx Rotten* foi o citado vocalista da banda Condutores de Cadáver na matéria do periódico. Em sua trajetória foi músico de bandas de *heavy metal* no Piauí, Goiás e Brasília e, atualmente, desenvolve atividades como instrumentista e produtor musical ainda em atividade. No ano de 2018, divulgou pela rede social *Facebook e Soundcloud*¹⁶⁶ duas regravações de canções da banda Condutores de Cadáver, que, embora não mantivessem o caráter técnico e estético apresentado nos palcos do

165 Paulo Bastos. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

166 Ver: soundcloud.com/nyx-heavy-machinegun

litoral piauiense da década de 1980¹⁶⁷, são exemplo das composições musicais que permeavam os ares da cultura e do rock no litoral piauiense na década de 1980.

Nessa perspectiva, levando em consideração as palavras de Napolitano (2005, p.106), percebe-se uma possibilidade de construção de análises para além das melodias, focando principalmente as letras de uma canção. Uma das músicas da banda Condutores de Cadáver é datada por Nilson como sendo composta no ano de 1982. Trazia na letra uma apresentação irreal e tenebrosa, simbolizada no título homônimo da banda. Provavelmente, esteve presente no *setlist* do show no Cento Cultural, levando ao público mais um alimento para as “agressividades juvenis”. A letra diz o seguinte:

Numa noite tenebrosa
De repente surgem eles
Unidos na noite andando
Buscando as suas vítimas
Com energia forte e som descomunal
Que os ouvidos não esquecem é algo sobrenatural
Chegou, chegou, condutores de cadáver chegou
Chegou, chegou, com energia, muito sangue e horror
Chegou, chegou, condutores de cadáver chegou
Chegou, chegou, com energia, muito sangue e horror
Seus corações são paranoicos, suas cabeças cheias de ódio
Cuidado não andem com eles, pois seu destino é o purgatório
Chegou, chegou, condutores de cadáver chegou
Chegou, chegou, com energia, muito sangue e horror
Chegou, chegou, condutores de cadáver chegou
Chegou, chegou, com energia, muito sangue e horror
Chegou, chegou, condutores de cadáver chegou
Chegou, chegou, com energia, muito sangue e horror
Chegou, chegou
Chegou, chegou
Chegou, chegou
Chegou, chegou
Chegou¹⁶⁸

Analisando a composição textual da música acima, sob o olhar metodológico disposto por Napolitano (2005, p.100), podem ser encontradas mostras da interlocução entre a banda e o público, criando, assim, uma possibilidade de entendimento de que o grupo social era tido com centralidade no momento de composição e execução em apresentações. Esse diálogo entre público e banda, estabelecido na canção, justifica-se pelo fato de ser uma música

167 Considerou-se o aperfeiçoamento técnico e novas referências musicais adquiridas por Nilson Oliveira nas últimas três décadas, todas as músicas da banda Condutores de Cadáver apresentadas na pesquisa sofreram alterações estéticas significativas em suas melodias, corroborando a isso, tem-se o fato de Nilson ser o único integrante da formação original a participar das gravações e produções.

168 A letra da música foi disponibilizada por Nilson Borges para esta pesquisa. Regravação disponível em: soundcloud.com/nyx-heavy-machine-gun/condutores-de-cadaver

autobiográfica da banda, além da mensagem direcionada ao expectador. Além disso, existe uma inserção desses personagens dentro do mesmo meio social do ouvinte. Mostra o "som descomunal que os ouvidos nunca esquecem" poderia levar à reflexão de quem estava naquele momento interessado em participar da apresentação, ocupando, prioritariamente, o espaço em frente ao palco, fazendo também parte dele em alguns momentos.

O historiador E. P. Thompson lança olhares sobre uma prática musical chamada *rough music*. Essa análise, que, no primeiro momento, parece distante das fronteiras do rock, coloca em foco as motivações sociais cabíveis a ambos. Outrossim, esses movimentos surgem no descontentamento de uma comunidade e na busca pelo enfrentamento dos personagens que foram de encontro às normas estabelecidas socialmente. Sendo:

A rough music é um vocabulário que, num extremo, toca o carnaval e, no outro, o patíbulo; que fala de cruzar fronteiras proibidas ou misturar categorias estranhas; que lida com transvestidos e inversão; que acende fogueiras brilhantes que podem lembrar os hereges ou até o inferno, com o diabo chifrudo evocando o cornudo que é alvo da zombaria. (1998. p. 382)

Apesar dos distanciamentos temporais e geográficos entre as duas práticas musicais/comportamentais, em um olhar desatento, a citação acima pode ser facilmente relacionada aos estilos mais extremos do rock, havendo similaridades na prática da *rough music* com a simbologia aplicada na música Condutores de Cadáver.

Para Thompson, os ritos da *rough music* faziam parte do discurso da sociedade, empregados nos conflitos entre diferentes facções que "*muito depende do equilíbrio de forças dentro de uma comunidade, das redes familiares, das histórias pessoais, da espirtualidade ou da estupidez dos líderes naturais*" (1998, p.385-386)

Essas instabilidades, também norteiam, nas últimas décadas quatro décadas, grande parte da juventude ligada aos estilos mais extremos do rock, principalmente oriundos do *heavy metal* e *punk*, sendo estes as referências basilares da banda Condutores de Cadáver e seus integrantes. Em outra composição, intitulada Becos Escuros, podem ser percebidos os mesmos traços de revolta, em que figuram, no primeiro plano, personagens alegóricos que simbolizavam setores da sociedade envolvidos com o poder político. A letra diz:

Toda vez que eu ando pelos becos escuros vagando
Uma revolta cega toma conta de mim
Pouco a pouco vejo a vida se acabando
E tudo que nos rodeia vejo chegar ao fim
Os becos dessa cidade imunda
São o berço da minha revolta animal
Quando grito alto quero mostrar ao mundo

Que esses "homens fortes" só nos causam mal
 O mal
 O mal
 O mal
 Fazendo as armas para matar as pessoas
 Forçando os humildes para os seus ideais
 Fazendo as guerras para aniquilar os povos
 Ó Deus, esses homens são uns animais
 Animais
 Animais
 Animais¹⁶⁹

A cidade, na música rock da banda Condutores de Cadáver, estava mais uma vez como cenário de confrontos. Na letra da canção anteriormente exposta, os indivíduos vagam pela cidade buscando “vítimas”, em um sentido metafórico, isso porque o objetivo não era matar, mas conduzir a uma introdução à ideia de rock que o grupo carregava e que deslocaria a percepção sobre a sociedade. Já na letra de Becos Escuros, existe uma aproximação mais precisa com o espaço urbano definido pelo cenário da cidade exposto na música.

No rock, esses lugares suportam personagens em músicas que executam movimentos envolvendo a marginalidade. Nessa direção, a banda Condutores de Cadáver mostra essa relação quando, em um momento, os indivíduos, nos espaços urbanos, saem para uma caçada “buscando suas vítimas” e no outro enfrentam reflexões sobre a sociedade e suas contradições.

Portanto, mostra-se no rock uma relação multifacetada que o litoral piauiense poderia trazer em seu espaço urbano. Além das belezas naturais, dispostas em praias e na relação homem-natureza, havia uma cidade fora das luzes. Nesses locais habitavam envolvidos com o rock na região.

Voltando olhos sobre a matéria de Danilo Melo veiculada no *Jornal Inovação* em que aparece o show no Centro Cultural de Parnaíba e as performances do rock naquele espaço, é possível entender como esta “Cena Rock” se portava. Danilo Melo coloca que a “moçada” ali presente ao ouvir o som da banda Inferno no Céu se “ouriçava”. Esse sentimento era nutrido pela apresentação e a estética do palco em alta performance que, em seu fundo, tinha o nome da banda feito de forma manual, exemplificando a prática artesanal do rock na região. Para além dos maiores sucessos veiculados nas rádios locais, existia uma música jovem que expressava as particularidades e sentimentos da juventude da região, nutridos diante das suas particularidades em acordes característicos do rock.

169 Disponibilizada por Nilson Borges para pesquisa.

Essa matéria mostra com detalhes o rock local da região a partir de um show no Centro Cultura de Parnaíba, sendo veiculada na edição 47, de 31 de janeiro de 1984. Ressalta-se que, na capa do mesmo número, estava estampada em destaque acima da logo do jornal, a frase "Pelás Diretas". Esta informação poderia se configurar, em segundo plano, nas análises sobre as relações do rock com a imprensa aqui dispostas, todavia, diante da participação política que os jovens roqueiros expressavam, ela se torna uma página relevante da história do rock no litoral piauiense.

Em recorte de jornal preservado por Paulo Veras, percebe-se, por exemplo, que existiu a participação dos integrantes de bandas de rock nas campanhas das “Diretas já” em Parnaíba, sendo citado a banda Inferno no Céu entre as que se apresentaram no showmício.¹⁷⁰ Segundo o editorial do *Jornal Inovação*, estiveram 5 mil pessoas no chamado “Show das diretas”¹⁷¹.

Segundo a historiadora Rafaela Lunardi (2016, p.30), é possível perceber esses eventos brasileiros de protesto com significativos enlaces político-ideológicos e culturais. As músicas e artistas que tocavam e expressavam suas opiniões em discursos e canções serviram como influenciadores nas categorias e parâmetros de avaliação do que seria a função estética da arte de contestação política. Levou-se a uma reconstrução identitária e conservação destes grupos na memória e no discurso, sendo comum até os dias atuais um artista ter como termômetro, diante do público, a sua aproximação/produção musical que alcançaram sucesso na segunda metade do século XX.

No caso do litoral piauiense, tem-se nessas inserções do rock nacional em opiniões políticas uma abertura para participação do estilo em eventos e gravações que delimitavam a cultura local nos anos posteriores à década de 1980, mostrando a inclusão além dos âmbitos restritos ao rock.

Este tipo de ambiente levava interessados e curiosos às ruas do litoral. Aglomerados se formavam em frente aos caminhões de som, onde havia políticos proferindo discursos e bandas mostrando seus sons de viés contestador social ou não. Uma mostra desse público está na foto publicada na já citada capa do *Jornal Inovação*, edição número 49, em julho de 1984:

170 Sobre Inferno no Céu ver: MOURA, Gustavo Silva de. *E a cidade estremeceu: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em Parnaíba-PI*. 2014. 89 f. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, Curso de Licenciatura Plena em História, 2014. Especificamente o capítulo 3, no tópico: Entre porcos e restos mortais: o underground do Heavy Metal de Parnaíba-PI, p. 51-56.

171 Editorial. 5 MIL PELAS DIRETAS EM PARNAÍBA. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de jul de 1984. p. 01.



Figura 2: “5 MIL PELAS DIRETAS EM PARNAÍBA”. Foto de um showmício em Parnaíba-PI no ano de 1984
Foto retirado do *Jornal Inovação* (1984. p.01)

A descrição que segue a fotografia dizia o seguinte:

5 mil pessoas sem faixas, cartazes, bandeiras, assistiram um programa diferente: O SHOW DAS DIRETAS. A alegria dos que subiam improvisado da avenida Chagas Rodrigues, contrastava com a seriedade das pessoas que, durante três horas, ouviram músicas e pronunciamentos.¹⁷²

Não é prudente generalizar afirmando que somente bandas de rock e seu público estavam nesse histórico momento, tampouco definir ao certo quantos roqueiros estavam ouvindo os pronunciamentos. Entretanto, ter a informação de que uma banda de rock estava ali, mostra a existência de uma juventude que se interessava nas movimentações políticas ocorridas nacionalmente com representantes no litoral.

É interessante ressaltar que, para Paulo Bastos, quando perguntado se havia preocupações políticas ou esses momentos eram tratados como diversão para os participantes do rock da região, ressaltou que:

Algumas bandas como o “Inferno no Céu”, “Garotos da Estrada” e a “Artéria” trabalhavam muito o lado social e o lado político. Houve uma época em que tivemos um show aqui em Parnaíba, o show pelas diretas no Centro Cívico, para as eleições de 1984, onde foi muito destacado o lado político em virtude de que na época o Brasil vivia uma transição do governo dos generais para uma eleição direta. Então,

172 Editorial. 5 mil pelas diretas. In: *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de Jul de 1984. p. 01.

era um assunto que estava em voga no momento.¹⁷³

Em razão dessa realidade, a juventude roqueira comparecia para dar sua contribuição. Paulo Veras detalha o exposto por Paulo Bastos, mostrando que havia pessoas envolvidas com rock e preocupadas ativamente com temas políticos:

Eu citaria alguns nomes que tinham uma maior preocupação com essa causa política, com esse momento político da época. O Paulo (Bastos), o próprio Danilo Melo que foi secretário de cultura, essas caras eram mais intelectualizados, nesse sentido de acompanhar como andava o governo e o social da época. A gente tinha a coisa mais da rebeldia, mas depois também foi começando a se aproximar dessas causas, de se preocupar mais com o que estava acontecendo no país, das desigualdades sociais da época. Eu lembro que rolou vários protestos na época. Foram de forma tímidos, mas rolava, de vez em quando a galera se reunia quando ia ter, por exemplo, eu lembro na época dos comícios tinha um grupo, inclusive o Paulo participou demais desse grupo, Danilo o próprio Joélson e eu cheguei também a ir em alguns, a gente levava faixas de protesto e tal.¹⁷⁴

Para alguns casos, o rock poderia servir como uma forma de educação/posição política para a juventude local além dos padrões partidários. Existiam bandas que carregavam em suas composições a temática política de contestação, mostrando que havia sintonias com os movimentos *undergrounds* dos grandes centros urbanos nacionais. Contudo, essa afinidade não era inalterada, levando nas composições particularidades do sistema político e social configurado no litoral piauiense.

Está proposta apresenta-se em outra composição da banda Condutores de Cadáver, intitulada de “Vida Estranha”, onde existe uma mostra de sua posição em face das imposições do sistema político e social.

Sinto a vida tão estranha
Penso que ela vai mudar
Vejo seres de outros mundos
Que virão nos libertar
Deste mundo em que vivemos
Que é cheio de razão
Nada é certo, nada é ordem
Menos valem os irmãos
Paro e penso dessa gente, que parece alienada
Gritos fortes não me ouvem
Todos estão condicionados
A opressão nos obriga e não nos deixa gritar
E se o fizermos estamos a paz querendo estragar
Eu não suporto o ódio, que pulsa nos corações
E cada minuto que passa, cresce o poder dos ladrões

173 Paulo Bastos. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

174 Paulo Veras. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

Nessa música que tem como título "Vida Estranha", podem ser percebidas as aflições da juventude local em questão, que buscava levar sua mensagem ainda pouco percebida e valorizada, cujo traço estaria alocado na crítica habitual ao poder das elites do período. Vendo sua incapacidade em tal ato, tinha como único posicionamento o aumento da cólera diante desses personagens denominados de "ladrões".

Para além do desafeto, percebe-se, na música, a ideia de que questionar o poder estabelecido/imposto era entendido por setores contrários ao rock como uma afronta aos valores sociais. Por conta disso, essa juventude sentia-se "oprimida" e acusada de colocar a "paz" em crise.

Juntamente a melodia rock em "Vida Estranha", ela traz consigo duas demandas que podem ser colocadas dentro da agenda das reivindicações de uma "moral" tradicional. Essas são o respeito à família quando é questionado o desrespeito entre irmãos e a outra está relacionada à "ordem" que seria perturbada com objetivo de controle das massas pelos denominados "ladrões".

Um descredito à sociedade também estava inserido desde o início em "Vida Estranha", ficando claro no momento em que os seres humanos não tinham mais poder para mudar algo no mundo, sendo essa missão creditada a "seres de outro mundo". Relações familiares que são pilares sociais e culturais tradicionalmente colocados como a expressão "do respeito também não tinham" mais espaço do cenário exposto na canção. Por conta disso, existem "prisões" estabelecidas pelos "ladrões" que privam o sujeito da música e não deixam a mensagem de mudança chegar a toda população.

3.2 "O mudar o mundo": a Cena Rock litorânea e sua posição na sociedade e cultura piauiense.

O *Jornal Inovação* carregava em sua trajetória os anseios de parte da juventude do litoral piauiense. No seu cotidiano vivido na década de 1980, experimentam um cenário político de tensão e distensão que traria novamente à presidência do país um presidente civil, mesmo que não eleito pelo voto popular.

Percebe-se que as temáticas abordadas levavam à velha tradição política a debates e

175 A letra da música foi disponibilizada por Nilson Borges para esta pesquisa. Regravação disponível em: soundcloud.com/nyx-heavy-machine-gun/condutores-de-cadaver-pi-vida-estranha

críticas, que, com isso, não isentava o jornal de manter traços com esse movimento efervescente em que viveu o país. Diante desses debates, surgem textos que argumentavam sobre a politização da juventude ligada ao rock no estado do Piauí e em seu litoral.

Como tratado anteriormente, a década de 1980 e mais especificamente a sua segunda parte, vivenciou-se uma conjuntura em que a juventude ligada ao rock avistava sua trilha sonora nas grandes mídias. Sendo consequência do trabalho midiático aplicado no Brasil nas duas décadas anteriores, a década em questão mostrava todo poder da indústria fonográfica brasileira e do mercado consumidor jovem.

Espaços específicos eram abertos para o rock piauiense, existindo trocas de experiências dentro e fora do Estado. Esses momentos serviram para situar os caminhos trilhados em cada região, percebendo como as relações do local com o global eram aplicadas nas diferentes localidades do Piauí.

Em outubro de 1985, ocorreu na cidade de Teresina um festival de música que levou bandas de rock do litoral para capital. Proporcionou-se com esse evento contatos entre o produzido e experienciado na capital com o do litoral. As duas regiões tinham diferenças significativas no acesso individual das novidades musicais no Brasil.¹⁷⁶ A cidade de Teresina, além da diversidade comunicacional tinha um leque de opções diversificadas relacionadas às lojas de discos e ambientes culturais (casas de shows, bares temáticos, dentre outros) para juventude com preferências pelo rock. O litoral piauiense dispunha somente de uma loja de discos de pequeno porte e seu acesso às informações relacionadas à música estavam na convivência com os meios de comunicação local, principalmente o rádio e os periódicos, ambos essenciais na formação de referências relacionadas ao rock na parte litorânea do Piauí.

Ao fazer análises sobre a música popular de Teresina na década de 1980, o historiador Hernando Medeiros (2013, p.30) coloca que existe uma gama de festivais compostos de uma natureza repleta de ritmos e sons, levando influências nacionais e internacionais. Como argumento central, tais eventos objetivavam fomentar a música piauiense e mostrar os atravessamentos dos diversos estilos musicais produzidos no Piauí.

Nessa efervescência musical de Teresina, surgiu o festival voltado exclusivamente ao rock, intitulado "Setembro Rock". Sua contribuição ao contexto piauiense pode ser compreendida como:

(...) um remarcador dessa diferença. Sua “promoção visa contribuir para o

176 Chamo de acesso individual a possibilidade de uma pessoa ir a lojas de discos e escolher quais artistas escutaria em ambiente doméstico.

engrandecimento do movimento rock da capital". O Setembro Rock iniciado em 1983 é exemplo de uma fronteira estética, mas também de uma possibilidade nos fazeres musicais teresinenses. (MEDEIROS, 2013, p.34)

Este festival levou nomes do *heavy metal* nacional ainda na década de 1980. No ano de 1987 apresentaram-se, dentre outras, as bandas Dorsal Atlântica¹⁷⁷ e Viper¹⁷⁸, vindas do Sudeste do país. Nessa "remarcação", usando do termo apresentado por Medeiros, esteve presente o rock do litoral piauiense no ano de 1985. Participariam do festival as bandas Garotos da Estrada e Inferno no Céu, em que, segundo Danilo Melo, somente a última chegou a ocupar o palco por alguns minutos.

No entanto, essa participação levou para a imprensa da região questionamentos e críticas feitas pelos "roqueiros" do litoral, mostrando a existência de uma demarcação de diferenças conceituais nutridas em percepções do rock nesses dois locais do Estado do Piauí.

Danilo Melo, jornalista e um dos membros da banda Garotos da Estrada, aproveitou sua ida como integrante da comitiva de músicos que tocariam no festival e redigiu um texto para a edição de número 55, de outubro de 1985. Para além dos relatos referentes às críticas técnicas das apresentações de outras bandas naquela oportunidade, estão percepções sobre questões comportamentais e ideológicas dos outros participantes do evento. No seu relato as ponderações começavam da seguinte forma:

Com muita dificuldade conseguimos chegar a "cidade verde". Iniciadas as apresentações sobe ao palco o grupo "Vênus", fazendo uma exibição sem graça, plagiando "Iron Maiden". Pior que a apresentação do Vênus, só a de um locutor de uma FM da capital com um falatório manjado dizendo que o rock, entre outras coisas é uma música que prega a paz e o desejo dos jovens de serem independentes.¹⁷⁹

Mais uma vez não está no mérito desta pesquisa analisar um possível plágio musical. Entretanto, essa comparação entre Vênus¹⁸⁰ e *Iron Maiden*¹⁸¹ feita por Danilo Melo vai na mesma direção da crítica musical descrita pelo historiador Paul Friedlander (2012, p.382). Percebe-se que o *heavy metal*, estilo representado pela banda inglesa *Iron Maiden*, para os

177 Banda formada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1981. Considerada como pioneira na cena *thrash metal*, influenciou importantes bandas, onde incluem-se Sepultura e Korzus.

178 Banda formada na cidade de São Paulo no ano de 1985. Nome importante do *heavy metal* nacional teve como vocalista na década de 1980 Andre Matos, cantor que passou por bandas brasileiras de renome internacional, dentre elas Angra e Shamam.

179 Danilo de M. Souza. SETEMBRO NEGRO. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ??? out de 1985. p. 10.

180 Banda de *heavy metal* formada na cidade de Teresina no ano de 1982, mantendo atividades até o ano de 1989. No ano de 1986 lançou o primeiro e único disco com título homônimo.

181 Banda de *heavy metal* britânica formada em 1975. Ainda em atividade lançou mais de uma dezena de álbuns entre ao vivo e de estúdio. Foi uma das principais atrações do Rock in Rio 85. Influência de bandas de rock em todo mundo até os dias atuais.

comentadores da música rock é descrito como pobre vazio e anormal. Esses dizeres são empregados baseando-se na ideia do estilo musical ser uma imposição da indústria da música.

Destarte, esta crítica feita no *Jornal Inovação* leva ao entendimento da percepção de autonomia que o rock do litoral e os jovens envolvidos buscavam ter. Outra crítica está nas pessoas envolvidas no festival, em que as mídias da capital se inseriam com personagens que usavam de estereótipos e sentidos comuns de menor complexidade ao falar do rock. Danilo Melo coloca isso em destaque ao abordar falas do apresentador do evento, um locutor de FM, que, segundo ele: "*com um falatório manjado dizendo que o rock, entre outras coisas é uma música que prega a paz e o desejo dos jovens de serem independentes*".

Na análise do historiador Hermano Medeiros (2013, p.33), alguns festivais em Teresina não funcionavam como elemento de disputa, o "Setembro Rock" estaria incluído nesse tipo de ambiente. No entanto, fica claro quando analisada a matéria do *Jornal Inovação*, evidências de uma disputa para além do rock, que não precisariam de premiações para surgir.

Existiu, nesse momento, uma disputa entre as bandas de Teresina e do litoral, mostrando que tensões poderiam existir para além do financeiro, materializadas nas visões de mundo e de rock. Essa tensão se baseia na alegação de que os roqueiros teresinenses não conseguiram absorver o verdadeiro conceito de rock, que, segundo os roqueiros do litoral, passava por noções concretas de política e sociedade.

Tensões entre a capital e o litoral não são exclusivas desse momento, historicamente essa disputa atravessa gerações. Em 1978 o jornalista Bernardo Silva¹⁸² foi alvo de críticas da imprensa teresinense enquanto atuava no jornal *Folha do Litoral*, argumenta que as opiniões proferidas contra ele no jornal "O Dia" eram motivadas por atuar em um periódico do litoral. Como resposta usou de ironias para com os teresinenses, mandando abraços e falando que guardaria a matéria pra mostrar aos seus filhos.¹⁸³

Colaborando para o fortalecimento da ideia de politização que parte do rock do litoral piauiense buscava, surge na matéria publicada no *Jornal Inovação* comentários sobre atitudes dos integrantes de bandas que participaram do "Setembro Rock", caracterizando percepções dos jovens saídos de Parnaíba para Teresina. Para fundamentação do engajamento litorâneo, foi usado como antagonista os roqueiros da capital. Com isso, algumas opiniões foram emitidas sobre a cena rock da capital do Piauí.

¹⁸² Sobre sua atuação na imprensa do litoral piauiense ver o tópico: 1.2 "Um jovem caipira que publica uma coluna ensandecida": Bernardo Silva e o rock brasileiro na "Dicas & Discos"

¹⁸³ Bernardo Silva. Dicas & Discos. Folha do Litoral, Parnaíba, 04 de mar. 1978, p. 05.

Nesse momento, sobe o guitarrista do segundo grupo com uma camisa destacando as faixas da bandeira inglesa que, como se sabe, é das nações mais imperialistas da História. (...) “Pensamos que “o mudar o mundo” devem ser seguidas de lutas concretas. Subir ao palco, falar em bomba atômica e outros papos manjados não representa nada. A liberdade está muito além das drogas e de posturas fascistas como a assumida pela maioria dos metaleiros.”¹⁸⁴

Tem-se, nessas palavras, uma crítica estrutural do que seria o conceito de rock equivocado, endereçada às bandas que se apresentavam no festival. Para os roqueiros do litoral, abordagens somente estéticas, como as descritas, mostravam um não entendimento do que seria para eles o verdadeiro sentido do comportamento e música. Como solução e resposta para esse problema, foi exposto que o rock deveria estar alicerçado nas *“lutas concretas cotidianas”*.

No final da matéria, tem-se como desfecho a seguinte emissão de opinião sobre o festival: *“Esse ‘setembro Rock’ que poderia ter sido o ato marcante do Ano Internacional da juventude, transformou-se num espetáculo pobre, de baixo nível, que se perderá no tempo e no espaço.”*¹⁸⁵

Todos essas avaliações e questionamentos feitos por Danilo Melo levam a indagações sobre a base do rock apresentado em Teresina. Alegou-se que faltavam traços do verdadeiro sentido do estilo musical, colocando em oposição os objetivos do rock na capital e no litoral.

Mauro Júnior, historiador e um dos personagens da Cena Rock do litoral nas décadas de 1980 e 1990, faz uma série de relatos memorialísticos publicados no jornal *O Piauí Culturalista* no ano de 2009 e 2010 sob o título de “Rock na terra de Simplicio”¹⁸⁶. Contou nesses textos a história do rock na região baseado nas suas vivências, mostrando pessoas envolvidas nos principais momentos e quais as percepções de algumas bandas. Ao falar sobre o rock na década de 1980 diz:

A primeira metade dos anos 80 ficou marcada pelas bandas Inferno no Céu e Condutores de Cadáveres, nesse meio tempo outras bandas nasciam e deram sua contribuição para Parnaíba, dentre elas tínhamos: Garotos da Estrada (formada por Danilo Melo e companhia), Arte Ofício (Pedro Airton, Padinha, Dedé), Zardos (Jesum Messias, Marcelo) esta última carregava um tanto mais peso nas guitarras que tendenciava ao Heavy Metal. O grupo Garotos da Estrada tinha certo viés político em suas letras, ao mesmo tempo em que fazia um som mais pop em relação às outras bandas. Por essa época em Parnaíba havia uma turma de Hedbangers (expressão em língua inglesa, na verdade a denominação às pessoas que curtiem ou curtem Metal, a música em si), que andava pelas ruas da cidade, vestidos de coletes e jaquetas jeans, calças geralmente desgastadas que vinham bordadas com patches

184 Danilo de M. Souza. SETEMBRO NEGRO. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ??? out de 1985. p 10.

185 Danilo de M. Souza. SETEMBRO NEGRO. *Jornal Inovação*, Parnaíba, ??? out de 1985. p 10.

186 Estes textos estão divididos em 6 partes, estando nas edições de número 17, 19, 22, 23, 26, 27. Foram publicadas entre os meses de março de 2009 e janeiro de 2010.

(pequenos pedaços de tecido, geralmente jeans, onde vinha estampada o nome das bandas de Metal, com letras ornamentais na maioria das vezes estrambóticas), e cabeleiras ao vento.¹⁸⁷

Para além da estética trazida pelo Rock e todas as suas variações, existia uma preocupação política e social, sendo ressaltada em falas dos participantes da "Cena Rock" do litoral piauiense nas décadas de 1970 e 1980 e nos vestígios relacionados à temática.

Na mesma matéria de Danilo Melo escrita sobre o festival Setembro Rock, usa-se o espaço da imprensa do litoral para um raro registro visual da banda Garotos da Estrada. Desde finais da década de 1970, nomes de bandas de rock da região poderiam ser encontrados esporadicamente nas páginas dos periódicos, mas somente na década de 1980 se materializam nas páginas a imagem das pessoas que produziam rock autoral no litoral, para apreciação aos olhos de leitores.

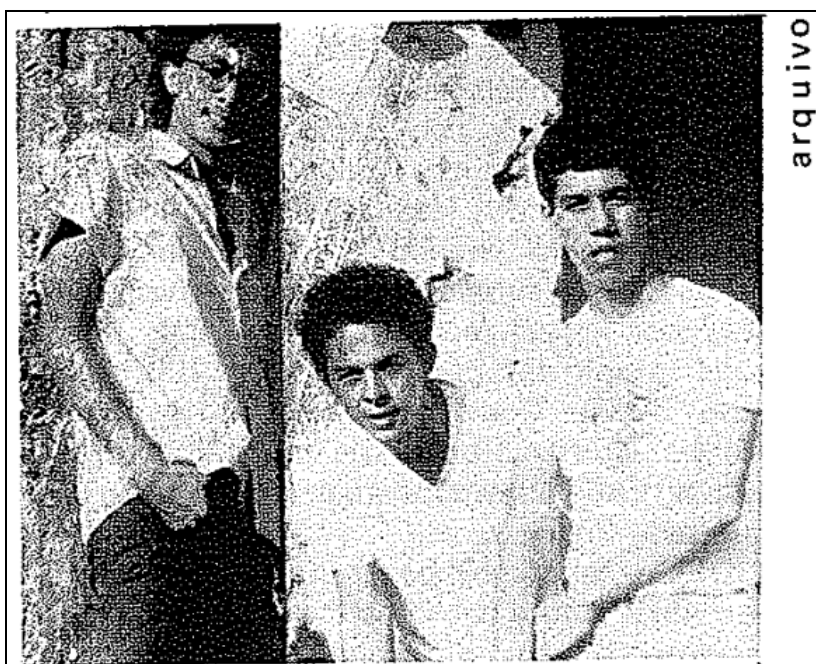


Figura 3: Banda Garotos da Estrada. Foto retirado do *Jornal Inovação* (1985. p.10)

A banda que tem como integrante Danilo Melo, podendo ser visto na foto acima em pé do lado esquerdo, tinha um som influenciado pelo pop rock, trazendo letras de cunho político e filosófico, influenciados pelas leituras e contatos de seu integrante/poeta/jornalista. Este é um dos primeiros registros fotográficos em periódicos na região de uma banda de rock, mostrando o caráter ousado do *Jornal Inovação*.

Esta foto aparece em destaque na matéria, mesmo não se fazendo uma ligação entre

187 MAURO, Júnior. Rock na terra de Simplicio – Part. 04. *O Piauí Culturalista*, Parnaíba, set. 2009, p. 13.

matéria e imagem de forma direta no texto. Além disso, mostra uma similaridade com trabalhos fotográficos de bandas integrantes do BRock ou rock brasileiro dos anos 1980.

Corroborando com análises, da historiadora Ana Maria Mauad (2005, p.151), essa fotografia compõe signos de uma natureza não verbal, objetos de uma civilização e significados de uma cultura. Nas roupas e poses, não vemos agressões diretas ao sistema comportamental, pois não estão levando a imagem algo questionador. No entanto, essa foto se aproxima das referências do rock brasileiro que figurou em divulgações nos diversos veículos midiáticos de grande porte, contribuindo na reprodução de gestos e poses nas diversas regiões do Brasil.

Portanto, torna-se necessário ver essa foto nas páginas no *Jornal Inovação* e perceber como uma postura mostra coerência em suas palavras e estética. Isso fica claro por não haver em suas roupas símbolos de regimes políticos, como, por exemplo, uma camisa com bandeira da Inglaterra, país considerada por eles imperialista e criticado por Danilo Melo em seu texto. Não consta na foto referências estrangeiras, cabelos longos e roupas pretas, tendo, na simplicidade das vestimentas da juventude da região, o seu maior protesto, pois colocava em destaque as palavras em contraste aos adereços das bandas da capital.

Ao ser perguntado em entrevista ocorrida em 2010 sobre a contracultura roqueira em Parnaíba e quais valores eram atrelados ao seu movimento, Mauro Júnior expõe maiores detalhes sobre comportamentos desses jovens nos anos 1980:

Então a ligação entre o rock e a contracultura em Parnaíba seria a ligação de a gente absorver esses valores que são valores de contestar o sistema capitalista e o dogmatismo cristão presente na sociedade que sempre levou a sociedade à hipocrisia e isso era o mote das letras e das músicas, por exemplo.¹⁸⁸

Corroborando para respostas relacionadas aos posicionamentos do rock do litoral diante da sociedade, torna-se pertinente analisar composições da banda Inferno no Céu. Apesar de ter sido uma das bandas autorais de maior repercussão na década de 1980 no litoral do Piauí, chegando a ganhar em 1984 o título de melhor banda da cidade de Parnaíba entregue pelo colunista social Colombo Neto¹⁸⁹, não existem disponíveis gravações originais da banda.

No entanto, esse sucesso e influência no rock da região levaram à participação de uma música em coletânea intitulada "Porto das Barcas"¹⁹⁰, posterior ao término das atividades da

188 Mauro Júnior. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010.

189 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Liberdade*, Parnaíba, 01 de fev. 1984, p. 03.

190 Porto das Barcas. Parnaíba: Prefeitura Municipal de Parnaíba/Serviço Social do Comércio, p1996. 1 disco sonoro. Danilo Melo é produtor-executivo do disco.

banda. Essa regravação datada do ano de 1996 foi feita pela banda Artéria¹⁹¹. Apesar de a Inferno no Céu não estar em atividade no momento da gravação e lançamento, sua obra foi preservada na música "Velha Mensagem". O título da canção é simbólico, estava na década de 1990 sendo reproduzida uma “velha mensagem” de mais de uma década e que transpassava o ano de sua produção.

O local onde a composição foi arquivada revela quais impactos o rock produziu no litoral piauiense e adquiriu com o passar das décadas. A banda Inferno, no Céu por meio da Banda Artéria, integra uma mostra da cultura local fomentada pela Secretaria de Cultura da cidade de Parnaíba.

A música apresenta a seguinte proposta:

Eu sou a ave que voa no céu de norte a sul
 Levando no bico uma velha mensagem
 E uma murcha flor
 Reinando à toa paz e o amor
 Eu sou um cara que em ave se transformou
 Mesmo despercebido pelos olhos do mundo
 Assim imundo
 Eu não faço da minha guitarra uma metralhadora
 Destruidora
 Eu não faço da minha guitarra uma metralhadora
 Destruidora.¹⁹²

Mais uma vez, no decorrer de uma composição do rock litorâneo, percebe-se a busca por levar um recado à sociedade, muito embora esse aviso não fosse recebido pela comunidade em geral. No entanto, originalmente este é um relato que tem como direção somente as pessoas que se interessariam pelo rock, participando dos momentos apresentados por essa cena musical. Ressalta-se que essa composição faz parte da coletânea musical lançada na década de 1990, podendo ter atingido um público mais amplo, todavia isso ocorre com outras bandas e artistas presentes na Cena Rock da região.

Questões relacionadas à visão social aparecem abordadas em outro momento, mostrando que a ideia da banda era iluminar para seus expectadores uma realidade que transporia o estabelecido para as massas. Esta composição intitulada "Olhos de um soldado" foi uma das vencedoras em um festival de música em Parnaíba. Sua composição diz o seguinte:

191 Formada por: Joelson, Danilinho, Júnior Voivod, Paulo Death e Júnior Fariseu. Para mais informações ver: MAURO, Júnior. Rock na terra de Simplicio – Part. 04. *O Piagui Culturalista*, Parnaíba, set. 2009, p. 13.

192 INFERNO NO CÉU. VELHA MENSAGEM. Intérprete: Banda Artéria. Porto das Barcas. Parnaíba: Prefeitura Municipal de Parnaíba/Serviço Social do Comércio, p1996. 1 disco sonoro, faixa 08.

Os olhos que se abriram, sob as luzes de um teto
 Entre homens e mulheres, desertores mascarados
 Os olhos dilatados, que saíram de úteros feridos e dilacerados
 Hoje são os olhos que partiram para as guerras
 Para verem de perto, as feras da esfera de consagrações.
 Estes são os olhos de um homem que foi as guerras e não voltou
 De um homem que foi as guerras e não voltou.
 De um homem que foi as guerras e não voltou.
 De um homem que foi as guerras e não voltou.
 As guerras e não voltou¹⁹³

A temática guerra é uma constatação para a *Inferno no Céu*. Isso mostra quais questões eram abordadas, seja pela mídia no cotidiano dos compositores, seja pelas referências que outras bandas de sucesso traziam em suas gravações. Assuntos externos à realidade brasileira alimentavam as indagações dos jovens roqueiros, no que se refere aos papéis da sociedade em temas sensíveis mundialmente.

Em recorte de jornal preservado no acervo pessoal de Paulo Veras, encontram-se, dentre outros vestígios do rock do litoral piauiense, uma matéria assinada por Danilo Melo, dessa vez, com o pseudônimo “Danilo Brega”. Nesse texto, aborda a trajetória da banda *Inferno no Céu*, ilustrada com fotos da banda e dos integrantes.

Como ponto central de seu texto, está a ideia que define a banda como “rock-engajado”. Para isso, foi levado aos leitores fotos, nomes de shows que participaram e motivo de encerramento das atividades que estavam ligadas à cultura local e perseguição dos denominados “caretas”. Além disso, há uma composição que retratava a relação do local que o rock adquiria naquele momento na região. A letra dizia o seguinte:

Um raio do subúrbio da periferia do interior
 Que era uma turma elétrica que saiu na cidade e estrondou
 Como uma new geração... Não se esquentaram com os préas de paletó
 Só queriam mesmo mostrar seus pedaços e seus nós.¹⁹⁴

Esses comportamentos, ideias e percursos descritos na composição, delimitam, de certo modo, o rock do litoral, e percebe-se que a composição está com voz direcionada aos grupos mais abastados no sentido de crítica social da “turma elétrica”.

Interligadas ao texto que defende uma ideia de rock de protesto na banda *Inferno no Céu*, estão fotos de um ensaio fotográfico da banda que definem quais as suas relações com a realidade social de sua região.

193 Essa música foi divulgada em um vídeo postado na página pessoal de Heráclito Sampaio na rede social Facebook em 7 de agosto de 2018.

194 Canção retirada de uma página de periódico sem datação disponível no acervo pessoal de Paulo Veras, veiculado provavelmente no final da década de 1980.



Figura 4: Banda Inferno no Céu. Retirada de um recorte de jornal do Acervo Pessoal de Paulo Veras.

Diferente da foto da banda Garotos da Estrada apresentada no *Jornal inovação*, essa da banda Inferno no Céu mostra um distanciamento que traz um cenário e contexto para a imagem.

As fotografias usadas em jornais servem como um modo de transmitir, ilustrativamente, uma notícia, considerando sempre os critérios estabelecidos pela imprensa (MADIO, 2007, p.75). Por conta disso, consideram-se significativas as diferenças entre as duas fotos mostradas, estando na Garotos da Estrada uma abordagem mais tímida dos integrantes da banda que causaria menores desconfortos em um possível leitor que não apreciava o rock, além de se relacionar com maior facilidade com a vertente musical seguida no rock que produziam. Esta aproximação é causada principalmente pela grande difusão de bandas de rock nas rádios de toda região.

Caso diferente está na foto da banda Inferno no Céu, apesar de sempre ser citada em notas, matérias, ter recebido premiações, seus rostos não foram estampados na imprensa de grande circulação do litoral piauiense. Isso ocorre por conta da agressividade disposta nas vertentes mais próximas dos estilos extremos do rock, por exemplo, o *heavy metal* executado

pelos jovens na foto que subiam em construções abandonas na tentativa de chamar atenção para a realidade social.

Antes do *Jornal Inovação* a imprensa da região não via estampada nas páginas dos periódicos litorâneos fotos de seus representantes locais do rock. Esse tipo de técnica era usada comumente para mostrar os políticos estaduais e nacionais ou eventos políticos considerados relevantes para o Piauí.

Contudo, apesar do seu “rock-engajado” não ter os rostos de seus feitores estampados na grande imprensa, a banda Inferno no Céu ganhou destaque na música popular do litoral piauiense da década de 1980. Essa afirmação pode ser percebida na citada regravação de uma música em coletânea oficial da prefeitura de Parnaíba na década de 1990¹⁹⁵; na premiação de 1984 feita pelo colunista social Colombo Neto que elencou dentre os destaques musicais a banda¹⁹⁶ e outras participações em ambientes de festivais que alcançavam centenas de pessoas em apresentações.¹⁹⁷

A década de 1980 reservava locais de destaque para o rock na cultura da região. Após o prêmio recebido pela Inferno no Céu, outra banda vinculada ao *heavy metal* aparecia nas colunas sociais do litoral:

No Cenário musical surge mais uma bandinha, e boa. Os Zardoz com apenas três figurantes Jesus, Marcelo e Carlos que vão se apresentar dia 4 de dezembro, no auditório da Escola Normal Francisco Correia.

Os meninos que tocam tudo mas são especialistas em Rock, vão agradar, temos certeza. A sua equipe de produção está composta de Charles, Alberto e Cesar. O empresário é Reginaldo Lima.¹⁹⁸

Cada vez mais apresentações de bandas de rock do litoral aparecia em destaque nas páginas da imprensa. No caso da Zardoz em 1987, já estavam disponíveis um apoio técnico maior para as bandas, que vinham com empresários e produção. Essa notícia aparece na coluna social de Rubem Freitas, mesmo colunista que uma década antes levou aos palcos litorâneos o cantor Raul Seixas, proporcionando referências para a Cena Rock que surgiria.

Em um recorte de jornal presente no arquivo pessoal do músico Paulo Veras, pode ser identificado que a banda Zardoz usava de estética similar a Inferno no Céu em seu material de divulgação:

195 Porto das Barcas. Parnaíba: Prefeitura Municipal de Parnaíba/Serviço Social do Comércio, p1996. 1 disco sonoro.

196 Colombo Neto. Colombo Neto (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 01 de fev. 1984, p. 03.

197 Editorial. Canta Parnaíba. *Jornal Inovação*, Parnaíba, jul-ago-set, 1985. p. 01.

198 Rubem Fretas. Carnet Social. *Folha do Litoral*, Parnaíba, 14 de nov. 1987, p. 03.

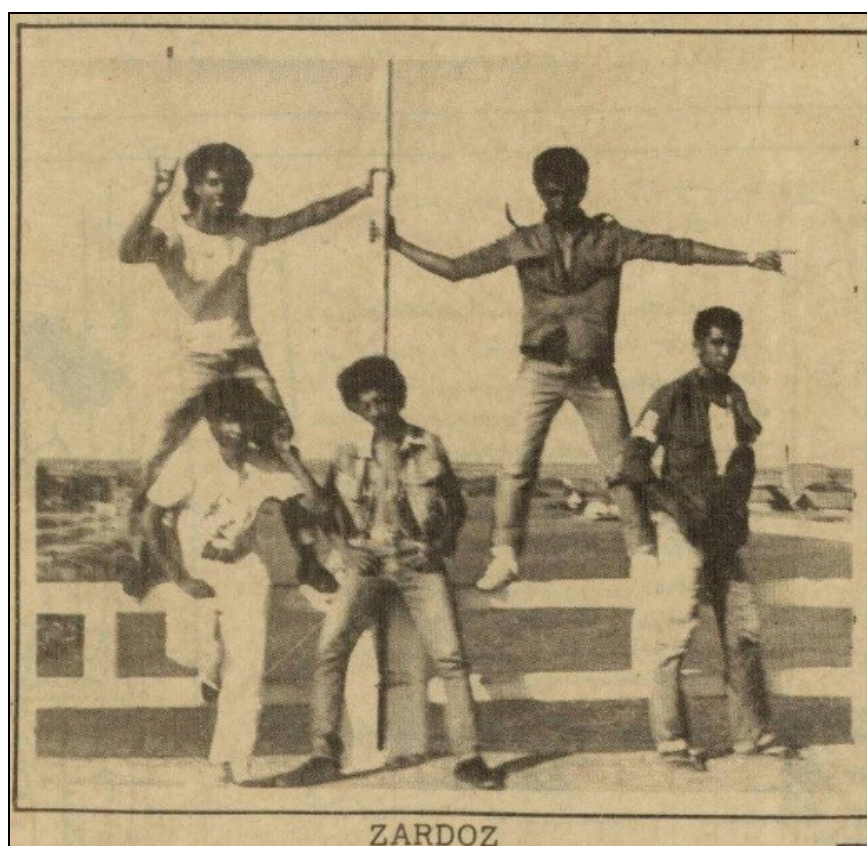


Figura 5: Banda Zardoz em 1987 em foto na ponte Simplicio Dias. Retirada de um recorte de jornal do Acervo Pessoal de Paulo Veras

No cenário da foto está a ponte Simplicio Dias. O historiador Pedro Vagner Oliveira (2017, p.58-68), mostra que a referida ponte e sua importância social e política na década de 1970. Ao mesmo tempo em que fazia a interligação entre os povoados insulares do litoral, ajudando o comércio da Ilha Grande e adjacências, foi uma construção usada como propaganda política aos envolvidos em sua construção, dentre eles o então governador Alberto Silva.

No decorrer das décadas a ponte Simplicio Dias torna-se um patrimônio imaterial da cidade de Parnaíba. Com isso, essa foto junto a da Inferno no Céu exposta anteriormente, mostra a relação que esses indivíduos estabelecerem com as particularidades da região.

Surgindo da periferia do interior/litoral bandas de rock contribuíram nas modificações de estruturas culturais locais, levando esse estilo musical ao status de integrante da cultura local junto à diversidade de sons executados na região. O valor do rock nesses objetivos evidencia a validade dessas práticas quando é feito uso do conceito de “Cena Musical”.

Segundo o músico e comunicólogo Felipe Trotta (2013, p.59), esse conceito se relaciona diretamente às articulações entre território e gênero musical, atravessadas pelas

apropriações culturais. Pensando a partir desta ótica, entender as estruturas formadoras da Cena Rock do litoral piauiense passam diretamente pelo olhar sobre seus personagens e suas práticas.

O rock no litoral piauiense apresenta em suas estruturas associações do local com o nacional e global, estando, no primeiro, sua base de sustentação. Por conta disso, o estilo se relaciona diretamente com as particularidades do ambiente em que está em movimentação formando assim uma “Cena Rock”.

As Cenas musicais são um modo de construir relações entre os indivíduos nas cidades imaginárias, a partir dos modos como os movimentos culturais projetam o mundo e seus afazeres (JANNOTTI JR; SÁ, 2013, p.05). Essas projeções são envolvidas de temporalidades, que se modificam no decorrer das décadas. O que era colocado pelas bandas em apresentações na década de 1980 mostrava percepções possibilitadas pelos contextos vividos e relações que estes participantes estabeleciam com as mídias, sociedade e cultura.

Portando, ficam evidentes, nas composições mostradas anteriormente, projeções de mundo. A partir delas, eram colocadas alternativas e práticas que deveriam ser adotadas pela juventude e sociedade na materialidade do seu cotidiano.

3.3 "Um programa diferente de rock": mídias e a relação do local com o global da música rock no litoral.

O rock esteve presente nas mídias sonoras da região. Durante a maior parte da década de 1970 e 1980, estava em programas que veicularam eventual ou frequentemente os principais sucessos surgidos no contexto da indústria fonográfica nacional.

Na década de 1980, o quadro começa a ampliar-se significativamente no litoral. Programas apareciam com o rock em suas temáticas centrais, atraindo jovens ao mostrar suas ideias e práticas. Portanto, a partir daí o rock ganhou mais força nas ondas sonoras da região litorânea.

Após as práticas de ampliação do rock, no mercado consumidor juvenil, pode ser visto na década de 1980 programas sendo divulgados nos periódicos, dentro e fora dos locais em que predominava a música. Como exemplo, encontra-se, no ano de 1985, no jornal *A Libertação*, a seguinte nota: “*A Rádio Igaraçu Ltda., está apresentando todos os sábados, no*

horário das 17 às 18 Horas, com gravações atualizadíssimas, destinadas à jovem-guarda, o Programa "ROCK IGARAÇU"."¹⁹⁹

Esses programas surgiam nas emissoras de rádio da região como uma alternativa diante do leque de temas tratados por vias sonoras. O rock aparecia ocupando espaço reservado, possibilitando à juventude do litoral uma aproximação de bandas, artistas e discos pelas ondas radiofônicas. Paulo Bastos exemplifica essa aproximação com a música rock por essa via:

Eu me lembro de que eu estava na Rádio Educadora de Parnaíba e existia um programa chamado "O Som Nosso de Cada Dia" que era dia de Sábado pela manhã e certo dia eu fui na Rádio Educadora para assistir esse programa ao vivo e o locutor Bernardo Silva colocou um disco de rock do Led Zeppelin pra tocar a música Black Dog. Então a partir dessa época eu passei a gostar de rock. Acredito que há 30 anos eu escuto rock, de um modo geral.²⁰⁰

Mais uma vez se tem a figura de Bernardo Silva como elemento de difusão do rock no litoral. Estando dentro dos dois espaços (rádio e jornal), influenciava o surgimento desses novos personagens na Cena Rock do litoral. Posteriormente, alguns indivíduos chegariam ao patamar de apresentar programas musicais fato que levou o próprio Paulo Bastos a capitanear um na Rádio Educadora.

Para Vicente (2014, p.102), a década de 1980 foi o período em que novos mercados começaram a ser explorados, buscando faixas etárias ainda não alcançadas em períodos anteriores, tendo como consequências a explosão do rock. Isso proporcionou uma maior difusão e ampliação de mercado para territórios ainda não consolidados, dentre esses locais está o Nordeste brasileiro.

Frequentemente, novos artistas e bandas brasileiras e internacionais eram lançadas por todo território nacional. Com isso, um mercado se abria e as rádios foram importantes nessa abertura, pois era essa mídia pelo Brasil afora que possibilitava os artistas mostrarem seus trabalhos ao público, servindo como uma vitrine que, consequentemente, poderia despertar aceitação, desembocando na venda de discos e novos shows contratados.

Contudo, não somente um viés mercantilizado do rock consolidou-se. Existem também bandas do meio *underground* conseguindo espaço em rádios, no litoral piauiense não foi diferente. Desses programas, um em particular chegou a causar reações negativas de setores conservadores da sociedade, que, inclusive, buscaram silenciar os jovens roqueiros a partir de reclamações à direção da emissora.

199 Editorial. Notícias daqui e dacolá (Coluna). *A Libertação*, Parnaíba, 02 de mar. 1985, p. 05.

200 BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

Naquele momento, mais uma vez o *Jornal Inovação* tem papel no levantar da voz dos jovens que traziam o rock às mídias de massa do litoral, proporcionando um local para respostas serem levadas aos ouvintes e/ou leitores.

No ano de 1985, na edição de número 51, está assinada por Danilo Melo e um dos apresentadores do programa uma matéria com título "Rádio Rock and Roll", em que:

Há seis meses atrás, juntamente com um amigo - Nilson Borges (Nyx Roten)-, conseguimos implantar um programa radiofônico através da Rádio Educadora de Parnaíba intitulado "Radio Rock'n'Roll" e nos propúnhamos fazer um programa diferente de rock; sem preconceitos ou tabus. Entramos no ar aos sábados, a partir das 14:15hs., ao longo desse período conseguimos penetrar na cabeça de muita gente, e, por ser um programa diferente e original, sem qualquer vínculo com o esquema reciclado e enlatado das AMs e FMs, nosso programa vem sofrendo severas críticas de alguns. Acham que somos alienados, que só falamos bobagens... mas se esquecem que, na abertura e no decorrer de cada apresentação tocamos em assuntos como pacifismo, ecologia, arte, cultura, contra-cultura, fome, miséria, etc.²⁰¹

Sendo um revide à sociedade que criticava o programa feito por roqueiros, respondia aos acusadores com questões que colocavam em voga o senso como que o relacionavam à alienação. A temática principal era o rock, mas com ele chegavam inevitáveis questões sociais e culturais proporcionadas pela forte relação do estilo musical com seu tempo e espaço. No entanto, a causa do incômodo era o tipo de música, confronto comum entre sociedade *versus* rock.

No trecho da matéria citado anteriormente, percebem-se os temas considerados como relevantes para envolvidos. Além disso, veiculação de ideias relativas aos temas sociais em contextos globais, nacionais e locais eram pertinentes por mostrar as tensões da sociedade na sua contemporaneidade. Com isso, havia uma percepção política com questões levantadas pelos jovens e que se voltavam para uma busca pela mudança social, que passaria pela população sendo mais amplamente informada. Portanto, essa era a função do programa de rádio coordenado por jovens roqueiros.

Nessa matéria, também se encontra a frase título do trabalho aqui desenvolvido, sendo "Acham que somos alienados". Para além da estética editorial, essa reprodução de pensamento mostra o estigma que o rock no litoral do Piauí carregou perante a sociedade e sua cultura. Na resposta enérgica publicada no *Jornal Inovação* estão os objetivos alçados pelos envolvidos com o rock na região, passando por noções conceituais pertinentes aos embalados pelas ideias trazidas pelo estilo musical.

201 Danilo de M. Souza. Radio Rock'n'roll. *Jornal Inovação*, Parnaíba, jan-fev de 1985, p. 07.

O programa Rádio Rock and Roll é considerado pioneiro quando se trata de programas de rádio feito por jovens envolvidos diretamente com bandas de rock no litoral.²⁰² Ao falar sobre esse espaço na Rádio Educadora, Paulo Bastos²⁰³ situa, inicialmente, como *hobby* de jovens saindo da adolescência. Estavam como apresentadores alguns membros de bandas de rock da região.

No decorrer dos quase dois anos de vida do programa, passaram outros apresentadores combinados a Paulo Bastos. Essa necessidade surgia com a saída de integrantes causadas por estudos ou/e trabalho em outras regiões do Brasil.²⁰⁴

A partir do *Jornal Inovação*, esse programa buscou levar, por meio das palavras de Danilo Melo, um de seus apresentadores, alguns questionamentos sobre o porquê de o rock ocupar espaço na programação de uma rádio na região. Os argumentos colocados levaram em consideração a discussão sobre a cultura nacional colocada em destaque pelos críticos.

Enfim, é preciso termos consciência e respeito. Chega desse pseudo-patriotismo de divulgar só música brasileira, porque a nossa arte não é a melhor, nem a mais perfeita do mundo. Uma cultura completa a outra. Se fossemos realmente o povo mais artístico da face da terra teríamos usado a arte para solucionar nossos gigantescos problemas sociais.

Pra terminar, se fosse pra se tirar das rádios nacionais todas as músicas de influência ou raiz estrangeiras, deveríamos começar pelo samba que é um ritmo nitidamente africano.²⁰⁵

Portanto, como primordial nesses jovens está uma busca pela veiculação da cultura na sua diversidade mundial, saindo de um "pseudo-patriotismo" que elencava como útil a música brasileira. Ouviam-se, nos lares do litoral piauiense, alguns nomes que estavam em destaque no cenário alternativo e *underground* do rock nacional, sendo citadas as bandas Ratos de Porão, Patrulha do Espaço e o cantor Arnaldo Baptista.

Segundo Groppo (1996, p.233), o rock começou a surgir na grande imprensa da década de 1980 menos como importação ou invasão, mas como uma expressão musical que

202 'No primeiro capítulo foram evidenciadas algumas relações do rock com o rádio da região, estando a frente destes programas pessoas que se envolviam com o estilo musical. A diferença em questão é a relação desses indivíduos com bandas, estando como músicos de diferentes estilos do rock. Na década de 1970, não existem bandas de rock em sua essência, estando envolvidas na divulgação desse estilo algumas bandas de baile, levando-o aos *rankings* de sucessos musicais.

203 Paulo Bastos. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

204 Danilo Melo é um dos idealizadores estando entre os primeiros apresentadores, foi candidato a vereador na cidade de Parnaíba no ano de 1988, secretário de cultura da cidade de Parnaíba entre 1993 e 1996, dentre outras atividades na gestão pública no estado de Tocantins. Atualmente é professor na Universidade Federal de Tocantins; Nilson Oliveira ou como era chamado Nyx Rotten foi presente na Cena Rock de Goiás na década de 1990 e atualmente tem estúdio de gravação musical, gravando e produzindo bandas de rock em Brasília e região. Estes são dois exemplos de pessoas envolvidas com o rock e programa na rádio Educadora que tem trajetórias com a cultura em outros lugares.

205 Danilo de M. Souza. Radio Rock'n'roll. *Jornal Inovação*, Parnaíba, jan-fev de 1985, p. 07.

leva ao moderno, enfraquecendo discussões anteriores sobre o verdadeiro nacional-popular na música brasileira. Colaborando com essa percepção, Encarnação (2015, p.181) analisa que o rock, no Brasil, passou por um processo de incorporação da cultura local, levando gírias locais, refletindo sobre as condições sociais brasileiras e adotando tópicos da cultura local em suas composições.

Tensões sobre a relação entre o local e global ao qual se inseria o rock na região, também figuraram em outro momento de resposta a população. No *Jornal Inovação*, mais uma vez, a banda *The Beatles* ganha destaque na diagramação de um periódico litorâneo. A partir disso, existem indícios dos impactos, opiniões e conceitos que o rock adquiria na sociedade local.

Essas inquietudes ficam evidente quando o quarteto de Liverpool é escolhido para ser tema de uma festa em Parnaíba. Poderia ter sido mais um show, onde apreciadores do rock participariam e contemplariam reproduções dos principais sucessos da banda. Lembrando que no Brasil a banda influenciou toda uma geração de músicos na década de 1960²⁰⁶ e demarcou fronteiras na história do rock brasileiro com seu principal eco, a Jovem Guarda.

No entanto, houve mudanças em um possível cenário de calma com a exposição da proposta desse show. Ela girava em torno das relações que poderiam ser estabelecidas naquele momento entre a cultura local (Forró) e a global (The Beatles). A partir disso, alguns questionamentos da sociedade resultaram no texto publicado no *Jornal Inovação*, que trazia como título: "Por que Beatles Forroever". Essa matéria traz os argumentos da proposta que são:

Ao escolher os Beatles para tema de festa numa cidade piauiense, não estamos revelando uma faceta do nosso subdesenvolvimento nem aceitando o eco do imperialismo de nações d'além-mar como poderiam supor alguns xenófobos.

Assim o fazemos porque os Beatles, embora ingleses, foram o maior maior (sic) fenômeno musical do século XX e merecem o tributo da geração privilegiada que os pode "curtir" nas décadas sessenta e setenta.

Por outro lado, somos nordestinos pela vida e pelo rubro sangue que corre em nossas veias. Nossas raízes estão no rumo for all- o forró²⁰⁷

206 Considerando o recorte temporal proposto nesta pesquisa, encontram-se na lista do Nopem a banda e seus integrantes em carreira solo entre os 50 mais vendidos em alguns anos, são eles: 1965 – 6º Os reis do Yê, Yê, Yê (Odeon); 1970 – 7º Abbey Road (Odeon); 50º Instante Karma – Lennon (Apple); 1971 – 3º Another Day Paul McCartney - (Apple); 7º My Sweet Lord – George Harrisom (Apple); 10º Mother - Jonh Lennon (Apple); 49º It D'nt Come Easy - Ringo Starr (Apple); 1975 – 50º Only You – Ringo Starr (Apple); 1982 – 5º Jonh Lennon – Jonh Lennon (WEA). Sobre como a banda atingiu o mercado mundial, ver: Para um melhor esclarecimento desse assunto ver: CHAPPLE, Steve; GAROFALO. Reebe. A música pela música significa mais dinheiro: os anos 60. In: *Rock & indústria: história e política da indústria musical*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 105-172; FRIEDLANDER, Paul. Beatles: O salto definitivo. In: *Rock and Roll: Uma história social*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p.115-150;

207 Editorial. Por que Beatle Forroever. *Jornal Inovação*, Parnaíba, out. de 1985. p. 10.

Na explicação não eram negadas as raízes da cultura nordestina, mas consideravam que essas relações com a música rock não estabeleceriam cisões identitárias, podendo existir harmonia entre o rubro sangue nordestino e o coração roqueiro.

Corroborando a ideia e argumentos expostos na matéria, usa-se do recurso visual em formato de charge, ilustrando bem os alicerces do rock que se consolidava na região.



Figura 6: Charge da banda inglesa The Beatles em formato de banda de forró, retirada do *Jornal Inovação* (1985, p.10.)

Charges eram uma linguagem comumente usada pelo *Jornal Inovação*, ilustrando temas políticos, sociais e culturais. Elas tinham como objetivo direcionar o público às matérias, tornando-se mais que uma ilustração aleatória, carregando intencionalidades pelo caráter de apelo que causavam no leitor (MENDES, 2012, p.105).

Contudo, essa charge mostra mais que um jornal querendo chamar a atenção do leitor, trazendo consigo os impactos da indústria fonográfica, enraizados nos âmbitos regionais brasileiros. Em vários momentos a banda The Beatles esteve presente nas referências expostas em periódicos e programas de rádio do litoral, no entanto nunca se perderam de vista a realidade social e cultura em que se estava inserida. O rock, historicamente, buscou integrar-se na cultura das mais variadas regiões, promovendo relações harmoniosas com a sonoridade

local. Como esse sangue é nordestino, o quarteto de Liverpool está vestido a caráter em terras piauienses.

A tomada de consciência da cultura local em que estão inseridos, mostra que não existem pretensões de negação das raízes regionais, mesmo bebendo das influências externas proporcionadas pela difusão midiática global. Percebe-se, portanto, possibilidades e interpretações do rock junto aos jovens da região, transformando-os de maneira criativa, sempre considerando as particularidades locais.

Atitudes de ordens identitárias ficam claras no proposto pela caracterização em formato de charge da banda The Beatles como banda de Forró. Reportou-se a matéria ao público leitor do *Jornal Inovação* com essa imagem os grandes sucessos musicais, aludindo à instrumentalização feita pela sanfona, zabumba e triângulo.

Os dispositivos midiáticos da época serviram como transmissor junto ao público, difundindo para esse uma introdução às ideias que envolviam o rock e quais as possíveis relações com o ambiente cultural e social que abrangiam a circulação desses veículos. Como exemplo disso, existe uma matéria de página inteira no *Jornal Inovação* que dispôs sobre o que seria a música e comportamento “punk”.

Na mesma edição em que se encontram notícias sobre o show das Diretas Já em Parnaíba, está localizada na seção comportamento mais um texto escrito por Danilo Melo, que estampou no alto da página o título "Raimundo Virou Punk". Essa sintetização da história do punk foi previamente anunciada ao leitor em destaque na primeira página do periódico com o seguinte texto:

CULTURA

Os panques condenavam o capitalismo e o comunismo por suas "propostas fascistas e de alienação das gerações que vieram depois", perdidas no triângulo maconha/carro/mulher.²⁰⁸

O Punk estava sendo divulgado e debatido em espaço delimitado para assuntos determinados como "cultura". Nos dias atuais, essa afirmação e ocupação de locais na imprensa tão amplos torna-se cada vez mais identificável. Porém, quando são colocadas em foco as décadas de 1970 e 1980, muito dificilmente a música rock e suas variações situavam-se nessa seara fortemente ocupada pelo dito nacional.

Apesar do caráter moderno alçado pelo rock na imprensa nacional, existem afastamentos que delimitam o seu lugar restrito na participação cultural. Esses estigmas

208 Editorial. Cultura (Nota). *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de Jul de 1984. p. 01.

carregados pelo estilo musical foram massificados pela imprensa que o relacionava à música alienante.

Os envolvidos em Cenas Rock estão fora de padrões estéticos e ideológicos tradicionais do período, principalmente quando se relaciona ao sonoro, pois não era necessário saber tocar um instrumento musical para compor uma banda de punk, somente era preciso ter vontade e revolta contra os problemas causados pela sociedade e setores políticos.

Percebe-se que a juventude do litoral piauiense não estava indiferente às tendências juvenis e o rock dos grandes centros nacionais, conseguindo alcançar informações que estavam sendo divulgadas nas mídias acessíveis na região. Suas percepções se inseriam sobre a diversidade de ideais carregados pelo rock, exemplo disso está no punk abordado no *Jornal Inovação*. Começavam a ser exemplificados na circulação midiática fatores norteadores da ideia do que era ser roqueiro no litoral piauiense.

Matérias veiculadas sobre o rock no *Jornal Inovação* tiveram elaborações refinadas em sua técnica. Por exemplo, o título impresso em letras grandes e diferenciadas, ocupava um destaque na página e trazia a frase título “Raimundo Virou Punk”. Diferente de outras matérias apresentadas no periódico, essa levava ao leitor uma epígrafe, dando indícios dos alcances almejados na composição. Para além, existe um texto em estrutura de versos musicais, provavelmente tocada por alguma banda da região e com possível resposta para o questionamento: “Por que virar punk?”. Nessa decifração, é levada em consideração a história de vida de Raimundo:

Primeiro Raimundo trabalhava no lixeiro/ Ganhando dez mil cruzeiros/ Depois foi trabalhar numa multinacional/ Lá ele se deu mal/ Raimundo era explorado, trabalhava muito/ Não dava nem pra comer, mas ele queria viver./ Ele ouviu falar em guerra atômica/ Essa doença crônica./ Raimundo cansou de morar na favela/ E ouviu as besteradas das novelas/ Raimundo tinha um filho que já foi até junkie/ Não havia alternativa, nem futuro./ Raimundo virou PUNK/ Mandou os grandes assassinos a T.N.C./ E virou PUNK.²⁰⁹

Ao mostrar com o personagem Raimundo, que sua melhor alternativa seria virar punk, estabelecem-se as definições que o estilo musical proporcionaria. A partir do protagonista da epígrafe, encontra-se o que seria a geração *NO FUTURE* e seu teor da política cotidiana na trajetória e escolhas. Raimundo torna-se representante ideal do público punk, pois ele é transpassado pelas relações entre políticas e sociedade do seu tempo e espaço (BIVAR, 2001, p.50).

Nessa alegoria escrita em 1984, percebe-se o descontentamento social, terreno fértil

209 Danilo de M. Souza. RAIMUNDO VIROU PUNK. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de jul. de 1984. p. 04.

para ideias advindas do movimento punk, proliferando-se, materialmente, na figura de algumas bandas do litoral piauiense. Ao colocar em foco alguém de meia idade, entende-se que todas as faixas etárias podem revoltar-se contra o sistema. Nitidamente, qualquer pessoa que sofresse com as contradições da sociedade e percebesse isso, estaria habilitado e com condições de virar um punk, ajudando na derrubada do *establishment*.

Colaborando para formação do ideário rock no litoral, essa matéria trouxe relações com a localidade, percebidas, por exemplo, na comparação entre o que era ser punk no Brasil e na Inglaterra: “*Ser Punk na Inglaterra é um jeans cheio de buraco, no Brasil são os buracos das nossas cidades. Se punk na Inglaterra são 3 milhões de desempregados que vivem à custa do governo, aqui no Brasil já beira 8 milhões sem emprego e sem futuro previsto.*”²¹⁰

Além disso, esta matéria traz o contexto brasileiro para o punk, buscando responder a sociedade sobre qual utilidade e necessidade de ser punk no Brasil. O rock, no litoral piauiense, pretendia integrar a cultura local, objetivando contribuir para a conscientização da população, mostrando aplicação de suas ideias junto ao social e cultural da região. As mídias (imprensa e rádio) eram os locais em que estava sendo usados nessa divulgação de ideias.

Ao falar sobre o punk no Brasil coloca a seguinte questão:

Pergunto: o que é mais chocante: o visual agressivo dos PUNKs ou os rombos nos cofres públicos? O que é mais pobre: a música punk ou a Simone cantando "Esse é um país que vai pra frente?"

A resposta, com certeza, está na consciência de cada um.²¹¹

Fica o debate que envolve o rock buscado por esses jovens, sendo que, mesmo com influências da indústria cultural brasileira, conseguia manter a consciência da sua participação enquanto agentes de transformação em questões locais e nacionais.

Por conta disso, estavam sendo colocado em questão pelos envolvidos na Cena Rock o local, exemplificado na história de Raimundo. Esse personagem descrito na epígrafe não seria possível em um contexto inglês do modo como foi retratado, para usar um exemplo colocado na reportagem, situando as tensões e a utilidade social de ser punk em terras brasileiras e piauienses, questão respondida no trecho: "Não havia alternativa, nem futuro/ Raimundo virou PUNK".

210 Danilo de M. Souza. RAIMUNDO VIROU PUNK. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de jul. de 1984. p. 04.

211 Danilo de M. Souza. RAIMUNDO VIROU PUNK. *Jornal Inovação*, Parnaíba, 01 de jul. de 1984. p. 04.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizou-se, nesta dissertação, como se estruturaram as relações do rock com a imprensa do litoral piauiense nas décadas de 1970 e 1980, enfatizando as abordagens do tema nas mídias da região. Esta conexão entre música e mídia contribuiu diretamente na formação de um novo leque de referências culturais, influenciando e auxiliando na formação de bandas, grupos, ideias e estilos de vida que muitos indivíduos das décadas analisadas seguem até os dias atuais.

Ao dividir o trabalho em três partes, tendo como bases os jornais *Folha do Litoral*, *A Libertação*, *Jornal Inovação*, buscou-se expor nas análises quais as inserções do rock em espaços e momentos da cultura local. Considerou-se o teor político e de crítica social a juventude carregava, delimitando os marcadores de diferenças estabelecido pelos indivíduos que participaram da construção da Cena Rock do litoral.

Portanto a escolha da organização dos capítulos e sua lógica interna e externa, teve como foco pensar essa relação da imprensa com o rock na década de 1970 e 1980 considerando três pontos de análise estrutural.

O primeiro prioriza o preambular da crítica musical vinculada a juventude na década de 1970 e como ocorrem os contatos com o rock internacional e nacional. Percebe-se com isso as mudanças no cenário musical regional, aproximando o rock das mídias e espaços de lazer.

O segundo ponto mostra as mudanças na indústria fonográfica e cultural nacional na década de 1980, enfatizando pontos que influenciaram as estruturas musicais do litoral piauiense. Neste período se consolidam espaço para o rock em ambientes de lazer geridos pelo poder público e privado. Isto é proporcionado pela necessidade de ampliação do mercado rock, atingindo estruturalmente a cultura local do litoral do Piauí.

Como terceiro eixo dessa relação com a imprensa, ver-se o rock local noticiado nos periódicos, onde ressaltam as suas ligações e particularidades presentes no contexto regional. Mostrar os envolvimento desses personagens em discussões políticas, culturais e sociais, ressalta o manejo feito entre o local e global e configurando a Cena Rock do litoral do Piauí.

Observou-se a cultura do litoral do Piauí pela imprensa apontando indícios de práticas urbanas singulares. Isso possibilita entender quais as percepções da imprensa da região e seus personagens diante da juventude e sua cultura, considerando as tensões dispostas nas relações entre global, nacional e local.

O teórico Raymond Williams (1958, p.05) coloca que: *"Uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo"*. Portanto, defende-se que para o entendimento das práticas culturais contemporâneas da região litorânea, deve ser considerado o rock como um produto de experiências diversas que contribuiu ao individual, coletivo, público e privado.

Por conseguinte, proporcionar esclarecimentos que evidenciam as contribuições em planos individuais e coletivos do rock na sociedade e cultura do litoral do Piauí – dentro dos quais a imprensa da região contribuiu ativamente – coloca em realce os jovens que empunhavam o estilo e buscavam por meio da música ampliar suas vozes em frente a sociedade piauiense.

Com o surgimento na imprensa de personagens que estabeleciam suas ações dentro do universo rock, viabiliza-se a formação de uma Cena Rock, apropriando-se e difundindo o estilo musical que se tornou expressivo, na cultura local nas décadas posteriores no litoral piauiense. Contudo, examinamos, especialmente, as particularidades que determinaram temas, performances e estéticas adotadas perante a sociedade.

Inicialmente, percebe-se como foi a estruturação do rock no Brasil dos anos de 1970 e 1980, considerando a indústria fonográfica brasileira em ascensão e modificação de todo seu aparato técnico e comunicacional. Para isso, foi necessário considerar a chegada dos *casts* de gravadoras no recorte temporal analisado, formado em grande parte por artistas que já haviam alcançado sucesso em outros territórios, tornando-se, economicamente, viáveis em novos mercados da América Latina.

Dentre os vários nomes estrangeiros no mercado fonográfico brasileiro, encontra-se a banda inglesa The Beatles. Chegando aos 50 mais vendidos com diferentes discos nas décadas de 1960 e 1970, modificou as estruturas da música popular brasileira e colaborou na formação de um mercado consumidor juvenil.

Tomando o recorte espacial da pesquisa, bandas de baile do litoral piauiense tinham como elemento norteador de seus repertórios aquelas que alcançavam sucesso nas rádios da região. No entanto, geralmente para uma música ou/e artista chegar às mídias do Piauí deveria ser “testada” nos grandes centros nacionais, ou seja, no Sul e Sudeste.

Construir um mercado consumidor juvenil no Brasil possibilitou o surgimento de intérpretes e compositores do nicho rock com grandes vendas, favorecidos pela criação midiática em torno de alguns artistas e bandas que instigavam e aproximavam seus cotidianos do público – como são exemplos Raul Seixas e Roberto Carlos.

Com novos anseios criados pela aproximação com o rock, a juventude litorânea passou a buscar na música uma alternativa de novas experiências de vida. Estar atento às informações do estilo tornava-se possível para grande parte da juventude pelos veículos midiáticos da região, existindo também aproximações pontuais aos artistas que chegavam à região em turnês esporádicas.

Para além disso, participar dos momentos históricos do rock nacional e internacional ainda era/é para poucos. Os recursos e possibilidades de extrapolar as fronteiras geográficas e econômicas de grande parte da população piauiense eram escassos. Deslocar-se para os grandes centros a fim de assistir aos shows do Iron Maiden, Ozzy Osbourne, Scorpions, dentre outros, ainda estava fora do horizonte de muitos jovens.

Cada vez mais, nomes de artistas e bandas alicerçadas no rock e suas variações surgiam nas mídias nacionais, processo que levou a locais distantes uma música que mudou diversas culturas. Apesar das materialidades do estilo musical em grandes shows, festivais e aparato fonográfico não estarem disponíveis à diversidade de estratos sociais da região, no âmbito local, essa lacuna era preenchida pela veiculação de músicas tocadas nas rádios e leitura de informações veiculadas na imprensa da região, alimentando o imaginário social da cidade e de sua juventude.

A criação de grupos, organização de eventos, formação de bandas, dentre outros, foi viabilizada pela aproximação que as mídias estabeleciam entre a música rock e os habitantes da região. Isso foi nutrido pela/na veiculação de colunas em jornais, contratação de shows, ocupação de espaços culturais, projetos culturais organizados pelo governo estadual e programas de rádio com a temática rock.

Cabe observar que se optou por investigar o rock na imprensa do litoral piauiense como objeto e fonte histórica, buscando entender como se relacionavam em locais específicos temas ligados ao rock e suas variações. A convivência tomava forma nas abordagens do corpo editorial, colaboradores e colunistas dos jornais. Existem nesses periódicos, diferentes tipos de abordagem, referências e conceitos do que era o rock como música e comportamento. Considerando seus contextos, movimentações midiáticas e temporalidades, o estilo musical se molda nas diagramações da imprensa e constroem, conjuntamente, uma definição de rock na região.

No *Folha do Litoral* do início da década de 1970, está um rock com um olhar mais afastado do regional. Isso fica claro ao lerem-se informações de artistas, turnês e festivais em outros países e estados brasileiros. Na segunda metade da referida década, está o rock

nacional em terras litorâneas no momento das apresentações de Raul Seixas, evento que alimenta o imaginário social daquela geração.

No jornal *A Libertação*, no decênio de 1980, está um rock aproximado com o nacional. Esse estilo musical já alcançava com seus artistas um espaço em rádios das diversas regiões do país. Nesse momento, o Brasil encontrou-se com o rock internacional e consolidou alguns artistas brasileiros por meio do Rock in Rio de 1985 e outros grandes festivais. Essas mudanças influenciaram a formatação de políticas públicas voltadas ao lazer no litoral do Piauí, por exemplo, os festivais e shows realizados pelo governo estadual nas praias piauienses, oportunidade para diversas bandas do litoral e outras regiões do estado mostrarem suas composições, além dos eventos contribuírem para a manutenção financeira do rock litorâneo.

Panorama diferente está no rock exposto pelo *Jornal Inovação*. Nas páginas do periódico jovem, pouco interessava o produzido em outros estados e países, pois havia um rock regional e ele alinhava-se com as ideias produzidas nesse veículo midiático. Essas matérias que mostravam o produzido na região apareciam nas colaborações de Danilo Melo, jovem comunicador, membro e entusiasta das bandas de rock do litoral.

Para o historiador Paulo Chacon, o rock é e se define pelo seu público que, por não ser uniforme e variar individual e coletivamente, exige do estilo a mesma polimorfia, para adaptar-se no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e mudanças que os anos provocam de geração a geração. (CHACON, 1985, p.18-19). Por esta ótica, não é diferente a relação que a imprensa traz com seu público, exigindo da composição de um jornal o esforço de constante transformação diante das mudanças que ocorrem na sociedade em que está inserido.

O rock na década de 1960 não era assunto constante e/ou interessante na imprensa do litoral, chegando a ser colocada, conservadoramente, como transgressão social e "mal gosto". A partir da década de 1970, esse quadro é alterado, surgem colunas, matérias e notas em diferentes periódicos, ocupando local de importância em espaços e estabilidades significativas nas diagramações. A música e o comportamento rock alcançaram espaços nas mídias e, conseqüentemente, um público na região.

Conceitualmente, o rock passou por diversas definições nos meios de comunicação da região no decorrer da segunda metade do século XX. Sendo denominado em diferentes momentos de transgressor, moderno, alienado, música para lazer, mau gosto, dentre outros, carregando em seu conceito as inúmeras definições proporcionadas nos diversos contextos.

Esse trajeto conceitual desempenhado pela definição do rock deu-se em conjunto com as mudanças sociais e culturais do Brasil. Além disso, trouxe novas definições no âmbito musical regional, estabelecendo-se como música jovem do litoral piauiense.

Programas de rádio diversificavam seus repertórios e temáticas, representantes de grandes gravadoras traziam para o Piauí a música que estava em alta nos grandes centros nacionais. Com isso, bandas de bailes que frequentavam os espaços de lazer da região viam a necessidade de alterar seus repertórios. Ademais, jovens começavam a se organizar em bandas de rock autoral. A cultura local, no que se refere às práticas musicais, transformava-se e tornava heterogêneo seus sons em larga escala nas últimas décadas do século XX.

Não obstante, críticas sociais relacionadas à capacidade política e comunicacional da juventude foi pauta em vários momentos, havendo diversidade de questionamentos sobre a funcionalidade de um jovem nos periódicos da região. Essa crítica foi feita a J. França, Bernardo Silva, Danilo Melo, dentre outros que buscaram levar aos lares do litoral piauiense o rock e suas variações, além das ideias culturais e sociais que o estilo carrega.

Observa-se que a publicação de notícias sobre o rock na imprensa foi um importante veículo de propagação das tendências mundiais e nacionais com que a cultura brasileira se encontrava. As colunas e matérias davam suporte para divulgação do estilo e seus personagens, anunciando a mais diversa gama de apresentações, muitas vezes longínquas dos habitantes litorâneos. Uma parcela da juventude agora tinha acesso aos comentários sobre acontecimentos e produção musical do rock, informando e motivando.

Com novas referências em mãos, uma parcela da juventude buscou na música e no comportamento rock, alternativas e um modo de potencializar sua voz diante da sociedade piauiense. Isso proporcionou o surgimento de uma Cena Rock, que, em suas músicas e textos, levaram questionamentos políticos, sociais e culturais aos ouvintes e leitores.

As notícias impressas nos jornais analisados, assim como as composições e intervenções, mostram que a questão cultural, social e política das décadas de 1970 e 1980 interessava diretamente aos jovens que escreviam e eram alcançados pelos periódicos. Isso aproximou o rock, condicionando a música como importante setor amplificador de vozes ativas frente as questões vigentes no litoral do Piauí e no Brasil.

Novas possibilidades abriram-se com a inserção do rock na vida cotidiana, principalmente na década de 1980, proporcionando à juventude tornar-se diligente na criação e elaboração de shows e bandas. Alguns setores abastados da sociedade, acostumados com aproximações pontuais do rock com jovens inseridos na alta sociedade do litoral, começam a perceber o crescimento do que seria uma “Cena Rock” local.

A circulação desses personagens, nos espaços culturais do Piauí, levou bandas do litoral inseridas no estilo rock para outras cidades do Estado, dando a possibilidade de percepção do local e social em que estavam inseridos e quais diferenças mantinham diante de outras regiões piauienses. Momentos como esses alicerçaram muitos jovens nas práticas roqueira, que se mantêm ativas até os dias atuais.

Desta feita, a música rock, no litoral do Piauí, consegue, nas décadas posteriores, local cativo na cultura musical local. Isso foi possível pelo seu percurso não só nas fronteiras litorâneas, mas em todo contexto cultural que o rock se inseria na década de 1970 e 1980 nas diversas regiões do território nacional. O rock torna-se habitual nas mídias e espaços de lazer piauiense.

As linhas e ideias propostas no texto da dissertação começaram sua gestação no final do primeiro semestre de 2014, momento da finalização e apresentação da monografia de conclusão do curso de História na Universidade Estadual do Piauí, *campus* Parnaíba.

Para além disso, tem-se na construção e escolhas expostas no texto monográfico e dissertação a minha trajetória dentro do rock no litoral piauiense, unindo ao trabalho de historiador o entendimento dos objetivos, problematizações e motivações que a escolha de dispor esforços para entender a relação do rock com os diversos setores da sociedade e cultura brasileira colocam através do tempo.

Cada vez mais, consolidam-se, no âmbito acadêmico brasileiro, estudos sobre o rock e suas variações, pretendendo entender os contextos sociais, culturais e políticos em que a juventude brasileira transitava.²¹² Portanto, meu intuito foi contribuir e ampliar a compreensão sobre o rock em ambientes regionais e locais afastados do Sul e Sudeste do Brasil, campo pouco explorado pelos historiadores em trabalhos de Pós-Graduação.

Portanto, para além das músicas distorcidas e sons ruidosos, estão incorporadas experiências de lutas, vitórias e derrotas dos personagens envolvidos com a sonoridade e comportamento em diversos contextos, tornando o rock em vetor de mudanças nas relações entre sociedade e cultura.

212 Uma mostra da quantidade de trabalhos produzidos no Brasil sobre o rock e suas variações estão no site: rockhistor.webnode.com. Até o momento foram listados por volta de 300 trabalhos entre dissertações e teses no Brasil e Portugal, considerando as diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. *A Modernização da Imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

ARAÚJO, Thiago Campos. *A cultura headbanger do litoral piauiense: o Heavy Metal parnaibano na primeira década dos anos 2000*. 2012. 41 f. Monografia (Graduação) - Faculdade Piauiense, Coordenação do curso de Licenciatura em História, 2012.

BAIA, Silvano Fernandes. *A historiografia da música popular no Brasil: análise crítica dos estudos acadêmicos até o final do século XX*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

BARREIROS, Edmundo; SÓ, Pedro. *1985: o ano em que o Brasil recomeçou*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BARROS, José D'Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História: uma discussão historiográfica. *Revista Labirinto*, Porto Velho, v. 7, p. 1-28, jan-dez. 2005.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015. p. 114-136.

CHACON, Paulo. *O que é rock*. São Paulo: Brasiliense; São Paulo: Nova cultural, 1985.

CHAPPLE, Steve; GAROFALO. Reebee. *Rock & indústria: história e política da indústria musical*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

CONTIER, Arnaldo Daraya. História e Música. *Revista de História*, São Paulo, n.119, p.69-89, 1988.

COSTA, Fernando Muratori. *Seu gosto na berlinda: Um estudo do consumo musical nos anos 1970*. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2012.

DANTAS, Danilo Fraga. *A PRATELEIRA DO ROCK BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS UTILIZADAS NOS DISCOS DE ROCK BRASILEIRO NAS ÚLTIMAS CINCO DÉCADAS*. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, 2007.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro dos anos 80*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

DIAS, Marcia Tosta. *Os donos da Voz: Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *Rock cá, rock lá: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa – 1970/1985*. 2015. 244 f. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

FENERICK, José Adriano. *Façanhas às próprias custas: a produção musical da vanguarda paulista. 1979-2000*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

_____; MARQUIONI, Carlos Eduardo. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band: uma colagem de sons e imagens. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 5, n. 1, p. 01-20, jan.-mar. 2008.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: Uma história social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Discórdia (in)contida: A Arena piauiense durante a ditadura civil-militar (década de 1970) In: NETO, Mário Danieli; STEFFENS, Marcelo Hornos; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Narrativas sobre tempos sombrios: ditadura civil-militar no Brasil*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

Fundação CEPRO. *Piauí em números*. 10. ed. Teresina: [s.n.], 2013.

GARCIA, Allysson Fernandes. Ainda a cultura popular: uma reflexão sobre história e música. In: BRILO, Cleonora Zicari C. de; PACHECO, Mateus de Andrade; ROSA, Rafael (orgs.) *Sinfonia em prosa: diálogos da história com a música*. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 61-69.

GARCIA, Tânia da Costa. História e Música: consenso, polêmicas e desafios. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemas (org.). *Questões que incomodam o historiador*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 201-222.

GARSON, Marcelo. *Jovem Guarda: a construção social da juventude na indústria cultural*. 349 f. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2015.

GONZALEZ, Juan Pablo. Fazendo história da música com a musicologia em crise. In: GARCIA, Tânia da Costa; TOMÁS, Lia (orgs.). *Música e Política: um olhar transdisciplinar*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 74-96.

GROPPO, Luís Antonio. *O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80*. 1996. 315 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de. Apresentação In: _____. (org). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 05-06.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meios dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

LUNARDI, Rafaela. *Preparando a tinta, enfeitando a praça: O papel da MPB na Abertura política brasileira (1977-1984)*. 2016. 406 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho, A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 61-91, jul-dez. 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MASCARENHAS, Fábio Nadson Bezerra. *Inovadores Parnaibanos: a produção do jornal Inovação em Parnaíba de 1977 a 1982*. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v.13. n.1, p. 133-174, jan-jun. 2005.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. *Acordes na cidade: Música Popular em Teresina nos anos 1980*. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2013.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. *Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba-PI (1977-1982)*. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2012.

MOREIRA, Aldenora Mendes, *Personalidades atuantes na História de Parnaíba: Ontem e Hoje*. Parnaíba: [s.n.], 2011.

MOURA, Gustavo Silva de. *E a cidade estremeceu: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em Parnaíba-PI*. 2014. 89 f. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, Curso de Licenciatura Plena em História, 2014.

_____. *E a cidade estremeceu: História do Rock/Metal no litoral do Piauí nas décadas de 1980 e 1990*. Ed. saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

_____. Historiografia do Rock: outra juventude nos escritos sobre rock parnaibano. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, Irati, v. 7, n. 1, p. 93-106, jan-jun. 2016.

_____. O Rock na pós-graduação strictu sensu da área de História no Brasil: um breve panorama. In: Machado, Estevam H. dos S. (org) et al. *Histórias Online: Discussões Historiográficas na Era do Hipertexto*. Ribeirão: Editora Capibaribe, 2017. p. 115-118.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *História & Música*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. História e música popular: um mapa de leituras e questões. *Revista de História*, São Paulo, n.157, p.153-171, 2007.

_____. *Seguindo a canção: Engajamento político e Indústria Cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2010. (versão revisada pelo autor e disponível em: http://www.academia.edu/3821530/SEGUINDO_A_CANCAO_digital)

_____. “Vencer Satã só com corações”: políticas culturais e cultura de oposição no Brasil nos anos 1970. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.145-174.

NETO, Mário Danieli. Entre a democracia e o autoritarismo: Os planos econômicos de Jango a Geisel (década de 1960/70). In: _____; STEFFENS, Marcelo Hornos; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Narrativas sobre tempos sombrios: ditadura civil-militar no Brasil*. São Paulo: Letra e Voz, 2017. p. 47-72.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. “*Nossos comerciais por favor!*”: A Televisão brasileira e a Escola Superior de Guerra: o caso Flávio Cavalcante. São Paulo: Beca, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. *Mar à venda: pescadores e turismo no "Piauí Novo" (anos 1970)*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro: 1955-65*. São Paulo: Edicon, 1982.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*, São Paulo, v, 12, p. 201-218, mai. 2000.

SAID, Gustavo Fortes. *Comunicações no Piauí*. Teresina: Ed. Academia Piauiense de Letras – Convênio com o Banco do Nordeste, 2001.

SAGGIORATO, Alexandre. *Anos de chumbo: rock e repressão durante o AI-5*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

SBERNI JUNIOR, Cleber. *Nos rastros das pedras: rock, MPB e contracultura no periódico Rolling Stone – 1972*. 2015. 231f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura – Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 243-282.

SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930-1950)*. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Renê. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOBRINHO, Jorge Alexandre F. A. Heavy Metal e performance. In: BRILO, Cleonora Zicari C. de; PACHECO, Mateus de Andrade; ROSA, Rafael (orgs.). *Sinfonia em prosa: diálogos da história com a música*. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 71-84.

SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz de. *A trajetória social de Raul Seixas: uma metamorfose ambulante no rock brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A miséria da teoria. Ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TROTTA, Felipe. Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro. In: JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de (orgs.). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 57-70.

VICENTE, Eduardo. *Da vitrola ao iPod: uma história da indústria fonográfica no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2014.

_____; DE MARCHI, Leonardo. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010: uma contribuição desde a Comunicação Social. *Música Popular em Revista*, Campinas, v. 1, p. 7-36, jul.-dez. 2014.

_____. SEGMENTAÇÃO E CONSUMO: A Produção Fonográfica Brasileira 1965/1999. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 99-117, jan-jun, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos (Culture is Ordinary)*, 1958. Tradução Maria Elisa Cevasco, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-eOrdinaria1> Acessado em 18/01/2015. (Sem publicação).

_____. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FONTES

JORNAIS

Acervo pessoal Marcelo Machado

Folha do Litoral – 1966
 Folha do Litoral – 1968
 Folha do Litoral – 1973
 Folha do Litoral – 1975
 Folha do Litoral – 1978

Acervo pessoal Arlindo Leão

Folha do Litoral – 1976
 A Libertação – 1983
 A Libertação – 1984
 A Libertação – 1985
 A Libertação – 1986
 A Libertação – 1988
 A Libertação – 1989
 Norte do Piauí, 04 de janeiro de 1978
 Norte do Piauí, 18 de janeiro de 1978

Acervo pessoal Lauro Correia

Folha do Litoral – 1967
 Folha do Litoral – 1969
 Folha do Litoral – 1970
 Folha do Litoral – 1971

Acervo pessoal Gustavo Moura

Jornal Inovação – 1977
 Jornal Inovação – 1978
 Jornal Inovação – 1979
 Jornal Inovação – 1980
 Jornal Inovação – 1981
 Jornal Inovação – 1982
 Jornal Inovação – 1983
 Jornal Inovação – 1984
 Jornal Inovação – 1985
 Jornal Inovação – 1986
 Jornal Inovação – 1987

Acervo Pessoal Paulo Veras (Recortes de Jornal com datas indefinidas)

JUNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 01. *O Piaguí Culturalista*, Ano 2, n. 17, mar. 2009, p. 3.

JÚNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 02. *O Piaguí Culturalista*, ano 2, n. 19, mai. 2009, p. 10.

JÚNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 03. *O Piaguí Culturalista*, Ano 2, n. 22, ago. 2009, p. 13.

JÚNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 04. *O Piaguí Culturalista*, Ano 2, n. 23, set. 2009, p. 13.

JÚNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 05. *O Piaguí Culturalista*, Ano 3, n. 26, dez. 2009, p. 5.

JÚNIOR, Mauro. ROCK NA TERRA DE SIMPLÍCIO: Parte 06. *O Piaguí Culturalista*, Ano 3, n. 27, jan. 2010, p. 14.

ENTREVISTAS

Fernando Holanda. Entrevista concedida a João Carlos Araújo de Sousa. Parnaíba-PI, Brasil. 06 de janeiro de 2013.

Paulo Bastos. Entrevista concedida a Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21 de abril de 2010.

Mauro Júnior. Entrevista concedida a Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22 de abril de 2010.

Paulo Veras. Entrevista concedida a Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19 de julho de 2013.

MÚSICAS

Inferno no Céu

Inferno no Céu. Velha Mensagem. Interprete: Banda Artéria. Porto das Barcas. Parnaíba: Prefeitura Municipal de Parnaíba/Serviço Social do Comércio, p1996. 1 disco sonoro, faixa 08.

- Condutores de Cadáver.

Condutores de Cadáver. Regravação disponível em: soundcloud.com/nyx-heavymachinegun/condutores-de-cadaver

Becos Escuros. Letra disponibilizada por Nilson Oliveira para pesquisa, música ainda inédita.

Vida Estranha. Regravação disponível em: soundcloud.com/nyx-heavymachinegun/condutores-de-cadaver-pi-vida-estranha

LISTA

50 Mais Vendidos (L.P, C.S e C.D) do Nelson Oliveira Pesquisas de Mercado – NOPEM, entre os anos de 1965 e 1999, disponíveis em: https://www.academia.edu/28651800/Listagens_Nopem_1965_1999.pdf

ANEXOS

3a Pagina FOLHA DO LITORAL Parnaíba, 25 de Abril de 1973

Rubem Figueira APRESENTA

Carnet Social

JORGE MELO AGRADOU EM CHEIO

O fim de semana que passou foi bem badalado. Sábado, 15 anos de Silvana Maria, filha do Sr. e Sra. Paulo Lima. Sábado ainda, na AABB festa com SHOW de apresentação do artista Jorge Melo Domingo, pela noite, ainda Jorge Melo na FIEMTUR e, à noite, festa de Silvana, filha do Sr. e Sra. Waldemar Justo do M. S. S.

Silvana Maria, filha do Sr. e Sra. Paulo Lima (ela, na foto), foi homenageada (recebeu os amigos na bela residência da Rua Manoel de Sá, 100, em Parnaíba, onde mora) no sábado.

Apesar da forte e longa chuva, a recepção foi bonita, e a festa, muito agradável. Os familiares, a vizinhança, os colegas de Paulo Lima, o Sr. e Sra. Marc Jacob e os colegas de Tereza (mãe de Paulo), os amigos das graciosas debutantes, lotaram a dependência da casa.

NA AABB, sábado à noite, o artista Jorge Melo, cantou de Pipirí e radicando na Guanabara, brindou a cidade com um magnífico SHOW.

No domingo, pela manhã, Jorge Melo se apresentou no show da FIEMTUR, numa homenagem ao Sr. Governador do Estado, em suas ilustres dependências do Hotel.

A apresentação do artista na AABB teve o patrocínio da Sra. Marc Jacob (que faz a gestão) das Casas Moraes Souza, Sra. Franklin Vaz & Cia. e da firma V. Machado & Cia. (Café, Pão e Pão).

LIANE FERRAZ completa, dia 24, quinze risinhos prateados. A comemoração se deu em um fim de ano, segundo nos contou sua mãe, a Professora Lige Ferraz.



BARRACA DOS ESTADOS

BARRACA DO PIAUI

A Sra. Alcina Moraes e Silva, líder da Barraca do Piauí, em Brasília, junho, já começou a exercer o seu trabalho no sentido de conseguir trabalhos de promoção, para que o nosso Estado seja bem representado na promoção.

Trata-se de uma promoção de caráter nacional, e tem como destino a Casa do Candonga, na Capital Federal.

As Patronesses da Barraca do Piauí são as Senhoras G. S. S. e Sra. Alcina Moraes e Silva.

Em Brasília, a Coordenadora, é a Sra. Sofia Pires Costa, e em Teresina Dona Alcina recebeu a Sra. Sofia Pires Costa.

Em Parnaíba, Dona Alcina conta com as Sras. Ilene Jacob e Sra. Machado Melo e Silva, que integram a equipe.

CASAMENTO

No Recife, casar-se-ão dia 10 de maio, Cesar Correia R. e Tânia Resende Machado. A cerimônia de realização, na Igreja de São Pedro das Chagas, no Pólo de São Pedro. Agradeço a todos os presentes.

Na próxima — A linda festa de Silvana.

Semana de religião e civismo

Como nos anos anteriores, foi celebrado dentro de que praticas a Igreja Católica, o aniversário da Semana Santa, tendo sido muito grande a afluência de fieis aos templos sagrados de nossa cidade.

Coincidentemente, recaiu este ano, um dia após a crucificação de Jesus, a data de 21 de abril, que assinala o trucidamento de um dos maiores propagadores da nossa independência política, como foi o protomartir Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Foi assim uma semana de devotamento, onde foram rendidas cerimônias de contrição e passar pela morte do Filho Unigênito de Deus, e de respeito e exaltação ao patriotismo de um dos maiores senão o maior brasileiro sacrificado pela liberdade da sua Pátria, como o f. i. Tiradentes.

As Transas

POP TOPS

J. FRANÇA

All right fellows. Curtição pop!

O deputado Pinheiro Machado (Arena-PJ) teve brilhante comentário sob o texto — «A CAIXA ECONÔMICA E O PIAUI» em que o ilustre político solicita o estudo para a implantação de mais algumas agências daquele estabelecimento creditício, no Piauí.

Trecho do pronunciamento de Pinheiro Machado, na Câmara dos Deputados: «No momento, pop, em que a Caixa Econômica Federal, se populariza nos mais distantes rincões brasileiros, através de uma comunicação de massa das mais interessantes, com o mercado patrocínio de mais variadas atividades desportivas, quer, desta vez, formular um apelo ao eminente Presidente, de Gláucio Marcello Filho, para que determine o estudo de viabilidade de abertura de Agências em, pelo menos, cinco cidades piauienses: PICOS, FLORIANO, OELAS, CAMPO MAIOR e PIRIPIRI».

XXX

«Portugal de Braços Abertos», espetáculo que reúne o cantor brasileiro Ivon Curi e os portugueses, Luis Horta e Amália Rodrigues, está percorrendo as principais capitais do país, estando previsto somente uma apresentação em cada cidade. Vários destes espetáculos estão previstos para o Nordeste.

A direção e os textos do show são da autoria deste bom humor que é Ivon Curi.

XXX

O teleespectador parnaibano passou este final de semana com o viés de seu aparelho de tv no escuro, perdendo, conseqüentemente, os bons programas que são apresentados no domingo.

Enquanto isto, milhares de brasileiros continuam aguardando, com a maior ansiedade, a volta do apresentador Flávio Cavalcanti, através da Rede Tupi de Televisão, que se encontra ausente por alguns dias, pena que terá sua final dentro das próximas duas semanas, aproximadamente, já que mais da metade da pena imposta foi cumprida.

XXX

A briga judicial entre os BEATLES, ao que nos parece, está chegando ao seu final. Segundo declarações de Paul McCartney não existem mais motivos para continuar a confusão, já que o empresário Allan Klein se deliquiu do grupo e é contratado de John Lennon.

Por outro lado, continuam os fãs dos Beatles aguardando a chegada musical em um disco que reuniu três membros do antigo grupo, conforme noticiamos em nossa edição do dia 28/03/73. O único a não participar da gravação do disco foi Paul, que também demonstrou ter contrito a uma nova união do grupo. Segundo ele, todavia, na atual situação, então muito bem.

XXX

O clep, na realidade, pertence ao baterista do conjunto, Ringo Starr, mas durante o julgamento do processo que Paul move, ou movia, contra seus ex-companheiros, aconteceu a tão badalada reunião e John Lennon e George Harrison resolveram colaborar na gravação do clep, sendo que depois foi enviada uma lista da gravação para que Paul colocasse a voz, só que ele não aceitou. (C. Petronio — FIO ESPECIAL-RIIO)

XXX

Começou a ser rodado, no Brasil, o filme que teve setenta e duas horas para que fosse filmado, ao vivo, documentário do Festival Internacional de Música Pop de Monterey, Califórnia.

No elenco, os monstros sagrados da pop music, Jimi Hendrix, Janis Joplin, THE WHO, Otis Redding, Simon and Garfunkel, Eric Burdon, Ravi Shankar, entre outros não menos famosos.

E a partir desta edição, estaremos fornecendo, semanalmente, nesta coluna, o nome de cinco consagrados artistas pop.

XXX

Dando continuidade aos seus compromissos, no Brasil, desde de segunda-feira próxima, terá seu show apresentado no Teatro Musical do Rio, o Royal Ballet de Londres. A temporada será encerrada no próximo domingo.

XXX

Gilberto Gil e o grupo formado por Tuti Moreno, Rubio Sabino, Alípio Milanez e Chico Azevedo, estão se apresentando, em um show sensacional, no Teatro Opinião. Neste espetáculo Gil mostra as suas últimas composições e os novos arranjos feitos para suas velhas músicas.

XXX

Cinco Nomes POP (TOPS) JANIS JOPLIN, JIMMI HENDRIX, ELVIS PRESLEY, JOE COOKER e JERRY LEE LEWIS.

Curso DE Secretariado Executivo (bilingue)

INÍCIO : 02 de maio de 1973
ESCOLA : ROLAND JACOB
MATRICULAS : «ESCOLA ROLAND JACOB» — Fone 1462
DURAÇÃO : 8 meses
HORÁRIO : 18,30 hs. às 21,45 hs.

MATERIAS

- ADMINISTRAÇÃO : Dr. Marc Th. Jacob
- CONTABILIDADE : Prof. Marília
- TAQUIGRAFIA : Prof. Sueli Domingos
- INGLÊS COMERCIAL : Prof. José Domingos
- MATEMÁTICA COMERCIAL : Prof. Martins
- RELAÇÕES HUMANAS : Prof. José Domingos
- PORTUGUÊS COMERCIAL : Prof. José Domingos

CRESCA COM O BRASIL

Poncion Rodrigues & Cia. S. A.

Importação e Representações
Parnaíba — Piauí

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Pela presente convocação, são convidados os Senhores Acionistas para a Assembleia Geral Extraordinária a se realizar na Sede da Sociedade, à Rua São Vicente de Paulo n.º 132, em Parnaíba — Piauí, no dia 30 de Abril do corrente ano, às 15 horas, e fim de deliberar sobre a reavaliação do ativo e balanço encerrado em 31/12/1972, atendendo às exigências da Lei n.º 4.357/64.

Parnaíba, 25 de Abril de 1973

Poncion Rodrigues & Cia. S. A.
Importação e Representações
Poncion Rodrigues
Diretor — Presidente

AVISO

Na mais linda praia do Nordeste a encantadora PEDRA DO SAL, foi inaugurado o aprazível VELEIRO BAR.

Visite Pedra do Sal e conheça o Veleiro Bar, desfrutando de uma manhã de sol e turismo.

Transporte por ônibus, a partir das 7 horas, até às 10 horas, ida, e a partir de 13 até às 10 horas, volta.

Numero avulso Cr\$ 0,40

Página 4 FOLHA DO LITORAL Parnaíba 26 de Julho de 1978

Bernardo Silva

JOVEM

... O mundo tá girando, correndo cada vez mais rápido, matando e morrendo. Mas ainda tá na nossa frente, apesar de matar e morrer ainda faz a nossa cabeça. E você não quer enxergar tudo isso, você só quer ver o mundo do jeito que você gosta, ou seja, totalmente seu. Sabe, cara, eu sei que você sente tudo o que eu sinto. Mas será que isso basta? Será que basta a gente permanecer contemplativo e nada fazer? Você aí, sentado, curtindo a luz de ontem, o sol de amanhã e o ar de toda existência jovem. Será que isso resolve alguma coisa? E, quando cobrarem algo da gente? Sabe, cara, quem vai cobrar não é coroa burguesa que não sabe das coisas não. É o próprio mundo que vai cobrar soluções que não foram baulhadas. É a própria consciência da gente que um dia vai perguntar: «E você, o que fez, para mudar tudo isso?» Escuta, cara, o que você acha da gente parar, pensar e perceber que um dia desses este mesmo mundo que a gente está somente apreciando vai estar nas nossas mãos? Que tal começar a agir, estender a mão para o teu próximo, cuidar daquele pedreiro que está do décimo andar da construção, se preocupar com aqueles poderosos que fazem a guerra durar, durar... Olha, cara, o mar é grande, o sol infinito, mas do jeito que as coisas andam até isso pode acabar. Você não acha que está na hora da gente tomar uma atitude? (Ganso — via «Pop»).

NOITE DE ROCK

A Temporada de Verão 78 experimenta de gonizantes momentos. Hoje, por exemplo, a última tertúlia do Lions Sábado a última festa. E tudo acabou. Pessoal retorna às suas cidades, fim de férias, voltas às aulas, em suma, a ressurreição da velha maratona de sempre. Mas, o Lions Club, através do dr. Carlos Arakn pretende usufruir o máximo deste verão lindo e colorido de nosso litoral, proporcionando à moçada uma finíssima «Noite de Rock», na sexta-feira que antecede a última festa, ou seja, dia 28 próximo. Será um lance de longas alturas pra se fazer a cabeça. Sem dúvida nenhuma o embalo mais quente da temporada. Prêmios aos melhores rockeiros e rockettes da festa. Quatro horas de música chicante mesmo. O som será, como não, poder-se deixar de ser, do «Supersapche», «secredo» de dois cantores sensacionais. As feras que se preparam para mais este embalo no Lions Clube. A quem interessar, os ingressos serão vendidos ao preço único de 30 cruzeiros por cabeça. Tá um bom investimento pra quem quer viver de bem consigo mesmo.

OS DISCOS

Antonio Marcos, depois do sucesso todo alcançado com «Quem dá mais», pinta de lp novo na praça, trazendo gratificantes novidades. Por exemplo: Sua esposa Deborah Duarte participa de umas duas faixas, com seu inegável talento de atriz. O disco traz também uma música que promete emplacar logo logo nas paradas. Trata-se de «Vai meu irmão» de Alberto Luiz, que traz mensagens com a mesma força de «O homem de Nazareth» e «Quem dá mais». E assim vai. Encontraremos também «Os últimos serão os últimos», «Insultos», «Um ano sem você» e outras músicas de autores de muita fé. Wanderley Cardoso, por sua vez, inicia em meados de agosto a gravação de mais um Longplay, com o qual ele promete dar uma guinada de 360 graus em sua carreira. Trata-se do lp «EU», um disco mais de satisfação pessoal do que comercial, onde gravará músicas de Chico Buarque, Caetano e outros compositores de igual importância. O disco deverá ser lançado no início de '79. As declarações nos foram prestadas pelo próprio Vandeco, em recente entrevista a nós concedida.

INOVAÇÃO

Circulando mais um número do badaladíssimo «Inovação». O pessoal abre o bôco e diz o que pensa sem remorso. Com muita coragem. Coisas interessantes são contadas com uma simplicidade excepcional. A cada artigo um troço fantástico. Muita gente boa tem artigos assinados por lá. Leitura aconselhável aos contestadores do sistema vigente (municipal).

IRACEMA

Terminem hoje as filmagens de «Iracema a virgem dos lábios de mel» que estavam sendo rodadas na Ibiapaba, Ubujaia, Boi Morio e outras localidades do interior cearense. O filme baseia-se no livro de José de Alencar que tem o mesmo nome. Do elenco participam, dentre outros grandes astros, Francisco de Franco e Toni Correia.

TURISMO

Ademar Gonçalves Neves Filho

Estamos em pleno verão. Nossas praias: Pedra do Sal, Atalaia, e Coqueiro são invadidas pelos turistas — que têm apreciar a beleza de nosso litoral e nossas gostosas mulheres.

A praia de Atalaia é a mais procurada porque oferece mais conforto aos visitantes com o Motel e seus bares bem instalados, além do mais é servida de água encanada e luz elétrica.

A Pedra do Sal no entanto é a que fascina os visitantes, pela sua beleza. Foi ali que Irajá e Ubi escreveram a mais bela página de amor de nossa história, cuja lenda su descrevi no meu livro Irajá Ubi, lançado pela Editora Pongetti do Rio.

Quando meu livro for divulgado pela PIEMTUR, isto é, com o lançamento de uma nova edição, irá atrair mais turistas.

A praia do Coqueiro é o lugar ideal para as pessoas mais idosas que desejam desfrutar apenas beleza da natureza.

A grande verdade é que nossas praias ficam cada dia mais procuradas não só pelos habitantes dos Estados vizinhos, mas, até da sul de nosso Brasil.

Como a Pedra do Sal é a única praia genuinamente parnaibana esperamos que o nosso prefeito cuide dela com carinho tornando-a mais agradável. A construção de um Motel, ligação de água, luz e telefone deve ser feita o mais rápido possível e inclusive a permissão de construção de casas.

Contraponto opode. litor
Francisco Machado Filho

NETINHO

Já se foi dessa vida, desse mundo. Mal começara a trilhar o seu caminho. Já deixara os seus pais e o seu ninho. Pra dormir o seu sono profundo.

Deus chamara para a eternidade. Pra viver juntinho do Senhor. Pra gozar de sua bondade e amor. Lá num mundo sem ódio e sem maldade.

Lá bem longe... de angústias e tristeza. Só vivendo alegrias e esperanças. Junto a Deus com outros anjos crianças. Ele ora por seus pais com certeza.

Campanha de Convocação da Classe de 1960

NOTA DE SERVIÇO MILITAR

Brasileiro da classe de 1960 e anteriores.

Cumpra o teu dever!

Se fôrte alistado no corrente ano, ou ao 2º semestre de 1977 e ainda em débito com O Serviço Militar, compareça a seleção às sedes do TG 10012 no dia 14 a 19 de Agosto do corrente apresentando o teu Certificado de Alistamento Militar.

O SERVIÇO MILITAR É UM DIREITO ANTES QUE UM DEVER

Rádio Educadora de Parnaíba S.A.

SOM VERDE E AMARELO PENETRANDO EM TODOS OS LARES PIAUIENSES. 37 ANOS NO RAMO DE COMUNICAÇÕES.

FUNDADAS: — ONDA MÉDIA — 3 DE MAIO DE 1940

— ONDA TROPICAL — 6 DE SETEMBRO DE 1943.

ZYL — 893 — 1210 KHZ — ONDA MÉDIA

ZYE 7 — 8365 KHZ — ONDA TROPICAL DE 90 METROS.

ESTÚDIOS Edifício da Associação Comercial de Parnaíba — 1º andar

TRANSMISSORES Ilha Grande de Santa Isabel às margens do Rio Igaraçu.

TELEGRAMA: — «EDUCADORA» — Telefones: — 322 2030 322 2031

Caixa Postal — 136 — Parnaíba — Piauí

PAULO DE ATHAYDE COUTO

ABERTURA (A QUE NÃO É POLÍTICA)

Existe um jornal nanico, em nossa cidade, que está tentando uma abertura nos meios literários de nossa terra. Trata-se, no entanto, do não menos divulgado e comentado jornal ABERTURA que, em sua última edição, publicou uma reportagem feita com os moradores do velho e inacabado prédio onde seria a Alfândega. Em sua próxima edição (a quarta), que sairá no mês de agosto, o jornal ABERTURA trará a segunda parte da reportagem iniciada com o caso do prédio da Alfândega, mostrando agora a problemática dos moradores das docas do Porto Salgado. Trará ainda uma entrevista com o conceituado médico Dr. Cândido de Almeida Athayde, focalizando vários assuntos palpantes e atuais. Esta entrevista focaliza vários problemas dentro os quais citamos o problema das doenças venéreas que volta a preocupar a família brasileira. Assim, o jornal ABERTURA, sempre renovando, entra numa nova fase cada vez mais séria e de interesse da coletividade parnaibana.

SEM CENSURA (COM C)

Na última publicação do COSMO, publicamos um artigo intitulado SEM CENSURA que, por falta da revisão no caso o próprio autor do COSMO, saiu o título SEM CENSURA com S quando o correto, segundo as normas gramaticais, é com C, como está escrito no original que se encontra arquivado na redação deste informativo. Vale salientar ainda que o citado artigo foi escrito no ano passado (um dos primeiros) por este escriba e publicado, na mesma época, no jornal O DIA, da Capital. Sendo mais claro ainda, o já citado artigo foi escrito e publicado antes da liberação da censura prévia ocorrida há poucos dias atrás...

DEBATES CULTURAIS

O GRUPO ABERTURA FORÇA JOVEM será ativado dentro dos próximos dias para debater, em reuniões, e programar dois debates culturais que realizar-se-ão nos dias 10 e 11 do próximo mês (de agosto) nas cidades de Morros da Mariana e aqui em Parnaíba, mais precisamente no bairro do Catendubas no Centro Social Urbano já existente. Estes debates farão parte das festividades alusivas ao Dia da Parnaíba que será comemorado com uma vasta programação, como é feito todos os anos. De já estão de sobressaio os componentes do GRUPO que devem procurar o Secretário do Departamento de Cultura para maiores detalhes...

AVISO

O Presidente da Junta de Serviço Militar, Prefeito do Município, comunica a todos os jovens cujas folhas de classe de 1960 ou anteriores, alistados para o Exército, que compareçam a seleção ao prazo de 14 a 19 de agosto de 1978, na sede de ref-rida Juaze.

Outrossim, esclarece que o não comparecimento a qualquer ato, implicará em torar-lo um elemento em débito com o serviço militar.

«SERVIÇO MILITAR: UM DIREITO ANTES QUE UM DEVER.»

Página 4 «A LIBERTAÇÃO» PARNÁIBA, 04 DE MAIO DE 1988

GRAZIE ITÁLIA

[Maria da Penha]

Da Academia Parnaibana de Letras
—FINAL—
= Pedra que canta =

Às 7.30 horas do dia 27 de fevereiro chegávamos à simpática cidade de Santa Cruz do Rio Pardo e no restaurante La Palma tomamos um delicioso café matinal.

Em seguida continuamos viagem. Os ônibus venciam a distância com rapidez.

Às 12 horas penetramos na grande São Paulo. Verdadeiro colosso; e em pouco tempo desembarcávamos no formidável e gigantesco Aeroporto Internacional de Cumbica, em Guarulhos, São Paulo.

Retirados todos os pertences dos ônibus, foi feita a despedida dos motoristas que tão bem dirigiram o grupo. Pelo ônibus «B» a saudação foi feita pelo Dr. Mala e pelo ônibus «A» falou a autora destas linhas. E emocionado e agradecido falou por todos os quatro motoristas, Marrota do ônibus «A».

Após despachadas as bagagens, fomos diretamente ao restaurante do Cumbica para o almoço com o tradicional bandeja!

A tarde foi livre; muitos foram até a Capital paulista para uma visita ao famoso Eldorado, embora a tarde estivesse fria e chuvosa. Outros ficaram ali mesmo no movimentadíssimo salão do Aeroporto, que por si, já era um divertimento.

Às 18.30 horas novamente no restaurante do Aeroporto; e, às 21 horas já estávamos alojados na aeronave da Varig para o voo São Paulo - Teresina com escala em Goiânia e Brasília. Voo calmo e excelente, e às 2 horas desembarcávamos em Teresina.

Recolhidas as bagagens da estiva, a turma da Capital debandou logo, e a turma de Parnaíba alojou-se no Marimbá que ali nos aguardava. Eram três horas da manhã e logo mais estacionávamos às 7.30 horas ali na Praça Santo Antônio, graças a Deus, foi mais uma excelente e organizada excursão da Atalaia Turismo.

E, aqui ficam os meus agradecimentos aos leitores que me parabenizaram pelas crônicas e equivalentes assim a um grande estímulo e grande incentivo! Agradecimentos ao Adolfo Neto, gerente do «A Libertação», que sempre me recebeu com distinção e hospitalidade que lhe são peculiares!

Meus agradecimentos ao corpo gráfico na pessoa do Sr. Chagas, pela boa impressão das crônicas. Muito obrigada, e até a próxima viagem, se Deus nos permitir!!!

Granja São Francisco
GALETOS, PERU, QUEIJOS E PRESUNTOS, VIVOS E ABATIDOS
Rua Desembargador Freitas, 1033
Telefones: 322 - 2001
322 - 1303
Horário de entrega: de segunda a sábado de 6 às 12 horas.
Parnaíba — Pícuí

Assine este Jornal e interprete a opinião popular

Telhas Tijolos Cimento
Melhor preço
Qualidade
Prazo (4 meses)
Pronta entrega
CONSTRUTORA DA COSTA NORTE LTDA.
Av. PRINCESA ISABEL, 150 — PARNÁUTO. Tel: 322-1080

«LEIA A LIBERTAÇÃO» Número avulso Cz\$ 20,00

MORAES SOUZA LTDA.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Fabricação - exportação e importação de móveis
Telefones: 322/2060 - 2061 - 2062 - 2063 - 2064 - 2065
Rua Duque de Caxias - N. 600
Parnaíba - Pícuí

empolgados pela beleza do show, foram levar o abraço ao ator-cantor.

RICARDO JUNIOR recebendo recomendações para não chorar tanto em seu próximo disco a ser gravado pela RGE, produtora Arlêntica. É que o cantor romântico vive intensamente suas letras, chegando a rolar em prantos nos estúdios.

CIFANO já está com o seu primeiro LP na praça. Muito forró com os sensacionais arranjos do grande saafoneiro, garantem o êxito total no mercado.

JOANNA já gravando pela RCA seu novo disco. Ela regressou de Portugal onde recebeu o reconhecimento com casas cheias em todas suas apresentações. Segundo a crítica foi a mais aplaudida de todos os tempos. Ela merece.

JORGE DÓRIA, FELIPE MARTINS, NÉLIA PAULA, CISSA GUIMARÃES e MONIQUE LA-FUND estão no elenco da peça O TRIBUTO em cartaz no Teatro Vanucci, no Shopping Center da Gávea no Rio de Janeiro. Ingrid Vanucci, diretora da casa está feliz com o sucesso da temporada.

ROCK NA RUA é mais um grupo a despontar no Rio de Janeiro. Sete jovens do distrito de Queimados entre 18 a 25 anos, há dois anos criaram com o incentivo do colega Iran Pinheiro Farias, relação pública, atualmente servindo na Escola de Aprendizagem, Marinheiro do Cesra, o movimento que já foi mostrado no Estado do Rio, Minas Gerais, Rápido Sauto e Interior de São Paulo. Pela CBS está gravando entendimentos para a gravação do primeiro LP do ROCK NA RUA. A receptividade do público é das maiores, segundo Iran Farias que pretende logo que for lançado o disco trazê-los ao Cesra para um show de praia. ROCK NA RUA é formado por Marcelo (Vocal), Himeres (Guitarra - solo), Serginho (Guitarra - base), Saulinho (Bateria), Carlinhos (Baixo) e Mia (Vocal). Marcelo é o idealizador e líder do grupo.

Correspondências para a coluna: Rua Padre Maroto, 1060 - Centro CEP: 60.000-Fortaleza - Ce. Fone: 085.223.7630

Everaldo Lobato, o maior comunicador de Belém esteve a convite do cantor Alípio Martins visitando Fortaleza. Em companhia da esposa Franco e o Alípio com o filho Marcelo e Myriam, surtiram as praias e foram com o casal paraense visitar a Biblioteca Circulante, aproveitamos para colocar Everaldo Lobato e Alípio Martins para serem entrevistados pelas emissoras Educadora e Igarapé. Everaldo tem um programa de rádio além da TV Cidade onde todos os dias tem uma espetacular audiência no auditório com grandes atrações. A convite de Everaldo Lobato estamos em Belém no início de maio para uma entrevista sobre o trabalho da Biblioteca Circulante.

Elaine percorrendo a região amazônica para divulgar seu novo disco lançado pela RCA. De Hermelinda e cantora cearense gravou Vamos Chamegar que está agitando de Norte a Sul. Parnaíba está no roteiro promocional.

FABIO JUNIOR teve sua estréia no SCA-LA 1 do Rio de Janeiro, uma imensa fila de celebridades para cumprimentos. A cantora Rosana e a atriz Iva Nino entre outras e fãs